

JANUSY MARA DE ALENCAR ALMEIDA

**A HISTÓRIA DE JOVENS COM EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO
INSTITUCIONAL, TENDO COMO PANO DE FUNDO O CONCEITO DE
NATALIDADE EM ARENDT**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica na linha de pesquisa: Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Dalla Barba Walckoff.

RECIFE
2018

JANUSY MARA DE ALENCAR ALMEIDA

**A HISTÓRIA DE JOVENS COM EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO
INSTITUCIONAL, TENDO COMO PANO DE FUNDO O CONCEITO DE
NATALIDADE EM ARENDT**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica na linha de pesquisa: Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Aprovada em:

Recife, 05 de abril de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Simone Dalla Barba Walckoff
(Orientadora – UNICAP/PE)

Professor Dr. Moab Duarte Acioli
(Examinador interno – UNICAP/PE)

Professor Dr. Élio Braz Mendes
(Examinador externo – TJ/PE)

DEDICATÓRIA

A todas as crianças, adolescentes e suas famílias
que, desde a rua, me ensinaram sobre *amor mundi*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos coautores dessa pesquisa, Mãe, Família e Esperança, que aceitaram narrar suas histórias para esse trabalho e disponibilizaram seu tempo para lembrarem o passado, bem como lançarem luz ao futuro.

À minha extensa família, que desde a origem se responsabilizou por mim e me apresentou o mundo comum, apesar de todas as dificuldades materiais do percurso, nunca deixou de lutar para que eu pudesse, um dia, começar novas ações no mundo.

Às minhas amigas-plantonistas Rafaela Santos, Carmen Sandra, Rafaela Nóbrega, Patrícia Pinho e Silvia, presenças mais do que presentes durante a travessia de uma margem à outra do rio.

À Rose Reiger, pela cumplicidade no percurso profissional e pessoal.

Aos revisores dedicados Pablo Braz e Alzir, pelas inúmeras discussões, pela paciência e presteza. As Rafaelas amigas-plantonistas também fizeram parte desse grupo.

À Vinícius Ramos, que editou, pacientemente, mais de mil vezes a devolutiva da pesquisa. Sua disponibilidade tornou-a ainda mais tocante.

Ao meu amado companheiro de existência, Jaime Aragão, que suportou, ao meu lado, todo o processo do pesquisar com paciência, serenidade, sabedoria e leveza, acolhendo-me todas as vezes que precisei.

Aos funcionários da Universidade Católica de Pernambuco Nélia, Ceicinha, Carlinha, Maria e Dani pelo apoio e acolhimento incontestes.

À minha orientadora Simone, que me ensinou a deixar a vida vivida guiar essa pesquisa. Ela soube, desde quando falei pela primeira vez da minha experiência profissional, o que eu pretendia: realizar uma pesquisa que me possibilitasse compreender uma prática comprometida com a realidade do meu tempo. Ela me deslocou das minhas certezas, foi o moscardo socrático na minha tentativa de compreender a experiência de pessoas com histórias tão difíceis. Se a minha pele não fosse tão resistente, aprenderia ainda mais com essa arraia elétrica que me espanta sempre que me convida à reflexão. No percurso dessa pesquisa, sempre que eu chegava com alguma questão, ela caminhava comigo e chegávamos noutra lugar, diferente, mas não definitivo. Ainda assim, Simone nunca

desconsiderou o que eu levava, ela me ajudava a repensar de outras perspectivas. Experiência difícil, mas extremamente profícua.

Ao examinador externo professor Dr. Élio Braz Mendes, pela abertura para o novo, que se desdobrou em leitura atenta e análise criteriosa do presente trabalho. Aos professores José Sérgio Carvalho e Moab Acioli, que na qualificação se mostraram sensíveis à proposta da pesquisa.

Não posso deixar de agradecer às crianças que estiveram bem perto de mim enquanto eu escrevia, me tatuando com sua alegria, simplicidade e esperança. Foram elas: Francisco, Alícia, Letícia, Bruna, Luana, Diogo e Vitor.

Pesquisar foi difícil para mim. Para começar e terminar tal percurso me apoiei na espiritualidade. Meu olhar para ela é plural. Por isso, me curvo a todas as Nossas Senhoras que me ampararam sempre que precisei; à Mãe Valda que me apresentou Iansã, minha primeira mãe, e Iemanjá, aquela que me protege. Aos espíritos de luz, que apareceram quando pensei que não conseguiria escrever esse trabalho e lançaram sobre mim a luz da sabedoria.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilitou financeiramente a materialização dessa pesquisa.

EPÍGRAFE

Pelo fato de que constantemente nascem seres humanos no mundo, o tempo está sempre aberto a um novo começo: aberto à aparição de algo novo que o mundo deve ser capaz de receber; ainda que para recebê-lo tenha que ser capaz de renovar-se; aberto à vinda de algo novo ao qual o mundo deve ser capaz de responder, ainda que para responder a ele deva ser capaz de colocar-se em questão.

Larrosa (2004)

RESUMO

O presente estudo teve, como objetivo, compreender a história de três jovens com experiência de acolhimento institucional, tendo como pano de fundo o conceito arendtiano de natalidade. Trata-se de uma pesquisa de cunho fenomenológico, qualitativa e interventiva a partir da narrativa dos jovens, para compreender suas experiências. A análise das narrativas revelou que algumas condições fundamentais para que os jovens pudessem iniciar algo novo foram a coautoria e uma formação educativa que possibilitasse que eles fossem marcados e apresentados ao mundo de outros modos. As narrativas revelaram a importância da instituição de acolhimento como coautora na história desses jovens. Por fim, os narradores ofereceram as pistas sobre os movimentos que experienciaram na instituição e que foram marcantes para que eles se tornassem quem são: a presença de profissionais que se comprometem não apenas com os acolhidos, mas também com suas famílias; o respeito e a consideração às demandas peculiares de cada acolhido e membro familiar; a importância da presença de olhares de confiança, em contraposição ao olhar de julgamento e punição; a relevância do diálogo constante em substituição à violência e ao castigo; e, por fim, a certeza de que todos os adultos envolvidos nos cuidados com os acolhidos são coautores na história deles. Tal coautoria possibilita novos modos de relações com os outros, com o mundo e consigo mesmo.

Palavras-chave: Acolhimento - crianças e adolescentes. Educação - Hannah Arendt. Crianças e adolescentes - Hannah Arendt.

ABSTRACT

The aim of the present study is to understand the story of three young men with an experience of institutional refuge. Its background is Hannah Arendt's concept of natality. This research is of a phenomenological, qualitative and interventive nature, which parts from the young people's narrative to understand their experiences. The analysis of the narratives revealed that some fundamental conditions for the young people to begin something new were co-authorship and an educational formation which made it possible for them to be marked by and presented to the world in a different way. The narratives revealed the importance of the institution Home as co-author in the history of these young people. Last but not least, the narrators offer trails about the experiences they made in the institution and which were decisive for them to turn into the people they are now: the presence of professionals who do not only commit themselves to the people sheltered, but also to their families; the respect and consideration for the individual needs of every sheltered person and family member; the importance of the presence of confiding looks opposed to judgmental and punishing looks; the relevance of the substitution of constant dialogue in the place of violence and punishment, and, finally, the certainty that all adults involved in the care of the sheltered are co-authors of their story. This co-authorship makes new ways of relationships with others, with the world and with oneself possible.

Key-words: Sheltering – children and teenagers. Education – Hannah Arendt. Children and teenagers – Hannah Arendt.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 NO PASSO DA ESTRADA.....	12
2 MÉTODO: VEREDAS	17
2.1 <i>Cartografia.....</i>	18
2.2 <i>Diário de bordo.....</i>	20
2.3 <i>Prática clínica e pesquisa.....</i>	20
2.4 <i>Pesquisa interventiva</i>	22
2.5 <i>Compreensão.....</i>	23
2.6 <i>História</i>	25
2.7 <i>Narrativa.....</i>	28
2.8 <i>Historiobiografia</i>	31
2.9 <i>Encontros</i>	33
2.10 <i>Espectadores</i>	35
3 FESTIVAL DA VIDA: CENÁRIOS, ATORES/ESPECTADORES E NARRATIVAS	37
3.1 <i>Instituição Lar</i>	37
3.2 <i>Apresentação dos atores/espectadores</i>	41
3.3 <i>Onde tudo começou</i>	44
3.3.1 <i>Esperança</i>	44
3.3.2 <i>Mãe</i>	48
3.3.3 <i>Família.....</i>	51
3.4 <i>Acolhimento.....</i>	53
3.4.1 <i>Esperança</i>	54
3.4.2 <i>Mãe</i>	58
3.4.3 <i>Família.....</i>	61
3.5 <i>Desdobramentos atuais.....</i>	65
3.5.1 <i>Esperança</i>	65
3.5.2 <i>Mãe</i>	66

3.5.3 Família.....	68
3.6 <i>Devolutiva: análise inicial do fenômeno</i>	70
4 HISTÓRIAS QUE AS NARRATIVAS CONTAM	79
4.1 <i>Origem/ rua</i>	79
4.2 <i>Coautoria</i>	90
4.3 <i>Novos inícios</i>	98
5 CORTINAS SE FECHAM... E SE ABREM	107
REFERÊNCIAS.....	110

Apresentação

A minha questão de pesquisa surgiu dos movimentos da vida: os meus, das crianças e adolescentes, das suas famílias e dos atores institucionais que acompanhei ao longo de dez anos de experiência profissional.

A presente dissertação não foi organizada no formato tradicional. Assumi a proposta da cartografia, que propõe uma reversão metodológica (*hódos-metá*)¹ no processo da investigação. Assim, fui para o campo deixando que o caminho orientasse meus passos.

No percurso investigativo, convidei alguns jovens para narrarem suas experiências desde a origem até os dias atuais. A partir dessas narrativas e da minha análise inicial (devolutiva), elegi as reflexões da pensadora política Hannah Arendt e seus estudiosos que pudessem possibilitar a compreensão do fenômeno investigado. Assim, a análise do fenômeno se constituiu do diálogo entre as narrativas dos jovens e de pensamentos de autores que iluminaram a compreensão da minha questão de pesquisa.

Por fim, reitero que o leitor não encontrará a apresentação convencional desse tipo de trabalho. Nessa dissertação, inicialmente, apresento o espanto inicial que me convocou a pesquisar; no segundo capítulo discorro sobre o método; no terceiro capítulo apresento as narrativas dos participantes e no último capítulo trago a análise do fenômeno, entrelaçando a algumas reflexões teóricas.

¹ PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides, 2015.

1 No passo da estrada²...

Às voltas com as obrigações do tempo acadêmico, percebo que não sei como iniciar a narrativa. Busco inspiração na literatura. Encontro João Guimarães Rosa e seu romance *Grande Sertão: Veredas*, em cuja apresentação do livro Paulo Rónai me desnuda: “[...] a história tarda a começar, o narrador parece experimentar vários rumos, embrenha-se num atalho, marca passo, desvia-se, volta ao ponto inicial, recomeça a ação, parece fragmentar-se num labirinto de episódios desconexos” (2015, p. 13).

Preciso assumir a narração. Retomo, assim, minha trajetória, o que me convocou a fazer o mestrado. Walter Benjamin (2012, p. 221) coloca que “É uma inclinação dos narradores começar sua história com uma descrição³ das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, isso quando não atribuem essa história simplesmente a uma vivência própria”. Concordo com ele e digo que farei as duas coisas. Irei narrar o que me contaram e também a minha experiência, tornando-me, assim, simultaneamente, ouvinte e narradora.

Inevitavelmente sou tomada pela lembrança de que o trabalho com crianças e adolescentes durante o período de dez anos, perpassando por três momentos distintos de suas vidas – quando viviam na rua, quando estiveram acolhidos, e após saírem do ambiente de acolhimento – me convocaram a ouvir e recontar algumas dessas histórias.

O ano era 2007, cursava os últimos períodos da graduação em Serviço Social. Ansiava por estagiar, e fui informada de que uma instituição que trabalhava com crianças e adolescentes estava selecionando estudantes. Liguei e marquei uma entrevista. No dia combinado, caminhei ofegante e apreensiva, e um pouco perdida, pela bela e histórica Rua da Aurora. Tinha, ainda, a companhia do Rio Capibaribe. Ao rememorar a cena e o cenário, percebo que naquela caminhada eu estava me preparando para o que viria. Já nos primeiros contatos com a prática profissional intuí que ali começava algo que me convocaria por longo tempo.

² O título foi inspirado na música “Andança” de autoria de: Paulo Tapajós Gomes Filho, Edmundo Souto e Danilo Caymmi e popularizada na voz de Beth Carvalho.

³ A palavra “descriptio” é de origem latina e significa contar sobre algo detalhadamente. O dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano (2007) coloca que o sentido da palavra se refere a um discurso que singulariza e distingue, diferentemente da palavra “definição” que fala de uma essência universal.

Na primeira vez em que fui ao centro de acolhimento tive a impressão de que o lugar havia sido escolhido para esconder os meninos da sociedade. Era longe, de difícil acesso, muito isolado. Além disso, era cercado por grande área verde. Essa primeira impressão durou pouco tempo, pois logo descobriria que todas essas características eram o diferencial para aqueles pequenos que desde cedo haviam sido lançados na rua e à sua excessiva exposição.

Ao longo dos dez meses de estágio, estive no espaço poucas vezes. Apesar de ser uma casa de acolhida, eu e a assistente social não tínhamos muito acesso aos meninos que estavam lá. Nossa atuação restringia-se à visita das famílias dos acolhidos, com vistas à identificação de demandas e possíveis encaminhamentos à rede socioassistencial, sem interrelações entre equipe técnica, acolhidos e famílias.

Em 2008, já formada em Serviço Social, fui convidada pela Instituição Lar⁴ para compor a equipe de trabalho com atuação na rua. Assim, passei a trabalhar diretamente nesse ambiente, juntamente com um novo educador social, Artesão, que me ensinou tudo que sei sobre o trabalho pedagógico com tal público.

Eu e Artesão começávamos a aproximação⁵ nas ruas de Recife às 16:00hs e tentávamos encerrar às 18:00hs. Os lugares eram escolhidos de acordo com as andanças da equipe pela cidade durante o dia. Lembro que na rua algo me conectava às pessoas que ficavam a nossa volta. Com o tempo descobri que eu via apenas o óbvio. Era nossa humanidade que dava o tom dos encontros. Enquanto estávamos ali – a equipe, as crianças e adolescentes –, nada em volta me importava. No primeiro momento, quando eu não conhecia a pessoa e nem ela a mim, nos olhávamos com desconfiança. Mas com apenas um gesto de qualquer uma de nós, surgia alguma abertura, a confiança mínima necessária para estabelecer os primeiros diálogos. Uma das questões que pareciam facilitar essa aproximação era quando as próprias pessoas com vivência de rua nos apresentavam às outras.

No entanto, quando as atividades acabavam, eu não conseguia fazer mais nada. Em casa, eu tomava banho, me deitava, e uma espécie de falta de

⁴ A instituição pesquisada será nomeada Lar.

⁵ Aproximar: (Do latim tardio *aproximare*, do latim *proximus*, -a, -um, o mais perto, muito próximo).

1. Trazer para mais perto. 4. Acercar-se. (APROXIMAR, 2017).

interesse em minha vida me tomava ao imaginar aqueles pequenos seres humanos desprotegidos, deixados no mesmo lugar que os encontrei – na rua. Ao mesmo tempo eu tentava compreender as razões pelas quais eles deixaram a segurança e a proteção de seus lares e foram para a rua. Agora recordo das condições de vida dessas famílias, o que me leva a questionar: qual lugar parecia ser menos difícil de viver: a rua ou o lugar que nomeamos casa, incluindo as condições objetivas e de convivência?

Nas visitas a essas famílias nos deparávamos com pessoas extremamente vulneráveis não apenas em condições materiais. Era muito mais. As famílias não acreditavam nos meninos que estavam na rua. Na verdade, pareciam não ter fé em mais nada na vida, apenas na cesta básica, na ajuda para comprar o gás, um remédio, ou qualquer coisa na enorme lista de carências materiais. E era por esse caminho que eu tentava me aproximar delas.

Arrisco dizer que as pessoas que estão na rua não participam da vida da comunidade onde moram. Não tenho dados estatísticos, mas pela experiência posso afirmar que a maioria das famílias dos meninos que atendíamos são os excluídos⁶ dos excluídos. Quando chegávamos em uma comunidade de baixa renda podíamos identificar que as famílias que acompanhávamos moravam nas piores ruas, nas casas ou barracos mais precários, com pouquíssimo ou nenhum diálogo com a rede de apoio local. Tal realidade se exemplifica no fato de que quando nos reportávamos a algum morador pedindo informações sobre determinada família que pretendíamos visitar, eles nos diziam que tais pessoas moravam na ‘favela’, como se eles também não morassem no mesmo território, indicando essa separação dentro da mesma área de abrangência. Se íamos à escola pedir informações sobre as crianças dessas famílias, elas eram apontadas como aquelas que quase não frequentavam as aulas, não acompanhavam a turma a qual estavam inseridas, eram bagunceiras, além de agressivas. A renovação da matrícula dessas crianças era dificultada por esses motivos, o que nos obrigava, muitas vezes, a recorrer à justiça para garantir o direito ao acesso, ainda que a própria criança não conseguisse ficar, possivelmente em decorrência dessa exclusão, às vezes dita, outras vezes oculta, nas relações. A maioria dessas famílias não eram acompanhadas por agentes de saúde da

⁶ A exclusão para nós implica a falta/precariedade do trabalho, da cidadania, da cultura, das relações familiares e comunitárias e da existência humana.

comunidade e nem por outros atores da rede por serem consideradas descompromissadas, desleixadas, sem adesão aos possíveis tratamentos indicados.

Diante de tal realidade, fui confrontada com o que ouvi na universidade e a vida na sua mais completa dureza, e gradativamente fui me distanciando da teoria e me deixando guiar pelo encontro com as pessoas que eu atendia aonde quer que fosse, considerando a peculiaridade da experiência⁷, que nunca é universal.

Enquanto me questionava sobre a prática, na Instituição Lar houve mudança de coordenação e, concomitantemente, outra perspectiva pedagógica. Naquele período fui convidada a ampliar minha atuação. Além das visitas às famílias e da aproximação nas ruas, eu atenderia os meninos acolhidos. Assim, comecei a ter um olhar ampliado sobre o trabalho que realizávamos.

Essa nova perspectiva tornou mais explícita minha inquietação quanto à compreensão do trabalho que fazia. No ano de 2010 decidi voltar para a universidade, elegendo o curso de Psicologia. Foi impactante me deparar com tantas visões de mundo, que me pareciam, em boa parte, distantes da realidade das pessoas com as quais eu trabalhava. Levei quatro longos anos até chegar a algumas disciplinas que acolheriam as questões que me convocaram a escolher essa nova graduação. O principal rompimento foi no estágio obrigatório, quando a minha supervisora, Simone Walckoff, me apresentou as possibilidades de refletir sobre a prática psicológica a partir da pensadora política Hannah Arendt. Atendíamos na clínica da universidade e discutíamos sobre essa prática em supervisões coletivas, com vistas a ampliar nosso olhar sobre as questões que nos chegavam a partir dos pacientes. O grupo era composto por estudantes da graduação, voluntários e pesquisadores da Pós-graduação.

Tanto as discussões da clínica quanto da pesquisa iluminaram minha prática com crianças e adolescentes acolhidos, me convocando a tentar compreender o trabalho desenvolvido. Enquanto acompanhava o cotidiano dos meninos e de suas famílias, me intrigava o modo como alguns deles chegavam na Instituição Lar, como depois eram desvinculados e como conseguiam reiniciar suas

⁷ A experiência soa a finitude. Isto é, a um tempo e a um espaço particular, limitado, contingente, finito. Soa também a corpo, isto é, a sensibilidade, a tato e a pele, a voz e a ouvido, a olhar, a sabor e a odor, a prazer e a sofrimento, a carícia e a ferida, a mortalidade. E soa, sobretudo, a vida, a uma vida que não é outra coisa que seu mesmo viver, a uma vida que não tem outra essência que a sua própria existência finita, corporal de carne e osso. (LARROSA, 2011, p. 24).

vidas. Mas não era só isso. O Lar estava apontando para um modo de acolher que eu não conhecia até então. Sua proposta parecia diferente, radicalmente nova. Essas duas questões culminaram no meu problema de pesquisa, que foi “Como compreender a história de jovens com experiência de acolhimento institucional tendo como pano de fundo o conceito de natalidade em Arendt?” Meu problema teve, assim, três dimensões: os jovens, o Lar e a natalidade.

Para Arendt a natalidade diz respeito ao duplo aspecto da existência humana: o nascimento e o poder de iniciar algo novo. A autora coloca que “O novo começo inerente ao nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir” (2016, p. 11). A ação à qual Arendt se refere não é qualquer ato, mas aquele que inicia algo novo, que interrompe a rotina, o fluxo contínuo da biografia. É nesse poder de iniciar algo novo que a natalidade se radica.

Narrar sobre o vivido pode possibilitar que os homens assumam a autoria dos feitos que iniciam. Assim, a proposta de narrar a história, juntamente com seus heróis, é uma tentativa de impedir que ela desapareça, seja esquecida ou silenciada, para que ganhe alguma imortalidade e, quiçá, possa servir de inspiração para aqueles que se propõem a apresentar o mundo humano às crianças e adolescentes, especialmente na modalidade de acolhimento institucional. Diante disto, antes de seguir com esta narrativa, lembro a recomendação de Benjamin (2012, p. 221) “[...] quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”.

2 Método: Veredas⁸

Ao evocar, em pensamento, o caminho/método para refazê-lo, não estou sozinha. São muitas horas de pessoas, coisas, narrativas e teorias atravessadas pelo tempo. Nesse re-pensar muitos outros se fazem presentes: os jovens, suas famílias, entes institucionais e autores que contribuíram com as reflexões propostas nesse trabalho. Portanto, daqui em diante, apresentarei o percurso que fiz para compreender a história de jovens com experiência de acolhimento institucional, tendo como pano de fundo o conceito de natalidade em Arendt, e as três dimensões que a questão abarcou: os jovens, o Lar e a natalidade.

Critelli (1996) coloca que para começar uma investigação devemos indicar nossa compreensão de mundo, pois ela ilumina todo o trajeto da interrogação em qualquer perspectiva que se pretenda seguir. Assim, discorrerei sobre a compreensão que balizou minha questão de pesquisa fundamentada no pensamento arendtiano.

Conforme afirma Arendt (2002a, p. 17), “Ser e Aparecer coincidem”, pois seres sensíveis “não estão apenas no mundo, eles são *do mundo*”. Aparecemos e somos percebidos simultaneamente. Tudo o que vejo é visto por mim e por outros, e isso torna o mundo real.

Quando nascemos já nos deparamos com um mundo composto por bens, dispostos pela natureza e também construídos pelas mãos humanas, que só aparecem para seres vivos dotados de órgãos dos sentidos, que além de perceberem também reagem. Um mundo que já está pronto quando nele chegamos de lugar nenhum e que permanecerá após a nossa partida. Arendt ainda destaca a diversidade e sensorialidade das criaturas vivas, que percebem o mundo de diferentes formas e vivem cada uma à sua maneira. A autora afirma que “[...] nada do que é, à medida que aparece, existe no singular; tudo que é, é próprio para ser percebido por alguém. Não o Homem, mas os homens é que habitam este planeta. A pluralidade é a lei da Terra” (ARENDR, 2002a, p. 17).

Quando chegam à Terra, os seres vivos, em “um impulso de auto-exposição⁹”, se mostram a um mundo que testemunha sua chegada, mas ainda que

⁸ 1 atalho: caminho, corte. 3 *fig.* rumo: caminho, direção (HOUAISS, 2008, p. 850).

compartilhem o mesmo mundo, não parecem iguais à sua e nem às outras espécies. “Aparecer significa sempre parecer para outros, e esse parecer varia de acordo com o ponto de vista e com a perspectiva dos espectadores” (ARENDR, 2002a, p. 19).

Na proposta de tentar compreender a história dos jovens coautores desta pesquisa, convidei-os para narrarem suas experiências, considerando a diversidade de perspectivas narrada por cada um deles. Assim sendo, não estava vislumbrando encontrar ou confirmar um saber apriorístico e universal. As narrativas acolheram a diversidade de opiniões e indicaram a impossibilidade de um único modo de perceber a realidade, pois a rua, o espaço de acolhimento, bem como os cuidadores apareceram para cada um de nós de modo diferente. Assim, a presente pesquisa foi se constituindo a partir do entrelaçamento dos saberes de cada um.

Também nessa direção, no presente método, considerei a diversidade concernente à construção do conhecimento científico. Assim, ele se constituiu a partir de algumas reflexões apresentadas a seguir. Foram elas: a cartografia (ANDRADE; MORATO, 2004; AUN; MORATO, 2012; PASSOS; BARROS, 2015), o diário de bordo (AUN; MORATO, 2012), a prática clínica e pesquisa (LEVY, 2001; WALCKOFF; SILVA, 2016), a pesquisa interventiva (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2002; SZYMANSKI; CURY, 2004), a compreensão (ARENDR, 2002b, 2016), a história (ARENDR, 2001, 2002a, 2002b, 2003, 2016), a narrativa (MORATO; SCHMIDT, 1999; BENJAMIN, 2012; CRITELLI, 2012), a historiobiografia (CRITELLI, 2012) e, por fim, os encontros (SZYMANSKI; ALMEIDA e PRANDINI 2002; SZYMANSKI; CURY, 2004; SZYMANSKI, 2004; SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2014), bem como os coautores desta pesquisa: Mãe, Família e Esperança.

2.1 Cartografia

Para começar a pesquisar algo que fazia parte do meu cotidiano profissional carecia de um método que me distanciasse do já conhecido, da prática cotidiana, para tentar caminhar em direção ao imprevisto, ao espanto¹⁰. Um método

⁹ Conforme Arendt (2002a, p. 29) “A auto-exposição só pode exibir as características que um ser vivo já tem. A auto-apresentação não seria possível sem um certo grau de autoconsciência”, esta última vinculada as atividades espirituais.

¹⁰ “O que deixa os homens espantados (*pathos*) é algo familiar, e ainda assim normalmente invisível, que eles são forçados a admirar” (ARENDR, 2002a, 109).

que, enquanto me deslocasse, me possibilitasse acompanhar o movimento do campo e me mostrasse um modo de fazer e também de saber (PASSOS; BARROS, 2015).

Na busca por um método que me possibilitasse abertura enquanto me movesse, encontrei a cartografia que propunha uma reversão metodológica, o que apareceu como um convite para pensar o processo da investigação de outro modo. “O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*” (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17).

O princípio norteador da cartografia é o próprio caminho com suas formas, contornos e mudanças, enquanto nele nos movemos. O rigor desse modo de pesquisar se aproxima dos movimentos da vida, que podem ser acompanhados, mas não controlados. Sua precisão se faz presente através do compromisso e do interesse do pesquisador em relação àqueles que aceitam compartilhar saberes no processo do conhecimento, pois, como nos dizem Aun e Morato (2012, p. 123): “[...] cartografar é dar voz, aquela que parte da reflexividade de nosso olhar com muitos outros”.

Ao reconhecer o caráter plural do saber, assumo um posicionamento ético que abarca a diversidade e respeita as singularidades através do “Acolhimento à diferença produzida na processualidade que não se deixa capturar ou reduzir a ideais ou leis de conduta”. Nessa perspectiva o pesquisador sai “[...] do lugar da *explicação sobre* para o lugar do *aprender com* ou *aprender entre*” (ANDRADE; MORATO, 2004, p. 346).

Na proposta metodológica da cartografia conhecer e fazer são indissociáveis do pesquisar, no qual toda pesquisa se configura como intervenção (PASSOS; BARROS, 2015). Assim, esse modo de estar no campo se apresentou como um instrumento que acolheu a pesquisa interventiva, que nessa proposta assumiu a perspectiva de Szymanski e Cury (2004), detalhada no item 2.4 desse mesmo capítulo.

É interessante destacar que, tendo acompanhado por dez anos as histórias dos jovens, imaginei que sabia tudo sobre eles, mas enquanto cartografava

fui surpreendida pelo que não tinha ouvido. Suas histórias, antes, durante e após o acolhimento, eram desconhecidas.

Ao ouvir as narrativas dos jovens, percebi que o meu conhecimento sobre eles e o Lar eram decorrentes, principalmente, da atuação dos profissionais, das famílias e dos entes institucionais. Porém, ao ouvir as experiências diretamente daqueles que foram por elas marcados, desfiz certezas adquiridas anteriormente. Daí o espanto (*pathos*) entre o conhecido e o vivido. Este espanto e as minhas impressões como pesquisadora no campo foram registrados através do diário de bordo.

2.2 *Diário de bordo*

Aun e Morato (2012, p. 125) sugerem a constituição do diário de bordo para o registro do vivido no campo da pesquisa: “[...] o diário relata sentimentos e dúvidas provocados pela arriscada experiência do encontro”.

Nesta pesquisa, não escrevi um diário de bordo separado das narrativas. Minhas afetações estão espalhadas ao longo da grande narrativa, na qual cada leitor incumbir-se-á de encontrá-las. Os vestígios delas estão presentes nas intervenções feitas no instante em que as narrativas se constituíam, quando devolvia aos jovens, no início de cada encontro, minhas compreensões do encontro anterior, e também quando compartilhava o vivido no campo com a minha supervisora. Com isso, afirmo que mesmo assumindo as afetações como minhas, elas só fazem sentido se imersas na grande narrativa.

2.3 *Prática clínica e pesquisa*

Foi a partir da participação em um grupo, formado por estudantes da graduação e pesquisadores da pós-graduação, orientado por Simone Walckoff, que comecei a refletir sobre o entrelaçamento entre a vida vivida, a prática psicológica e a pesquisa. Naquele período fui apresentada a outros modos de pensar a Psicologia e a pesquisa nessa área, atravessados pelo pensamento arendtiano¹¹.

¹¹ Walckoff (2016) escreveu um livro no qual traz reflexões sobre sua experiência, ao longo de dez anos de prática psicológica e de pesquisa inspirada no pensamento de Arendt.

Nessa direção, Silva (2016) discute a indissociabilidade entre a clínica e a pesquisa. Clínica, aqui compreendida conforme Aun e Morato (2012), como um inclinar-se, uma inclinação que indaga os fenômenos psicológicos que aparecem tanto na clínica quanto na pesquisa e que depende da singularidade de cada clínico ou investigador, uma vez que não existe um modo de inclinar-se que possa ser replicado, pois os fenômenos psicológicos também são singulares e se constituem entre outros na vida vivida.

Essa compreensão da clínica e da pesquisa vinculadas à vida vivida guiou meu encontro com as pessoas que solicitavam, simultaneamente, disponibilidade, implicação, atenção. Uma atenção que: “[...] remete à *aplicação do espírito*, compondo-se por *a* (para, em direção a) e *tendere* com sentido semelhante a *clínica*: inclinar-se”. (AUN; MORATO, 2012, p. 121, grifos das autoras).

Na condição de psicóloga clínica e pesquisadora, inclinei-me para ouvir as narrativas do outro. E ao ouvi-las, devolvia minhas compreensões para que os narradores pudessem confirmá-las, negá-las e ainda articular as questões de outro modo¹², dando novo sentido à experiência, se reconciliando com a realidade, que apenas aparentemente parece imutável, já que o evento ocorrido no passado não pode ser modificado, mas o significado dado a ele estará sempre em aberto.

Para acolher o caráter de abertura constitutivo desse modo de pesquisar “[...] o clínico se coloca atento a ouvir a história do outro na tentativa de compreender os feitos e eventos que interromperam/interrompem a circularidade da vida a partir da história que se conta e de como se conta” (WALCKOFF; SILVA, 2016, p. 80).

Na mesma direção do entrelaçamento entre prática clínica e pesquisa, Levy (2001, p. 19) nos fala de uma *démarche* clínica, que se refere a “[...] um posicionamento global em relação ao outro, mas também em relação ao saber e a sua elaboração”, colocando em novos termos a relação entre teoria e prática, nos convocando a um modo de pesquisar que não só interroga, mas que também intervém. Assim, indico que a intervenção está sempre presente nesse tipo de pesquisa qualitativa.

¹² Cf. discutido no subcapítulo 2.4, tal movimento confirma o caráter interventivo da pesquisa (SZYMANSKI; ALMEIDA e PRANDINI 2002; SZYMANSKI; CURY, 2004).

2.4 Pesquisa interventiva

Os contornos e formas do campo me encaminharam para a pesquisa interventiva, da ampla categoria qualitativa (SZYMANSKI; CURY, 2004), cuja proposta é a especificidade e a peculiaridade do fenômeno que se pretende compreender (MARTINS; BICUDO, 1994). Esse modo de pesquisar acolhe a dupla condição de pesquisar um tipo de prática que, nesse contexto, é psicológica, contribuindo com o processo da investigação científica, além de oferecer um trabalho de atenção psicológica sobre determinado fenômeno (SZYMANSKI; CURY, p. 355, 2004).

De acordo com Szymanski e Cury (2004), esse tipo de pesquisa se fundamenta na perspectiva etnográfica, cuja ênfase recai na compreensão das relações estabelecidas entre pesquisados e pesquisadores. O dicionário Houaiss (2008, p. 1100) traz a definição da palavra Interventor como “o que sobrevém, visitador; abonador, fiador”, “1 que ou aquele que promove uma intervenção”, enquanto intervir é definida como: “4 Estar presente; assistir”, “[...]‘estar entre, sobrevir, entremeter-se etc’”. Nesse sentido a intervenção pode possibilitar a criação de uma relação baseada na confiança¹³ entre aqueles que aceitam compartilhar seus saberes e o pesquisador.

Na pesquisa interventiva o outro não é tratado como objeto, mas como coautor da produção científica. Tudo o que é elaborado pelo pesquisador vai sendo devolvido aos narradores, que podem confirmar ou negar a compreensão do pesquisador, garantindo a fidedignidade desse modo de pesquisar, no qual o rigor se constitui no encontro com o outro, através do compromisso, da implicação, do diálogo e do questionamento que possibilitam atenção, amplitude e abertura em direção ao fenômeno que se pretende compreender (SZYMANSKI; CURY, 2004).

Quando convidei os jovens para participarem dos encontros, havia uma demanda de pesquisa que consistia em compreender suas histórias. Porém, logo no primeiro encontro, eles sinalizaram que não se tratava apenas de participar da pesquisa, pois também demandavam um espaço que oferecesse atenção e

¹³ Como lembra Morato (2013) com-fiança (fiar-se-com). Conforme o site origem da palavra confiança origina-se do latim CONFIDENTIA, “confiança”, de CONFIDERE, “acreditar plenamente, com firmeza”, formada por -com, intensificativo, mais FIDERE, “acreditar, crer”, que deriva de FIDER, “fé”.

disponibilidade, de modo que pudessem falar para o outro e para si mesmos sobre suas experiências, conforme demonstra a narrativa de um deles:

– É uma história complicada mesmo. É uma história, vamos supor, louca. Boto como louca e fazendo bem a história. Porque minha história é uma história que às vezes nem eu sei como é que eu estou aqui. Eu vou entendendo minha história a partir do que eu vou escutando, vou falando, aí sim, eu vou entendendo quem eu era, e quem eu sou. Quando a pessoa vai escutando, vai falando, você vai vendo, “eu era aquilo, agora sou isso”. Eu jurava que não ia falar praticamente nada (FAMÍLIA).

Em outra narrativa, um jovem fala sobre a importância de confiar em quem escuta sua história. Essa confiança significa dar continuidade¹⁴ à história, fiar junto; confiança que não se constitui apenas no âmbito dessa pesquisa, mas que sinaliza para os vestígios deixados pelos anos de convivência compartilhada e testemunhada, conforme o relato de um dos jovens: *“Esses encontros foram um espaço para falar a minha história que eu não conseguia falar. Estou falando aqui. [...] porque sabemos que você é uma pessoa de confiança. Não é para qualquer um que podemos confiar” (MÃE).*

A pesquisa foi assumindo, assim, os contornos de um serviço, conforme proposto pela pesquisa interventiva, uma vez que os jovens também almejavam compreender o que viveram, tendo a possibilidade de degelar compreensões, como nos indica o trecho da narrativa de outro jovem:

– Tem um rasgão na roupa, a pessoa costura e tampa aquela ferida, já alivia; não dá nem para perceber que está rasgado. Mesma coisa é a pessoa. Aquele negócio na mente, de repente tu conversa alguma coisa, liberta alguma coisa. É como se fosse um rasgão, que vai costurando (MÃE).

2.5 Compreensão

Para Arendt (2002b) o pensar se divide em três: o pensamento reflexivo, conforme proposto pela filosofia e sem vinculação alguma com a vida prática; o

¹⁴ Dar continuidade a narrativa inclui dar conselhos. Pois o narrador “[...] pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador infunde a sua substância mais íntima também naquilo que sabe por ouvir dizer)” (BENJAMIN, p. 240).

pensar cujo objetivo é a produção do conhecimento científico e o avanço da ciência; e o pensar com vistas a compreender os acontecimentos e voltar à vida vivida:

A atividade de pensar é tão incessante e repetitiva quanto a própria vida; perguntar se o pensamento tem algum significado configura o mesmo enigma irrespondível que a pergunta sobre o significado da vida; os processos do pensamento permeiam tão intimamente toda a existência humana que o seu começo e o seu fim coincidem com o começo e o fim da própria vida humana (ARENDR, 2016, p. 212-213).

A compreensão à qual Arendt se refere é um modo de pensar e “Trata-se de uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo” (ARENDR, 2002b, p. 39).

O presente trabalho se refere ao pensar enquanto compreensão, sendo esta uma atividade infundável que acompanha o movimento da vida, que começa quando nascemos e finda com a nossa morte. É ela que nos possibilita nos sentirmos em casa no mundo, no qual somos estrangeiros desde quando chegamos até a nossa partida, “[...] é a maneira especificamente humana de estar vivo, porque toda pessoa necessita reconciliar-se com um mundo em que nasceu como um estranho e no qual permanecerá sempre um estranho, em sua inconfundível singularidade” (ARENDR, 2002b, p. 39).

A autora coloca que a compreensão é peculiar, uma vez que ela pode apenas confirmar o que já se sabia anteriormente, ainda assim não se esgota de movimentar-se incessantemente: “[...] não se cansa jamais do diálogo interminável e de ‘círculos viciosos’, pois acredita que a imaginação vai acabar conseguindo ter ao menos um vislumbre da sempre assustadora luz da verdade” (ARENDR, 2002b, p. 53).

Esse “diálogo interminável” se aproxima do movimento de constituição de narrativas tanto na clínica como na pesquisa, uma vez que ambas não almejam encontrarem soluções finais para as questões iniciais. A proposta delas é acompanhar os movimentos da vida que se apresentam como narrativa e da qual o psicólogo/pesquisador é testemunha. A tentativa de compreender, por meio da rememoração do vivido, pode desfazer certezas, tirar as coisas do lugar, revelar outras possibilidades compreensivas. Além disso, o movimento de tentar

compreender pode revelar a história em andamento na qual nos empenhamos ao longo da existência. Assim, a compreensão torna-se fundamental para a constituição da história pessoal, pois só através do que o próprio acontecimento nos diz é que podemos organizar os fatos em um começo, meio e fim (CRITELLI, 2012).

De acordo com Arendt (2002b), por mais que imaginemos alguma experiência, ela não acontece como a prevemos, uma vez que a ação, lançada na teia de relações humanas, desencadeia uma série de outras, não passíveis de serem previstas nem controladas. Assim, para que possamos compreender os eventos, é preciso que eles já tenham passado.

Mesmo que Arendt não tenha proposto qualquer aproximação com a clínica ou com a pesquisa, esse modo de pensar oferece subsídios para a compreensão dos fenômenos psicológicos tanto na clínica como na pesquisa, uma vez que “O resultado da compreensão é o significado, que produzimos em nosso próprio processo de vida, à medida que tentamos nos reconciliar com o que fazemos e com o que sofremos” (ARENDR, 2002b, p. 39).

Na investigação, o pensar, enquanto compreensão, propicia que o pesquisador, mesmo partindo de alguns pressupostos, se distancie destes, uma vez que o movimento compreensivo pode degelar conceitos, possibilitando que o novo se apresente no processo do conhecimento.

2.6 História

A partir desse modo de pensar proposto por Arendt, a presente pesquisa se propôs a compreender a história dos jovens a partir da concepção de narrativa histórica apresentada pela autora (2003), que versa sobre aquilo que são capazes os mortais.

A autora esclarece a etimologia da palavra história, advinda do termo *istoría*, no qual o prefixo *ístor* primeiramente significava “testemunha ocular”, e em seguida “aquele que examina testemunhas e obtém a verdade através da indagação”. *Istoreín* tem, assim, o duplo sentido de “testemunhar e indagar” (ARENDR, 2003, p. 69). Essa testemunha confirma a narrativa do outro, situando-o no mundo compartilhado. Além disso, pode instalar o novo quando possibilita a indagação e a continuidade da história por quem a escuta e a compreende a partir

da sua própria experiência. Essa continuidade constitutiva da narrativa torna-se a história sem fim da humanidade, composta pela história singular de cada um daqueles que lhe dão sequência.

Heródoto é reconhecido como o pai da história ocidental, cujo propósito era possibilitar alguma imortalidade aos feitos humanos para que não fossem esquecidos e pudessem brilhar através dos tempos. Foi Heródoto quem tornou “as palavras, os feitos e os eventos” humanos em conteúdo da história (ARENDDT, 2003, p.73). Ele tinha a incumbência de preservar as ações humanas através da recordação.

A “objetividade da História”, conforme consideravam os gregos, se forjava na *pólis*, espaço no qual inúmeros ângulos de um mesmo mundo comum compartilhado se expressavam. “Os gregos aprenderam a *compreender* – não a compreender um ao outro como pessoas individuais, mas a olhar sobre o mesmo mundo do ponto de vista do outro, a ver o mesmo em aspectos bem diferentes e frequentemente opostos” (ARENDDT, 2003, p. 82).

Outra característica das narrativas de Heródoto era a imparcialidade. Ele não tratava apenas dos grandes feitos e obras do seu povo, os gregos, ou de vencedores sobre perdedores, mas de todos, inclusive os bárbaros, desde que tais feitos e obras fossem dignos de imortalidade. Temia, pois, que os grandes feitos que brilhavam por si pudessem ser esquecidos se não fossem narrados.

Toda essa tradição se inverteu no Cristianismo, quando os homens foram considerados imortais e o mundo perecível. Nesse sentido toda criação humana ocorreria mediante intervenção divina, de uma força que atuaria de forma independente e não como fruto da ação dos homens no mundo. Mas para Arendt, a imortalização dos feitos humanos só tem sentido “se não houver garantia nenhuma de vida futura” (2003, p. 109).

Arendt coloca que as grandes questões que envolviam a criação da natureza, desde o início da humanidade, perderam seu sentido, uma vez que os avanços científicos permitiram que os homens pudessem também criar processos naturais através da fabricação (*homo faber*), trazendo-os para a esfera dos negócios humanos. Assim, a história passou a ser pensada na mesma lógica dos processos de fabricação e não mais como decorrente da ação humana em um mundo comum.

O problema surgido dessa mudança é que a fabricação é diferente da ação. A fabricação tem um início e um fim controlados através de um processo mecânico, cujo objetivo é a construção de determinado objeto, enquanto a ação é “fútil”, não aspira a um fim; sua única possibilidade é “uma nova e interminável cadeia de acontecimentos cujo resultado final o ator é absolutamente incapaz de conhecer ou controlar de antemão” (ARENDDT, 2003, p.91).

Diante de tudo que os homens criam, a ação humana é a única que não pode ser dominada, visto que, através da condição de natalidade, a terra é invadida permanentemente por iniciadores capazes de começar novos processos que não podem ser previstos e controlados antecipadamente. Esta é a complexidade da história, pois ela resulta da ação, e, em decorrência disso, acaba não atingindo seu objetivo inicial. Mas para que seja considerada ação, ela deve revelar, por meio da fala, o agente que “[...] se identifica como o ator, anuncia o que faz, fez e pretende fazer” (ARENDDT, 2016, p. 221). Essa revelação do agente cria condições para a lembrança e forma a narrativa histórica:

Essas situações únicas, feitos ou eventos, [que] interrompem o movimento circular da vida diária no mesmo sentido em que a *bíos* retilinear dos mortais interrompe o movimento circular da vida biológica. O tema da História são essas interrupções – o extraordinário, em outras palavras (ARENDDT, 2003, p. 72).

Essas interrupções também compõem as histórias pessoais, pois quando os homens se reúnem e se revelam através do discurso e da ação, “Juntos, iniciam novo processo, que finalmente emerge como a singular estória de vida do recém-chegado, que afeta de modo singular as estórias de vida de todos aqueles com quem ele entra em contato” (ARENDDT, 2016, p. 228).

Além de revelar o agente que age e fala, a ação e o discurso também dizem respeito a uma realidade mundana e objetiva, assim como tudo que é palpável. A essa esfera dos negócios humanos, Arendt (2016, p. 227) chama de “teia de relações humanas”, na qual cada pessoa age de acordo com seus interesses e intenções.

Pelo fato de que se movimenta sempre entre outros seres atuantes e em relação a eles, o ator nunca é simples ‘agente’, mas sempre, e ao mesmo tempo, padecente. Fazer e padecer são como as faces

opostas da mesma moeda, e a estória iniciada por um ato compõe-se dos feitos e dos padecimentos dele decorrentes (ARENDR, 2016, p. 235).

As narrativas históricas versam sobre os feitos e os padecimentos daqueles que agiram e falaram; revelam o “‘herói’ que há no centro de toda estória [...]”. No entanto, o máximo que se consegue é indicar o ‘herói’, e não o autor final dela, pois a história que iniciamos “[...] não tem criador visível nem invisível porque não é criada. O único ‘alguém’ que ela revela é o seu herói” (ARENDR, 2016, p. 230, grifo da autora). A história revela o ‘quem’ que até então era indiferenciado no meio da multidão. Nela, o herói é aquele a respeito do qual se pode contar uma história; que é capaz de sair do seu esconderijo, se expor, agir e falar entre outros homens, se revelando e iniciando novos processos históricos.

A proposta de tentar compreender a história via narrativa se aproxima do que Arendt (2016) nomeia de constituição da biografia dos homens que agem e falam, “[...] cujo resultado final será sempre uma história suficientemente coerente para ser narrada, por mais acidentais ou fortuitos que possam parecer os eventos singulares e suas causas” (ARENDR, 2016, p. 120).

A revelação de quem alguém é não tem sentido se não for narrada pelo ator, que, saindo dessa posição, passa a ser o expectador de si, pois “Só os atores e oradores que reencenam o enredo da estória podem comunicar o significado total, não tanto da história mesma, mas dos ‘heróis’ que se revelam nele” (Ibid., p. 232).

Embora a narrativa histórica revele o iniciador da ação e suas intenções, ela não estabelece um único autor, pois ao serem iniciadas, as ações são lançadas na teia de relações composta por outros atores que, além de acolhê-las, lhe dão continuidade, tornando-se, assim, seus coautores.

2.7 Narrativa

A escuta e constituição das narrativas nessa pesquisa adotaram a proposta benjaminiana¹⁵, cuja matéria prima é a lembrança que, ao ser

¹⁵ **WALTER** Benjamin foi ensaísta, tradutor, crítico literário, sociólogo e filósofo. Nasceu na Alemanha em 1892, em uma família judaica, faleceu aos 48 anos, na Espanha no ano de 1940. Se inspirou em vários autores, entre eles Marx e Nietzsche. Escreveu inúmeras obras, das quais nos deteremos ao capítulo “**O Narrador**” do livro **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. No referido capítulo o autor traz

compartilhada, assume a forma de experiência e sabedoria. Para o autor a “arte de narrar está em vias de extinção” por termos perdido a “faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012, p. 213). Essa perda está relacionada às inúmeras e rápidas transformações ocorridas no mundo, sentidas, mais visivelmente, após a Segunda Guerra Mundial. O autor afirma que boa parte do mundo compartilhado e construído pelas mãos humanas, foi destruído. Quase nada parecia familiar, especialmente para os soldados que voltavam da guerra. Eles chegavam mudos, indicando que as experiências vividas nos campos de batalha não eram possíveis de serem comunicadas, transmitidas. Ainda que muitos escritores tentassem contar sobre a guerra, não conseguiam se aproximar da narrativa que poderia ser contada por quem havia estado nela.

De acordo com o autor, ainda que a perda da narrativa tenha ficado mais visível na guerra, seu declínio começou com o surgimento do capitalismo, com o modo de vida da sociedade burguesa e a criação da imprensa, que criou outra forma de comunicação ainda mais ameaçadora: a informação, que se apresenta plausível, voltada para o tempo presente, urgente e breve, esgotada em si mesma.

Benjamin nos diz que a narrativa é diferente da informação. “A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações” (2012, p. 219).

Na narrativa não cabem explicações, pois o ouvinte interpreta a história a partir da sua experiência. Assim, a história nunca se esgota. Ao contrário: se renova permanentemente naquele que ouve e a transmite, o que não parece possível na informação, já que ela se esgota em si mesma. Na narrativa, o narrador retira da sua experiência e da dos outros o que ele transmite “E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 2012, p. 217).

As fontes dos narradores são as experiências passadas de pessoa para pessoa. Quanto mais próxima estiver das histórias orais, contadas pelos narradores anônimos, melhor poderá ser a narrativa escrita. Esses narradores se originaram de dois grupos iniciais, desdobrados em tantos outros, mas que se pertencem

considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, escritor/ romancista russo. Leskov tinha as características necessárias para um bom narrador. “Seu ideal é o homem que aceita o mundo sem se prender demasiadamente a ele” (BENJAMIN, 2012, p. 216).

mutuamente. O primeiro é o viajante - marinheiro comerciante; o segundo é o camponês sedentário, vinculado à tradição. Os dois tipos de narradores, o mestre sedentário e o aprendiz migrante (navegador, estrangeiro), se mesclaram em algum momento da história da humanidade quando trabalhavam juntos no mesmo ofício, em geral trabalho artesanal. Enquanto construía algo com as mãos, contavam histórias, uma vez que “O senso prático é uma das características de muitos narradores natos” (2012, p. 216). O marinheiro falava de terras distantes; o camponês discorria sobre o passado/tradição. Na proposta de escuta e constituição das narrativas através de encontros, como pesquisadora tornei-me a camponesa, enquanto os jovens foram os viajantes/atores que contaram suas aventuras pelo mundo.

Uma das características da verdadeira narrativa e dos narradores natos é a aproximação com a vida vivida. O narrador sabe dar conselhos. Dar conselhos não significa responder a uma pergunta, mas sugerir a continuidade da história narrada, que nos lança para o futuro aberto, incerto. O conselho está vinculado a um senso prático, no sentido de poder ser útil para aquele que o escuta, por ser tecido na experiência da existência.

“E quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, tanto mais facilmente a história será gravada na memória do ouvinte, tanto mais completamente ela irá assimilar-se à sua própria experiência, tanto mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia” (BENJAMIN, 2012, p. 220).

Para tecer uma narrativa é preciso paciência e disponibilidade, pois “Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Morato e Schmidt (1999) esclarecem que

[...] a narrativa, tendo como fonte o vivido ou a experiência direta, torna todos, e cada um, autoridade, no sentido de que cada um, e todos, enquanto portadores do vivido, estão autorizados a falar: fazer circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele (1999, p. 127).

Antes de ouvir as experiências dos jovens narradas por eles, como assistente social eu imaginava já as conhecer. Mas, foi assumindo a perspectiva de coautoria na construção do saber que a pesquisa ganhou contornos absolutamente diferentes. Nela os jovens narraram suas experiências com toda autoridade e como verdadeiros portadores do vivido. Enquanto eu ouvia cada narrativa, e devolvia minhas compreensões a partir da minha experiência com eles, tínhamos a possibilidade de constituirmos novas compreensões do vivido.

As narrativas foram compreendidas a partir da proposta de Benjamin, mas o modo de constituí-las foi inspirado na historiobiografia (CRITELLI, 2012) que, a princípio, se configura como uma metodologia de investigação terapêutico-educativa, aqui pensada sem o viés terapêutico, porém investigativo. A historiobiografia possibilitou que, por meio das narrativas, os eventos ocorridos ao longo da existência, e aparentemente desconectados uns dos outros, pudessem ser organizados e se tornassem uma história singular em um mundo que é plural, além de possibilitar pensar o início de algo novo na vida dos jovens. Como método de pesquisa, a historiobiografia embasou-se na compreensão de Critelli sobre a narrativa histórica de Arendt (2003, 2016).

2.8 Historiobiografia

Ao tentar compreender os eventos ocorridos ao longo da existência, temos a possibilidade de colocar em questão as certezas que temos sobre eles, além de ser uma oportunidade de perceber os movimentos, muitas vezes repetitivos, em certas direções. Narrar a experiência vivida é uma possibilidade de dar-lhe novo significado e reconciliar-se com a realidade.

A proposta da historiobiografia é compreender a história que a narrativa singular nos conta por meio da organização do vivido, da história em andamento que nos empenhamos em realizar ao longo da nossa existência. Só quando agimos e falamos sobre os nossos atos nos singularizamos e nos distinguimos, assumindo a autoria daquilo que iniciamos (ARENDRT, 2016). Assim, Critelli (2012) propõe que pensemos a historiobiografia a partir dos relatos, historietas e histórias.

Os relatos imprimem realidade aos fatos. Quando verbalizados, geralmente não são longos, mas têm a tarefa de ligar os personagens e os sentidos

da experiência. Eles dão indicativos, através da entonação da voz do narrador, se as cenas vividas foram de um conflito, saudade, de raiva, alegria ou tristeza. Falam ainda de como nos comportamos diante de determinadas situações, muitas vezes sem percebermos. Eles podem indicar em que direção iremos. Os pequenos relatos sinalizam para nós e para outros como agiremos, indicando como devemos nos portar diante das nossas atitudes. Através desses pequenos comentários ou frases curtas, ligamo-nos mais ao presente, mesmo que nos reportemos ao passado ou ao futuro, numa tentativa de situar a reconstituição desses relatos temporalmente (CRITELLI, 2012).

As historietas são formadas de pequenos relatos organizados na nossa memória de modo mais elaborado. Revelam, de forma mais clara, quem somos e como fomos nos constituindo, e ainda quais caminhos seguimos. Indicam também o quanto fomos afetados pelos outros e por acontecimentos diversos. Quando contamos e recontamos as historietas, falamos de esperança, medo, desejos, sucessos e fracassos. Elas falam das nossas crenças e valores, das parcerias e acordos feitos e/ou não aceitos. Enquanto os relatos são curtos e situados em geral no presente, as historietas contam como as pessoas agiram e o que falaram sobre suas ações, e ainda retratam a distância e as consequências dos seus feitos de modo mais ordenado no tempo. Nas historietas predominam as nossas versões dadas aos fatos, não porque as inventamos, mas porque somos livres, vivemos, experimentamos a vida e os eventos de modo diferente dos outros. “Historietas revelam como somos, como sentimos, o que e como pensamos, como agimos e o alcance de nossos gestos e palavras” (CRITELLI, 2012, p. 49).

As histórias, diferentemente dos relatos e historietas, situam-se temporalmente desde o nosso nascimento até o presente, nos possibilitando vislumbrar o futuro. As histórias não são faladas no nosso cotidiano como os relatos e as historietas o são. Elas são silenciosas, protegidas e espalhadas ao longo da nossa existência. As nossas histórias nos explicam e justificam, e, de modo fenomênico, nos revelam e nos encobrem. Ainda que a história narrada revele a biografia exclusiva de uma pessoa, ela é construída em coautoria, entrelaçada por

fios e pontos em uma rede de relações que dão realidade ao discurso e à ação¹⁶ e que podem indicar o início de algo novo (CRITELLI, 2012).

Por fim, a historiobiografia vem sendo discutida em um grupo de pesquisadores, do qual participo, como um modo de pesquisar que reconhece a coautoria como constitutiva do saber/conhecimento surgido da vida vivida (ARENDR, 2016; CRITELLI, 2012; WALCKOFF e SILVA, 2016).

A compreensão de coautoria que orienta a minha pesquisa abrange dois significados: o primeiro diz respeito ao caráter de horizontalidade na elaboração do conhecimento, que consiste nos saberes de todos os envolvidos, acolhendo desde o saber surgido da experiência até os oriundos das reflexões de diversos pensadores que, no âmbito dessa pesquisa, permeiam a Psicologia, Filosofia e Educação. O segundo abarca o significado da história pessoal, que é constituída a partir da história da humanidade¹⁷, abrangendo os homens que já partiram e os que virão, não como fruto de uma subjetividade forjada no âmbito do privado, mas como a que revela a singularidade do agente da ação, cuja existência depende da presença e opinião dos outros, do testemunho daqueles que ouvem e veem como nós.

2.9 Encontros

Para a constituição das narrativas realizamos dez encontros. Ainda que as narrativas estejam organizadas por jovens, elas se constituíram entrelaçadas umas às outras, nos encontros, que foram coletivos, prezando a importância da coautoria e a riqueza da troca de experiências, uma vez que os três jovens estiveram em situação de vivência de rua, foram acolhidos no mesmo espaço e, já adultos, seguiram suas vidas marcados por essas experiências. Repito, marcados! Não determinados. Nesse sentido, entendo que o encontro em grupo possibilita compreender a história do outro, que ressoa e constitui a nossa própria história. Além disso, possibilita a ampliação dos nossos questionamentos e reflexões, bem como a nossa compreensão sobre nós mesmos e o mundo comum através da

¹⁶ Cf. Reflexão apresentada no capítulo 4.

¹⁷ Estar vivo significa viver em um mundo que precede à própria chegada e que sobreviverá à partida (ARENDR, 2002a, p. 17).

escuta atenta, das interrupções, dos silêncios e dos conselhos, pois, conforme Szymanski e Szymanski (2014, p. 12),

O grupo oferece um ambiente propício para se narrar experiências, ouvir a si mesmo, o outro, reconhecer o impacto das próprias ideias no outro, entre pessoas que vivem situações semelhantes. Em um encontro grupal, a interação favorece a lembrança, reinterpretções, comparações e o resultado é uma produção conjunta, uma criação.

Na reunião de apresentação da proposta li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o qual todos concordaram e assinaram. Discorri sobre o sigilo da pesquisa, possíveis datas e horários, bem como os locais disponíveis para os encontros, de modo que eles pudessem escolher conforme suas possibilidades. Todos sugeriram o espaço do Lar. Assim, levei o pedido à coordenadora que logo autorizou nossa presença.

Ao longo de nove meses realizamos dez encontros. Enquanto as narrativas foram se constituindo, intervi de diversos modos. Em todos esses momentos os jovens tinham a possibilidade de repensar e alterar o dito. Esse modo de constituição de narrativas possibilita um movimento reflexivo dos participantes (incluindo a pesquisadora), bem como a elaboração coletiva do saber, na qual todos os envolvidos são seus coautores.

No último encontro realizei uma devolutiva que contemplou todos os encontros anteriores, culminando na análise inicial do fenômeno e na sistematização da análise compreensiva.

Todos os encontros foram gravados com autorização dos jovens; transcritos e organizados em três subtítulos, apresentados no capítulo três. Na análise organizei as narrativas por constelações. De acordo com Szymanski (2004, p. 3) em tal proposta “[...] há tão somente uma organização da compreensão do pesquisador, que pode assumir as mais diferentes formas, variando de analista para analista. À semelhança de um céu estrelado, várias constelações podem ser delineadas”, mudando de acordo com a perspectiva de quem as observa. No céu contemplado na presente pesquisa apareceram as três Marias¹⁸, que para essa pesquisa foram nomeadas: origem/rua, coautoria, novos inícios.

¹⁸ A astronomia nomeia as três Marias como constelação de Órion: Mintaka, Alnilan e Alnitak. Já os índios tupi-guarani a chamam de homem velho.

Resumidamente foram adotados os seguintes passos derivados da constituição das narrativas nos encontros: transcrição das narrativas, elaboração do material transcrito para análise, devolutiva decorrente da compreensão inicial do fenômeno, e, por fim, na análise final serão apresentadas as constelações de significado, entrelaçadas com as reflexões teóricas assumidas (SZYMANSKI; ALMEIDA e PRANDINI, 2002).

2.10 Espectadores

Muitas crianças e adolescentes são afastados, por força do contexto, das suas famílias. Os motivos pelos quais chegam às casas de acolhida exigem desses espaços estratégias de trabalho diferentes.

Crianças e adolescentes advindos da rua muitas vezes não conseguem ficar acolhidos. Parecem ser muitos os fatores que os levam de volta para a rua, como, por exemplo, o modo como são acolhidos pelos adultos responsáveis, a falta de atividades consideradas interessantes, a obrigação das atividades rotineiras, conflitos com outros acolhidos, o nível de compromisso das famílias com relação às visitas e a falta de perspectiva relacionada ao retorno familiar, adoção ou qualquer outro projeto de vida.

O modo de trabalho realizado pela casa de acolhida pesquisada parecia sinalizar novas perspectivas para os acolhidos que ali estavam. Eis o porquê do entrelaçamento, que deu origem a essa pesquisa, do modo como alguns jovens saídos da rua e com vivência de acolhimento conseguiam começar novos processos nas suas existências.

A problemática do acompanhamento pós-acolhimento parece abranger boa parte das casas de acolhida. A partir da Lei 12.010, de 3 de agosto de 2009, todas as crianças e adolescentes que vão para as casas de acolhida devem ter processos abertos no sistema judiciário para controle, acompanhamento e intervenção por parte dos juizados em parceria com outros órgãos de garantia de direitos. No entanto, após os dezoito anos de idade e/ou desligamento, esse público é acompanhado por, no máximo seis meses, com exceção dos casos de adoção, cujos prazos são específicos.

A casa de acolhida cartografada nessa pesquisa não dispõe dos dados quantitativos de quantas pessoas foram desligadas e voltaram para a rua, ou para suas famílias, ou foram apreendidas/presas e/ou constituíram novos modos de vida. No entanto, o acompanhamento dos desligados por um prazo de um a dois anos possibilita uma perspectiva mais ampliada do pós-acolhimento.

O espanto (*pathos*) que me levou a realizar esta pesquisa surgiu do caráter de novidade da história de alguns meninos, agora jovens, do querer compreender porque eles não voltaram para o contexto anterior ao acolhimento (a rua e/ou a criminalidade). As narrativas deles poderiam indicar algo diferente nas suas origens, na experiência de acolhimento e/ou no início de algo novo?

Além deste, foram eleitos outros critérios para escolha dos participantes. O período de acolhimento deveria contemplar os anos de 2002 a 2010, pois esse intervalo de tempo abarcava a fundação do Lar e as duas coordenações que sinalizavam para perspectivas distintas de trabalho. A saída do espaço deveria ter sido após os dezoito anos, contexto em que poderiam assumir a responsabilidade legal por suas ações. Assim se constituiu a escolha dos coautores dessa pesquisa.

No próximo capítulo será feita uma breve apresentação dos jovens, do Lar e do trabalho desenvolvido. As narrativas dos três narradores estão organizadas do seguinte modo: onde tudo começou, o acolhimento e os desdobramentos atuais. Por fim, será apresentada a análise inicial do fenômeno pesquisado – a devolutiva.

3 Festival da vida: cenários, atores/espectadores e narrativas¹⁹

Nesse capítulo são apresentados o Lar e o trabalho por ele desenvolvido, os atores/espectadores que constituíram a realidade pesquisada e as narrativas dos três jovens, organizados do seguinte modo: onde tudo começou; o acolhimento; os desdobramentos atuais e a análise inicial do fenômeno pesquisado (devolutiva).

3.1 Instituição Lar

Desde sua fundação, a Instituição Lar se propôs a trabalhar com crianças e adolescentes em situação de moradia na rua. O seu idealizador abriu um espaço de acolhimento no Ceará em 1993 e outro em Pernambuco no ano de 2002. Uma equipe formada por um educador social e por uma assistente social/psicóloga realiza aproximação na rua com vistas a criar vínculo de confiança no intuito de acolher os meninos, sendo este um dos diferenciais do trabalho com tal público.

O trabalho na rua se realiza em três dias por semana, ocorrendo entre o final da tarde e o início da noite, e segue o fluxo dos meninos na rua. A partir do acompanhamento do movimento dos meninos, a equipe percebeu que mais cedo, durante o dia, estão fazendo “os corres”, como eles chamam, pedindo ou furtando. Após às 18:00hs, predominam as buscas por um lugar menos perigoso para dormir, além da intensificação do consumo de drogas. Esse movimento ocorre, geralmente, por meio da formação de pequenos grupos, com um adulto responsável explorador, que oferece proteção referente a local de dormida, território e orienta as ações das crianças e adolescentes, tais como: furtos, prostituição e mendicância, além do fornecimento/venda de drogas para o grupo. Em troca, esses exploradores costumam ficar com quase tudo que os meninos conseguem ao longo do dia.

A equipe do Lar se aproxima aos poucos. Fica uma parte do tempo observando o movimento e se deixando perceber pelos meninos. Na bolsa levam jogos, desenhos para pintura e brinquedos. Quando a equipe é percebida, rapidamente as crianças, adolescentes e adultos se aglomeram ao seu redor.

¹⁹ Arendt (2002a, p. 72), citando Pitágoras, compara a existência a um festival (espetáculo): "A Vida[...] é como um festival, assim como alguns vêm ao festival para competir, e alguns para exercer os seus negócios, mas os melhores vêm como espectadores [*theatai*] [...]".

Enquanto crianças e adolescentes, e às vezes adultos, brincam em pequenos grupos, de acordo com o interesse de cada um, a equipe pergunta onde moram, com quem vivem ou viviam, quem são os membros familiares, se alguém, além de si, está em situação de vivência de rua, se já passaram por alguma instituição, quais regiões frequentam, o que fazem na rua, como se alimentam, onde dormem, quem são seus amigos, seus protetores. Algumas pessoas são mais espontâneas e contam sobre quase tudo: da família, vivência de rua, violências vividas. Outras são mais reservadas, levam um tempo relativo para dizerem ao menos o nome verdadeiro. De um modo ou de outro as aproximações levam meses. Na narrativa de um dos jovens que participou da presente pesquisa podemos perceber a importância da presença constante da equipe do Lar na rua. Ele afirmou que levou um ano para decidir deixar a rua, mas sabia que tinha um lugar que poderia recebê-lo, caso escolhesse sair de lá.

Simultaneamente ao diálogo estabelecido com as crianças e adolescentes, a Instituição Lar é apresentada. Apesar da equipe acolher a todos, apenas os meninos de 7 a 12 anos são convidados para o espaço de acolhimento.

Enquanto o trabalho na rua acontece, a equipe tenta localizar as famílias dos atendidos, tanto para conhecer as condições que os levaram para a rua, como para realizar encaminhamentos para a rede socioassistencial. A equipe de abordagem encaminha, de acordo com a disponibilidade da rede, todas as pessoas que necessitam ou lhes pedem encaminhamentos, independente da faixa etária.

A equipe ainda organiza passeios²⁰ para locais distantes dos grandes centros urbanos, geralmente praias. Tais momentos possibilitam maior abertura dos meninos; aproximam-os um pouco mais do Lar como lugar de cuidado e ainda permitem a integração da equipe com eles e seus familiares, que também são convidados para os passeios.

Essas aproximações com a família, tanto nos passeios como nas visitas domiciliares, possibilitam compreender os motivos pelos quais os meninos saíram de casa para a rua e o modo de vinculação entre eles. Além disso, possibilitam não só a tentativa de vínculos dos meninos com suas famílias, mas também do Lar com essas famílias consideradas fundamentais no processo do acolhimento.

²⁰ A instituição aluga transporte, fornece café da manhã, almoço e lanche. Não é permitido levar drogas.

Existem duas formas das crianças/adolescentes serem acolhidas no Lar. A primeira é através de convite de algum membro da equipe, respeitando o interesse da criança/adolescente; a segunda é quando eles mesmos pedem para serem acolhidos. Outras duas formas de acolhimento são desdobramentos das duas acima. Os meninos podem ser encaminhados através de busca e apreensão por parte da justiça, e ainda transferidos de outra instituição. Em qualquer uma das formas de entrada na casa de acolhida, a aproximação dos profissionais com os meninos deve ser rigorosamente respeitada. Os trâmites legais junto ao Juizado da Infância e Juventude são realizados de acordo com orientações da legislação em vigor.

O centro de acolhimento fica localizado em uma área de 52 hectares de extensão, da qual boa parte é de mata atlântica preservada. A natureza contribui para o lazer dos meninos, já que possui três açudes, nos quais os meninos podem (e adoram) tomar banho e pescar. Além disso o lugar dispõe de muitas árvores frutíferas.

A estrutura construída é de três Casas-Lares²¹, um refeitório, uma cozinha, uma secretaria, uma lavanderia, uma escola, uma sala de artes, uma sala de informática, uma casa da coordenação, uma casa sede²² e vários banheiros. Cada Lar acolhe até 12 meninos e possui sete quartos, uma sala, dois banheiros, uma cozinha e uma varanda.

Compartilham os cuidados com os meninos dentro do centro: quatro cuidadores, que se revezam em plantões de 48 horas, um professor, uma coordenadora, um motorista, uma psicóloga, duas assistentes sociais, duas manipuladoras de alimentos, uma secretária, dois trabalhadores do campo e um vigia.

Quando chegam, as crianças/adolescentes são encaminhadas para a “casa dos pequenos”²³, casa que acolhe com mais atenção aqueles que acabam de chegar da rua, e também os mais jovens de idade. A segunda é a “casa dos médios”, dos meninos mais velhos, onde a maioria estuda fora do espaço, faz

²¹ Termo utilizado pela legislação específica para uma das modalidades de acolhimento institucional.

²² Considerada área de preservação, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Bem como outras ruínas, localizadas dentro do Centro.

²³ Não se espera que os apelidos das casas tenham tom pejorativo para quem lê. Já que para os meninos serve de horizonte mudarem de casa. A proposta é demonstrar, através do exemplo, que eles podem fazer tudo que os meninos mais velhos estão fazendo, com certa autonomia e independência.

cursos e/ou estágio como jovem aprendiz. A terceira casa tem a proposta de funcionar como uma república para acolher os jovens a partir dos dezoito anos, mas no momento está fechada por não ter acolhidos com tal perfil.

Cotidianamente os meninos vão à escola em um horário, e no contraturno realizam, fora do espaço, atividades na área das artes, dos esportes e da leitura. Quanto à educação formal, o Lar mantém uma escola legalizada dentro do espaço, cujo principal objetivo é a preparação mínima de aprendizagem, pois quando chegam da rua a maioria dos meninos não estão alfabetizados ou nunca frequentaram escola ou ainda estão em situação de distorção idade/série, série/aprendizagem. Nesse sentido, a prática mostrou que inseri-los em uma escola pública regular sem essa preparação mínima era mais excludente do que formativo. Este é o primeiro desafio para os meninos e para o Lar, pois muitos encaminhamentos exigem essa condicionalidade.

Após o acolhimento, as famílias dos meninos são visitadas pela equipe social, que faz um trabalho de sensibilização e orientação para que visitem os meninos ao menos uma vez a cada quinze dias: aos domingos. Faz parte da proposta do Lar acolher não só os meninos, mas também suas famílias. Para tanto, são realizadas algumas ações para aproximar os meninos das pessoas indicadas por eles como suas referências fora do espaço de acolhimento. Essas ações²⁴ incluem doação de recursos para: passagens, alimentação, cesta básica, compra de medicamentos, gás, pequenas reformas nas casas, entre outros. Além disso, são realizadas constantemente visitas domiciliares para identificação de demandas e possíveis encaminhamentos para a rede socioassistencial, bem como reuniões mensais com as famílias cujas temáticas englobam questões trazidas por elas.

O que se vê nos dias de visita familiar é uma grande confraternização de pessoas, pois nem todos os acolhidos são visitados, mas as famílias que comparecem se compartilham com estes, sendo muito comum o familiar de um menino adotar um outro que não tem referência externa. Adotar, neste caso,

²⁴ Apesar de serem ações tidas como assistencialistas, os profissionais também agem nos espaços de formulação e de discussões sobre políticas públicas voltadas para as famílias, as crianças e os adolescentes. Neste sentido, a Instituição Lar tem assento nos Conselhos Municipais da Criança e do Adolescente em dois municípios da RMR e em uma cidade do Ceará, bem como no Conselho de Assistência Social do município do Recife e no CONANDA. Além disso, as famílias e os acolhidos são sensibilizados para que estejam presentes nos espaços de debates.

significa trazer guloseimas, conversar, brincar, orientar e compartilhar questões familiares.

Nos momentos em que os familiares convivem no espaço de acolhimento com as crianças e adolescentes, ainda que por pouco tempo e sem a obrigação de, naquele contexto, serem totalmente responsáveis por eles, parecem mais disponíveis para criarem ou re-criarem os vínculos afetivos, para uma possível reintegração. Ainda que esse retorno familiar não seja possível, todos os envolvidos têm tempo para lidar, na convivência, com todas as questões que possam envolver essa impossibilidade.

Nas férias escolares, o Lar sensibiliza as famílias para que possam receber os meninos em casa. O tempo de permanência é variado, uma vez que depende do contexto familiar e de como o menino está se sentindo, se seguro o suficiente para não voltar para a rua. Esse período é importante para se pensar a possibilidade de retorno familiar, além de aproximar os meninos das suas famílias de outros modos.

Quando os meninos completam 14 anos são encaminhados, se assim decidirem, para um curso de formação profissional. Aos 16 anos são inseridos em empresas através do Programa Jovem Aprendiz. Para tanto, os profissionais do Lar realizam sensibilização permanente junto às empresas para que estas selecionem os jovens indicados. Nas avaliações de desempenho, os estagiários do Lar são considerados os mais empenhados se comparados àqueles que vêm de outras unidades formadoras. A diferença relacionada ao desempenho dos adolescentes parece apontar para o modo como eles vivenciaram o acolhimento e o suporte oferecido pela Instituição Lar, questão essa que será explanada na análise.

A seguir, será apresentado como cada um dos três jovens chegou ao Lar, como saíram, o tempo de permanência e a constituição dos seus codinomes, surgidos a partir das questões mais relevantes sobre suas origens.

3.2 Apresentação dos atores/espectadores

Os três jovens serão identificados por seus codinomes. São eles: Mãe, Família e Esperança.

O nome Esperança surgiu a partir da compreensão de uma narrativa marcada pela ausência de esperança. O jovem Esperança afirmou que, desde o ventre da mãe, estava marcado para não nascer.

Esperança entrou no Lar em 2008, veio encaminhado pela equipe de abordagem de rua da instituição, quando tinha 12 anos. Dos três jovens da pesquisa era o mais velho, além de ter vivido mais tempo nas ruas, onde furtava e usava drogas. Era temido na comunidade por causa do histórico da família, quase toda envolvida com o tráfico de drogas na região em que moravam, inclusive sua mãe que passou quatro anos presa.

No período da prisão da mãe, Esperança ficou fragilizado, sofrido, pois era muito vinculado a ela, que ia visitá-lo com frequência no Lar juntamente com as irmãs dele. Sobre o comportamento no espaço de acolhimento, era o menino dos extremos: amoroso, doce, delicado, no entanto, com um mínimo aborrecimento se transformava em uma pessoa agressiva, violenta.

Por não ter frequentado a escola com assiduidade antes do acolhimento, demorou mais tempo para ser encaminhado ao mundo do trabalho. Mas já no seu primeiro estágio se mostrou muito comprometido, tendo sido contratado pela mesma empresa como funcionário, após a maioridade. Em 2015, decidiu voltar para a casa da mãe. Após algum tempo casou-se. Atualmente mora com a esposa e aguarda a chegada da filha.

O segundo jovem, cujo codinome escolhido foi Mãe apresentou com ênfase em sua narrativa a presença de duas mulheres que ele considerava como suas mães. No entanto, nenhuma delas conseguiu corresponder às suas expectativas.

Mãe chegou ao Lar no ano de 2002, com seis anos de idade. Foi um dos primeiros meninos a serem acolhidos. Aprendeu, junto com a equipe, o percurso do cuidar e ser cuidado em um espaço de acolhimento. Antes, vivia na rua, nos arredores de um mercado de Recife, com sua mãe e irmã de um ano e cinco meses. A menina, que nasceu com problemas cardíacos, foi internada em um hospital infantil juntamente com Mãe, que não tinha problemas de saúde, por decisão do conselho tutelar. A médica residente que acompanhava as crianças no hospital solicitou à sua própria genitora que adotasse a menina, por ter ficado sensibilizada com a condição de vida dela.

Em audiência, o juiz condicionou a adoção de uma criança à outra, na tentativa de preservar a vinculação entre os irmãos. Após dois meses, a adotante procurou o juiz, alegando não ter condições de cuidar do menino, que foi encaminhado para acolhimento no Lar. Foi nesse espaço que conheci Mãe. Na maioria das vezes, ele me parecia passivo, não demonstrava interesse em nada. Para qualquer lugar que fosse precisava ser empurrado. Era considerado o mais quieto entre os acolhidos. Não tinha histórico de consumo de drogas, nem antes, nem durante o acolhimento.

Por não ter parentes que pudessem recebê-lo de volta e sua genitora continuar em situação de moradia na rua, Mãe ficou acolhido por 14 anos, saindo em maio de 2016, aos 20 anos. Na época, como estava trabalhando, alugou uma casa, mobiliou e se mudou. No mesmo mês decidiu tirar sua genitora da rua, acreditando que ela só precisava de uma moradia para ser a mãe que ele almejava desde criança. Porém, após dois dias, ela voltou para a rua. Depois de três meses conheceu uma jovem, casaram e tiveram uma filha.

O terceiro jovem, Família, estava marcado na origem pela ausência de uma família que quisesse ou pudesse cuidar dele. Esse foi o motivo pelo qual, desde muito cedo, precisou se virar na rua para sobreviver.

Família chegou à casa de acolhida em 2003, um ano após a chegada de Mãe. Tinha sete anos e veio encaminhado pelo conselho tutelar do município em que residia. Vivia nas ruas, pois sua genitora era andarilha e alcoolista. De tempos em tempos ela mudava de cidade, deixando os três filhos pequenos, uma menina e dois meninos, no mesmo município da Região Metropolitana de Recife - RMR. Família, que era o mais velho dos irmãos, sobrevivia fazendo pequenos mandados para as pessoas, como carregar feira, colher frutas, entre outros, recebendo em troca algum dinheiro. Além disso, as crianças contavam com a ajuda de uma senhora que, por consideração, chamavam de avó, e que, apesar de não colocá-las para morar em sua casa, esporadicamente lhes dava algum suporte de alimentação e dormida.

O primeiro acolhimento de Família durou cinco anos. Nesse ínterim, em 2008, foi transferido, por determinação judicial, para outra casa de acolhida, a

Tribo²⁵, onde estavam seus irmãos. Ali ficou apenas seis meses, alegando não ter se adaptado ao lugar, retornando, assim, ao Lar.

Em 2012 pediu para ser reintegrado à avó de consideração, morando com esta por dois meses. Como não deu certo, foi morar com sua genitora em uma invasão. No entanto, diante das condições precárias em que vivia com a mãe, Família pediu à coordenadora da Instituição Lar para retornar ao menos para passar o dia, se alimentar e fazer a higienização antes de ir para a escola. Quatro meses depois estava morando novamente na casa de acolhida. Estava diferente nesse retorno, parecendo ter amadurecido anos em poucos meses. Logo começou um estágio, deixando de se comportar como uma criança que tentava resolver tudo na porrada ou na brincadeira. Tornou-se uma pessoa extremamente responsável, porém fechada, sem permitir muita aproximação. Ao todo foram onze anos de vínculo com o Lar. Quando completou dezoito anos começou a trabalhar, alugou uma casa e foi morar com uma jovem, com quem vive até o momento.

3.3 Onde tudo começou

“Entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais” (BENJAMIN, 2012, P. 214).

Para iniciar a temática sobre suas origens, solicitei aos três jovens que falassem sobre suas experiências antes do acolhimento.

3.3.1 Esperança

Esperança foi o primeiro a falar. Tremia os lábios, mexia com as mãos, parecia nervoso. Afirmou que sua história foi muito complicada. Vivia no meio da rua. Apesar de sua mãe querer tirá-lo de lá, ele gostava mais da rua do que de casa, pois ali ficava na companhia dos primos.

Quando chegou no Lar era um menino complicado, mas aprendeu mais no acolhimento do que em casa. Não sabia sequer quem era antes de ser acolhido.

²⁵ Nome fictício.

Relembrou que a comunidade o julgava, mas no presente só tem elogios para com ele, graças à sua força de vontade e também ao Lar.

Esperança relembrou de ter dito à mãe, antes de ser acolhido, que sua vontade era andar com duas armas na comunidade, e que ela o olhou, começou a chorar e disse: *“Para você andar com duas armas aqui dentro desse fosfato a primeira arma que você pegar, você pega ela, e a primeira pessoa que você vai matar vai ser eu, pode atirar na minha cabeça”*. Essas palavras o magoaram e o fizeram pensar. E naquele momento ele decidiu mudar.

Assegurou que na infância cheirava cola, roubava, dormia na rua. Sua mãe o procurava constantemente e, quando o achava, levava para casa, mas após dois ou três dias, ele voltava para a rua.

Quando falou com a mãe sobre as armas e ela chorou, a cena lhe causou sofrimento, já que sua mãe fazia tudo por ele, e era ao mesmo tempo mãe e pai. Não quis lhe dar esse desgosto. Por isso naquele momento decidiu ir para o acolhimento, para não se envolver mais, porque se tivesse ficado como estava, certamente não estaria contando sua história.

Quanto ao seu pai, o jovem afirmou que o único contato que mantém com ele se resume à pensão que vai buscar todo mês, e que não quer mais do que isso. *“Porque o que ele fez, como pai, não tem perdão não. Mandar matar o filho dentro da barriga da mãe”*. Apesar do seu pai mandar sua mãe o abandonar na rua, ela nunca o abandonou. O jovem lembrou de tudo que a mãe passou para tirá-lo da vida do crime, já que ele foi abandonado pelo pai:

– Abandonou minhas irmãs e eu. Eu ainda estava no bucho da minha mãe. Ele querendo dar comprimido a minha mãe, querendo tirar eu da minha mãe. Mas minha mãe foi tão forte, tão guerreira que os outros diziam: “o teu filho não vai se criar não, não vai viver não”. E hoje eu estou aqui. Por quê? Por causa do apoio do Lar²⁶ (ESPERANÇA).

Em uma das vezes que sua mãe foi atrás dele na rua, perguntou se ele queria ser acolhido:

²⁶ Ao longo das suas narrativas, os jovens citavam o nome do espaço de acolhimento. Para preservar o sigilo, substituí pelo mesmo termo que utilizo ao longo da dissertação.

– Mãe, hoje eu não vou querer não, mas quem sabe da próxima. No outro dia eu comecei a usar droga, tomei um comprimido que eu fiquei doidão demais, fiquei caindo no meio da rua. Minha mãe me encontrou. Eu estava todo sangrado, ferido por causa da pressão psicológica do remédio, que ficou muito forte (ESPERANÇA).

Naquela época era “virado” dentro da comunidade. “Eu convivia mais com os bandidos do que com a minha própria mãe e a minha família”. Mesmo tão pequeno, afirmou: “Já sabia de tudo. Sabia mais do que uma pessoa grande, formada”.

Depois que passou a frequentar a rua com assiduidade, pedia e roubava. No entanto, se ele roubasse alguma coisa, sua mãe não guardava em casa, só aceitava dinheiro das balinhas que ele vendia no semáforo, quando começou a ir para a rua, o qual ela usava para comprar comida para dentro de casa. Esperança afirmou que precisou trabalhar, uma vez que: “Não tinha gente que trabalhava fixo. A pessoa teve que se virar. Ou se virava ou morria de fome”.

Para o jovem, ficar na rua era melhor do que em casa: “Quando meu padrasto chegava bêbado e dava na minha mãe, isso me revoltava. Eu era bem pequeno e minha mãe estava buchuda do meu irmão Bernardo²⁷”.

A decisão de sair da rua e ir para o acolhimento foi difícil:

– O que ficava mais perturbando para eu vir era porque ficava livre, ficava andando. E aqui sabia que era um sitio, a pessoa ia ficar mais trancadinha. Era isso que não me motivava. Por isso que passou um certo tempo, uns anos ainda, para Artesão conseguir. Para eu conseguir vir para cá (ESPERANÇA).

Naquela época a comunidade lhe julgava. Quando passava diziam: “Esse menino vai dá para quê, hem? ”. Hoje, quando passa, a comunidade só faz elogios, inclusive sua família, considerada por ele uma raça ruim: “Sim, porque em vez de apoiar a pessoa, ela fica contra. Se é para fazer algo bom, ninguém apoia, só se for para fazer algo errado. Ninguém apoia para o bem”.

Esperança afirmou que se tivesse continuado na vida do crime teria o mesmo destino dos companheiros das antigas, que já morreram ou estão presos:

²⁷ Devido aos episódios de violência o irmão Bernardo (nome fictício) não sobreviveu.

“Porque do jeito que eu era, e do jeito que eu estava virado, andando com bandido para cima e para baixo. E quem dizia que eu ia ser um cidadão de bem hoje?”

Decidiu mudar, sair da rua. *“Porque eu estava vendo que se eu fosse seguir aquele caminho, hoje eu não estava aqui para contar a história”*. Naquele período estava no seu limite.

– Além de ser o meu limite, também porque só era minha mãe que me apoiava. Eu não queria dar esse desgosto a ela. Ficar andando pelo meio da rua, principalmente aquilo que eu disse que queria andar com duas pistolas em Abreu e Lima. Isso e o comprimido me marcou muito. Fez eu pensar muito, refletir.

[...]

– Eu nunca pensei que ia chegar a essa idade que eu estou. Foi mais no período que estava lá, que tinha gangue. Eram os pirralhas de lá, mas só que estavam querendo dividir a favela. Um estava querendo comandar uma metade e o outro mandar em outro local.

– Estava dizendo: “se eu for viver nessa o meu destino vai ser o quê? O meu destino vai ser a morte. Eu vou é procurar coisa boa para mim”. Eu pensei, tudo aquilo que minha mãe dizia, Artesão dizia; que o meu primo estava aqui. Quando meu primo ia para as férias, dizia que aqui era bom (ESPERANÇA).

Assegurou que quando saiu do espaço de acolhimento e começou a trabalhar com carteira assinada era respeitado pela família, mas quando foi demitido passaram a agir diferente com ele:

– Quando a gente estava aqui, não convivia com a família, era tudo bem, tudo legal, mas depois que eu fui morar lá com a minha família, comecei a ver os negócios que eram errados, que eram certos. Por isso que falo que não sou bem chegado da minha família. Tenho vergonha da minha família.

A família está assim comigo é só porque eu perdi meu emprego. Porque quando eu estava trabalhando, era tudo uma maravilha. Mas depois que eu perdi o meu emprego, eu percebi e pude observar o que minha família é agora comigo, porque estou desempregado. Eu aposto. Quando eu arrumar um emprego de novo vai tudo querer se chegar. Para mim não cola mais. Depois que eu arrumar emprego, vou viver minha vida com a minha família²⁸ (ESPERANÇA).

Esperança tem nove irmãos. Um deles se envolveu com o tráfico, assim como os seus antigos colegas. E, quando ainda estava acolhido, sua mãe foi presa

²⁸ A família aqui expressa refere-se a esposa e filha.

por envolvimento com o tráfico de drogas, juntamente com dezenas de pessoas ligadas à família - 38 pessoas no total. Sua prisão durou quatro anos. Esperança afirmou que não se abateu porque teve o apoio do Lar e, principalmente, dos amigos, que estavam sempre por perto.

3.3.2 Mãe

O jovem afirmou que antes de ser acolhido vivia com sua irmã de um ano e cinco meses de idade e que, como não tinha como sobreviver, sua genitora colocava-o para pedir dinheiro no trânsito para que ela pudesse usar drogas. Eles moravam na praça de um mercado popular. Seu pai foi assassinado por um policial.

Sobre sua origem, asseverou que começou no acolhimento: *“Começa quando eu vim para o sítio, como se dos seis anos para cá fosse o começo, eu tivesse nascido de novo”*. Pois antes pedia esmola no semáforo para sua genitora usar drogas, dormia no chão, no papelão, na praça de um mercado. Lá, a genitora pedia frutas aos feirantes para eles comerem e também fazia mingau de cachorro no meio da rua, com fogão improvisado de tijolo.

– O que ela podia fazer por mim ela fazia. Independente de todas as ocasiões: de usar droga, beber... ela sempre teve preocupação comigo. Ela só não teve os cuidados comigo porque não tinha condição. Disse ela que a mãe dela faleceu. Foi aí que ela começou a usar droga (MÃE).

Quando ainda estavam na rua, ele e a irmã foram hospitalizados por encaminhamento do conselho tutelar, mas só a irmã estava doente. Do hospital, foram adotados por uma mulher. No entanto, Mãe foi “devolvido”. Ele afirmou que a mulher não quis ficar com ele porque era *virado* na rua, mas sua irmã, que era nova, podia ser educada. Em seguida refletiu: *“Acho que até hoje minha irmã está com essa mulher”*.

Essa mulher que o “*devolveu*” providenciou sua ida para o Lar e após visitá-lo algumas vezes, sumiu. Mãe gostaria de ter vivido com ela, mas como não deu, buscou ser uma pessoa calma, e reconstruir sua vida: *“Todo mundo tem os seus defeitos, os seus erros”*. Acredita que foi devolvido porque perturbava muito: *“Ela só ficou comigo porque queria ficar com a minha irmã, porque se não me*

levasse, não levava minha irmã. Porque quando chegasse lá no juiz ela...” Visivelmente triste Mãe continuou: *“Porque fui abandonado em vários sentidos, pela minha mãe e por uma pessoa que fingiu cuidar de mim”*.

Algumas pessoas não acreditavam nele porque: *“Eu acho que fui muito desprezado no passado. Acho que eles souberam e não quiseram me falar do meu passado... Como eu cheguei até aqui”*. Afirmou ainda que as pessoas: *“Me viam como se fosse ser ninguém, nada”*.

Asseverou que aos treze anos, era muito preguiçoso e ninguém acreditava nele, nem o coordenador do Lar, que repetia constantemente que ele não conseguiria nada na vida. Mas foi a partir dessas críticas que ele foi conquistando as coisas. Todos desacreditavam dele porque era uma pessoa calada, tímida.

Quando completou a maioridade arrumou emprego, e naquele período começou a planejar sua saída do Lar. Sobre sua saída, aos vinte anos, afirmou que: *“No começo foi difícil. Tinha meu trabalho, tinha meu aluguelzinho. Tinha tudo em casa, mas é difícil. Quando a pessoa se sente muito só dentro de casa, fica pensando coisas más”*.

Por não suportar ficar em casa sozinho, Mãe decidiu ir buscar sua genitora na rua. Para ele, o melhor dia da sua vida foi quando sua genitora chegou na casa dele. O pior dia foi o seguinte, quando discutiram e ela decidiu ir embora, dizendo inúmeros palavrões. Foi a partir daquele momento que ele começou a cair. Passou a gastar tudo que recebia, não pagava as contas, faltava ao trabalho. *“Foi mesmo que uma faca atirada no peito. Por tudo que vim fazendo, que eu queria fazer por ela, foi tudo jogado fora”*.

Nesse mesmo período sua genitora veio buscar os pertences que havia deixado na casa dele. Enquanto ela arrumava suas coisas, furtou um relógio e uma corrente de Mãe, vendendo-os depois.

A partir daquele momento, o jovem afirmou que *“caiu em si”* e se afundou ainda mais. Ficou deprimido, não se alimentava bem. Só queria ficar em casa pensando em coisas más: *“Roubar, matar, usar droga... O que tivesse mais perto do alcance”*. Sentia-se desprezado, tinha tudo, mas estava sozinho. Aqueles que se aproximavam, queriam sugar-lhe os recursos, sua energia, seu afeto.

Ainda naquele período, quando estava em casa desesperado, uma pessoa aproximou-se e disse: *“Quer um pouco de droga para vender?” Chegou com*

um sorriso na cara. ‘– Quero não, muito obrigado’. Tudo que a pessoa passou, jogar fora agora. Já passei por muitas coisas ruins, muitas”.

Algum tempo depois, conheceu sua atual companheira, que lhe apoiou e o ajudou a organizar as contas. Após três meses passaram a morar juntos.

Afirmou, ainda, que conviver com a genitora na rua era uma possibilidade, mesmo que ao seu lado tenha vivido a experiência do não cuidado: “[...] *É melhor estar com a minha mãe do que estar sofrendo com alguma outra pessoa. Estar com ela na rua pelo menos é minha mãe, meu sangue. Está sofrendo, eu estou com ela*”. Tentou explicar sua colocação: “*Não é nem falta. Só o nome “mãe”. Sei que não tive amor, não tive cuidado, mas sei que é minha mãe. Só vem ela na mente*”.

Assegurou que só percebeu porque foi tirado da mãe no momento em que estava narrando sobre isso: “*Está vindo isso agora, depois de velho, porque a pessoa vai pegando experiência. Viver com ela, morar com ela, independente de tudo, porque não sei como foi que me tiraram da minha mãe. Eu pensei que ela tinha me abandonado*”.

Asseverou que o objetivo das pessoas quando o afastaram da mãe foi:

– Colocar em outra família para ver se ela podia dar esse cuidado que a minha mãe não teve. Dar banho, roupa, comida, carinho. Por isso tentaram me tirar da minha mãe, que não tinha condição de fazer isso, e dar a outra pessoa para ver se ela tinha condição de ser mãe (MÃE).

Sobre a experiência de estar na rua com a mãe e se separar dela afirmou:

– Ruim foi estar na rua ao lado dela, porque não sei o que seria de mim hoje, um traficante ou um matador, noiado. O bom foi que me tiraram dela. Mas teve uma perda. Eu não tive mãe, só o nome mesmo. Sei que ela não me considera, tanto faz ser filho dela ou não ser. Mas eu tenho consciência que eu sei que ela é minha mãe. Ela não considera isso porque pode não ter conhecido o amor de mãe, de pai. O que ela não teve, não pode dar a mim. O que eu não tenho, por exemplo, o amor de mãe e de pai, eu vou conseguir dar a outra pessoa? Não tem condição. A pessoa dá o que recebe (MÃE).

3.3.3 Família

Família afirmou que nunca teve uma família estruturada: *“Uma convivência, um Natal junto, Ano Novo junto, Dia das Crianças junto, festa junto, almoçar junto, tomar café, tudo junto”*. Mas que apesar de estar na rua, não usava drogas. Ficava na rua porque era abandonado, não tinha ninguém por ele. Só teve alguém por ele quando foi acolhido, aos sete anos, pelo Lar.

Aprendeu muitas coisas no Lar, inclusive a brigar: experimentou, assim como uma criança que cresce entre seus irmãos, as disputas e a divisão de um espaço que demarcasse sua singularidade. Na Instituição Lar também aprontou bastante até retornar para a casa da família. Lá fora aprendeu sobre a vida, e foi na casa da família que percebeu que aquele não era o melhor lugar para ele.

Tem um irmão de quinze anos que está cumprindo medida privativa de liberdade na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE²⁹) por tráfico. Além desse, talvez tenha uns oito irmãos, mas só conhece mais outros dois: uma adolescente e um rapaz mais velho que ele, que moram em outro estado. Da convivência com o irmão mais velho, de quando era pequeno, afirmou: *“Não era convivência de família, de irmão, de acordar junto, dormir junto, comer junto”*.

Asseverou que sua mãe nunca teve uma casa, vivia no meio do mundo bebendo e se prostituindo, deixando os filhos sozinhos, e que estes foram ajudados por uma senhora que as crianças, por consideração, chamavam de avó. Sobre o sentido da casa disse: *“Uma família. Uma família dentro de casa. Fogão, geladeira, cama, tudo. Uma família estruturada. Isso que eu nunca tive”*. Afirmou que vivia no meio do mundo, na casa de um e de outro; era querido pelas pessoas que o mandavam fazer favores, comprar coisas, colher frutas, e mesmo tendo que trabalhar para comer, se sentia feliz de poder pegar algum dinheiro e comprar o que queria.

Naquele período ele e os irmãos ficavam com a avó de consideração, que cuidava dele e dos irmãos:

– Ela cuidava assim: na hora de uma dormida, uma comida, mas não era aquele cuidar de família - de tomar banho na hora certa, comer

²⁹ Antiga Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM).

na hora certa, dormir na hora certa - era um cuidado mais de alimentação, para a gente não morrer de fome. Mas não era aquele cuidado com amor não, de neto, filho, não (FAMÍLIA).

Sobre a condição da mãe dele quando vivia com ela afirmou: *“Ela bebia, mas nunca criou esse mal na gente não”*.

Quando se tornou adolescente pode perguntar à sua mãe porque ela não criou ele e os irmãos:

Uma vez, quando eu estava maiorzinho, eu disse: ‘Por que a senhora não me criou, já que a senhora diz que é minha mãe?’. ‘– Eu não criei você, meu filho, porque eu não tenho condições. Se eu tivesse, você estava morando comigo’. Foi quando eu comecei a entender que ela era minha mãe mesmo, de verdade (FAMÍLIA).

Por isso se sente grato à mãe: *“Força de vontade e gostar de mim. Pelo amor que renasceu não na infância, mas depois que eu comecei a entender”*.

Seu genitor mora em São Paulo com outra família, entretanto o jovem não o considera como pai. Relembrou que quando o conheceu, lhe pareceu uma pessoa boa, que inclusive perguntou, na época, se Família queria morar com ele em São Paulo, e lhe ofereceu dinheiro, mas ele não aceitou nenhum dos dois, pois teve a sensação de que o genitor queria comprá-lo, arrependido por não tê-lo criado.

Com tom de tristeza, Família narrou a morte da mãe há uns dois anos, em decorrência de um tumor no cérebro, e que, apesar de ter feito uma cirurgia, no pós-operatório ela teve uma infecção e não resistiu. Naquele período, foi difícil para ele trabalhar e acompanhá-la no hospital, pois não tinha mais ninguém da família que o ajudasse.

Do período das visitas à mãe no hospital narrou: *“Eu ia visitar, ela me abraçava, beijava, perguntava quando eu ia voltar na hora que eu ia embora, me mandava ir com Deus. ‘– Cuidado com a vida’. Perguntava se estava bem. Eu também perguntava se estava bem, e vice-versa”*.

Família relembrou uma das conversas com a mãe: *“Ela dizia que cirurgia de alto risco se aposenta. Disse que ia alugar uma casa, ia morar a gente, tudo junto, como uma família”*. As promessas não foram cumpridas:

– Foi triste. Pensar uma coisa e acontecer outra. Minha avó também, eu gostava muito dela, mas a partir do momento que ela falou uma

coisa para mim, não tenho raiva dela, mas não gostei. Ela falou: “se for para tua mãe ficar doente, ou seja, de cama, é melhor ela morrer”. Como a pessoa diz uma coisa dessas do ser humano? Ou seja, ela não queria responsabilidade. Ainda mais uma pessoa de cama. Ela também não devia ter falado isso. Desse dia para cá eu desgostei dela (FAMÍLIA).

Família afirmou que a avó de consideração teve nove filhos, mas não sabia lidar com as relações familiares. Era uma pessoa difícil: *“Humilha muito a pessoa. Até fome na mão dela eu já passei”*. Isso aconteceu quando foi reintegrado à avó na adolescência.

– Quando saí daqui, foi nesse tempo que eu passei fome na mão dela. ‘– Vai trabalhar, vagabundo! Aqui não tem comida para vagabundo. Só come aqui se trabalhar.’ Eu procurei o Lar. Não estava fazendo nada da vida. Apenas querendo uma oportunidade. Quando eu cheguei aqui, me achei de novo (FAMÍLIA).

O jovem asseverou que o modo de ser da avó tinha a ver com a história de vida dela:

– Eu também posso entender um pouquinho, uma pessoa muito sofrida. Dá para entender o limite dela. Mas não vem ao caso dela fazer essas coisas. Porque se eu sofri na minha vida, vou fazer a mesma coisa com meu filho? Não. Pelo contrário. As coisas tem que fazer certo. Se eu sofri, eu quero que meu filho sofra? Não, o contrário, quero que ele estude, aprenda. Dar estudo quando for crescendo (FAMÍLIA).

3.4 Acolhimento

O Lar apareceu de modo marcante na narrativa dos jovens. Assim, foi proposto que fizessem duas atividades, com vistas a possibilitar o aparecimento de outros coautores na história deles e nas quais pudessem rememorar experiências com pessoas que lhes marcaram, não só experiências boas, mas que de algum modo lhes foram significativas. Na primeira atividade eles fizeram desenhos livres, e na segunda foi utilizada a bricolagem³⁰.

³⁰ O termo origina-se do francês. Refere-se a um trabalho realizado manualmente com materiais oriundos de fontes diversas. No presente contexto, foram expostas inúmeras figuras previamente recortadas para que os jovens pudessem selecioná-las, colá-las em um papel em branco e depois narrar sobre o significado delas.

As duas atividades foram escolhidas por possibilitarem formas de diálogo e expressão complementares às narrativas orais. Assim, não foi realizada interpretação do traçado, cores, posição das figuras no papel, entre outros. As duas atividades fizeram parte do movimento narrativo, conforme exposto nos balões ao lado de cada figura, e suas análises estão abarcadas nas narrativas.

Os desenhos livres e a bricolagem são apresentados nesse subcapítulo, uma vez que em ambos se destacou a experiência do acolhimento.

3.4.1 Esperança

Esperança rememorou como era o Lar quando chegou ao espaço, desde a primeira coordenação. Afirmou que o lugar passou a melhorar, a ter respeito, com a chegada de Constelação, porque antes, quando os acolhidos passavam do portão, eram considerados foragidos. Sobre como eram as “disciplinas” aplicadas aos meninos quando descumpriam alguma regra da instituição, Esperança comparou sua experiência com uma e outra coordenação, afirmando que: *“Em 2006, Constelação chegou e as coisas foram mudando. Dava mais liberdade aos meninos. Contratou duas educadoras novas”*.

Para ele o Lar foi um divisor de águas: *“Porque se não fosse a minha mãe, primeiramente, e, segundo, o Lar, eu acho que eu não estava vivo aqui para contar a história, porque do jeito que eu era. O Lar foi que fez a gente se transformar, fez a mudança na gente”*.

No acolhimento aprendeu a conviver com a mãe, a amá-la. Ela vinha a cada quinze dias visitá-lo, e com isso ele se sentia mais motivado.

Esperança percebeu que era muito querido no espaço de acolhimento no episódio da prisão da sua mãe. Diante do seu sofrimento, Constelação e outros profissionais o procuravam para demonstrar solidariedade e, naquele momento, percebeu que os profissionais do Lar se preocuparam mesmo com ele.

– Já era uma família para mim. Estavam se preocupando comigo porque eu, na infância, era o quê? Era só minha mãe mesmo. Porque o meu pai, quando eu estava no meio da rua, disse: ‘deixe esse filho para lá. Tu não vais conseguir consertar aquele menino, do jeito que ele é hoje não’. E minha mãe: ‘eu nunca vou desistir do meu filho’, e sempre ia atrás de mim. Olha o pai que eu tenho, mandando

me abandonar. Logo no início, mandou me matar, na barriga da minha mãe (ESPERANÇA).

Afiançou a importância do trabalho coletivo realizado pelos profissionais do Lar:

Porque se não fosse a equipe da Instituição, o grupo, hoje a gente não estava aqui contando a história, contando a minha história. Eu não estava, Mãe não estava, Família não estava. Porque o meu sonho mesmo, era andar com duas armas na comunidade. Ser o patrão, ser o comando na comunidade. Mas a conquista foi do grupo da Instituição. Todos juntos. Um trabalhava na rua, outro trabalhava aqui na Instituição. Foi um trabalho em conjunto. O que a gente aprendeu está levando para a vida.

No desenho livre, Esperança destacou o desenho do professor de percussão que gostava muito dele, o respeitava: *“Ele nunca falou nada comigo para me ofender. Ele era diferente, chegava, perguntava como eu estava”*. Na bricolagem afirmou: *“O que marcou na minha infância foi minha mãe. Da minha história, que eu vim contando, foi minha mãe”*. Das lembranças da rua, casa ou escola, assegurou: *“Na escola mesmo que eu estudava, eu era mais na minha. Sentava lá, ficava na minha cadeira. Os pirralhas, do início que eu disse, viraram tudo traficante. Estão mortos”*.

Sobre a possibilidade de ter sido marcado de outros modos asseverou:

– Marcou não. Porque só o que marca são aquelas pessoas que fazem coisa boa e também tem umas que fazem coisa boa, mas no momento fazem coisa ruim, mas isso a pessoa supera. É porque minha infância foi no Lar. E depois que saí da rua, vim para cá. Foi o Lar que mudou tudo. O Lar não. Quem mudou foi eu. Ele só estava dando um apoio. Mas as pessoas que mais me marcaram foram aqui dentro mesmo (ESPERANÇA).

Constelação foi uma pessoa que quando assumiu o cargo de coordenadora do sítio, foi muito legal, porque ela chegava para a gente e conversava. E isso eu fui gostando. É por isso que botei eu perto dela.

Porque ela é a pessoa que quando eu estava sentindo alguma coisa, principalmente quando ela soube da notícia que minha mãe foi presa, ela me apoiou muito. Me chamou para conversar.

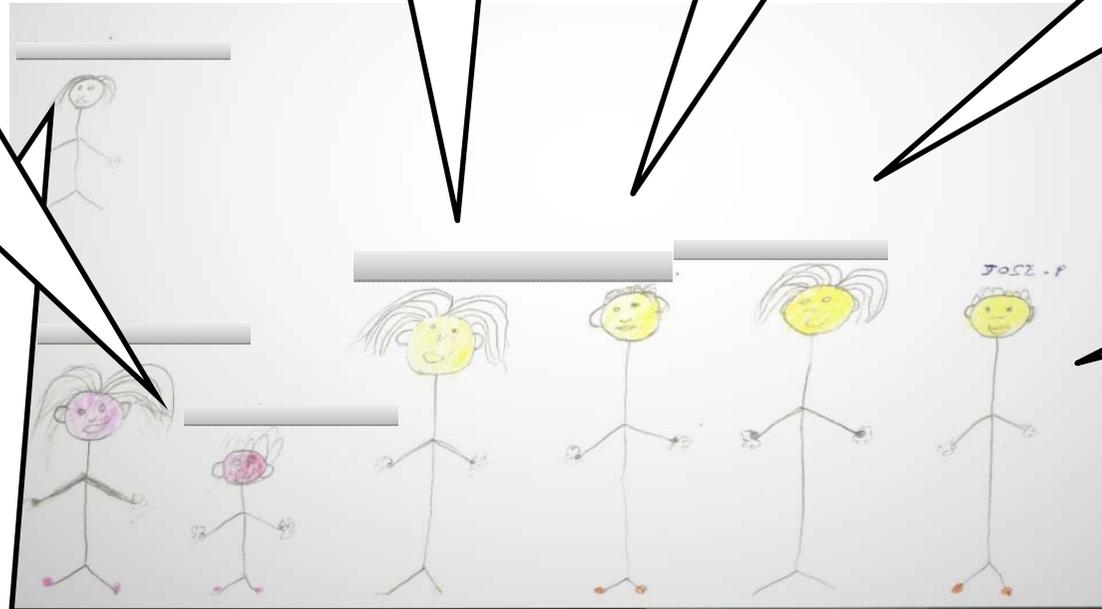
Me levava para a missa, para distrair um pouquinho. Por isso que estou perto dela.

Vem Artesão, que conversava muito comigo também. Principalmente quando eu vivia na rua e ficava pedindo para eu vir para o Lar, eu dizia: 'não'. E ele sempre insistia e nunca desistiu. Até que eu consegui vir para cá.

Esse daqui é Careca, da mandala, que me apoiou muito também. Depois que eu comecei a entrar na mandala, foi que eu comecei a ter e assumir meus compromissos.

Aqui é tia Rosa que sempre me apoiou no reforço, na escola. Sempre ia buscando algo mais para a gente também.

Tem José da Percussão. Apreendi muito com ele percussão. Principalmente quando a gente foi tocar lá em Tia Mariza. O ensaio foi tão bonito, todo mundo se levantou, bateu palma.



E aqui está Anjo, mesmo a gente tendo os nossos defeitos, ela sempre parava, escutava, dizia o que estava errado, o que estava certo. Ou errado ou mesmo certo, sempre abaixava a cabeça. E também eu me lembro que a gente estava jogando bola na quadra, por isso que eu comecei a gostar de Anjo, parece que eu estava querendo arrumar confusão com um menino. Eu já estava esquentado, Anjo veio arengar comigo, eu tive uma discussão tipo mãe e filho. Eu vim embora para casa e Anjo ficou lá com o menino. Depois um pirralha disse:

- Tu não estavas com raiva de Anjo?

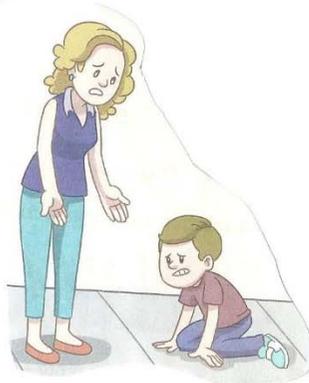
- Eu disse: - já visse filho ficar com raiva de mãe?

Ainda tinha mais, a lista ainda não completou a família toda.

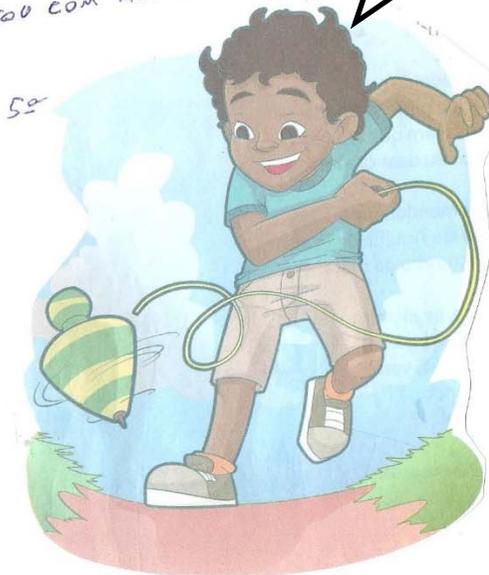
Aqui foi quando eu estava no telão sentado, com a cabeça quente. Anjo chegou para conversar, eu estava já todo estressado, não querendo escutar. Saí de perto de Anjo, vim embora para casa. Foi na hora que um menino disse: "tu não estás chateado, tu não estás brigado com Anjo?" Eu disse: "já visse um filho ficar brigado com a mãe?" Foi na hora que Sr. Careca ouviu e disse a ela.

E esse eu e meus amigos rodando pião aqui. Era eu, Família, Mãe, Val e Alex.

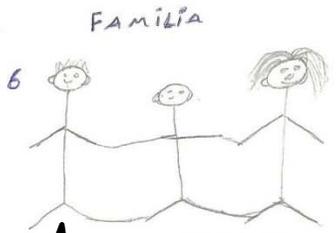
Aqui, vendo essa figurinha, lembrei-me de Francisca. Minha madrinha da Alemanha. No momento que eu estava doente, ela chegava no meu quarto, ficava comigo, contando história. **Trazia** fruta para ver se eu comia, porque eu não estava comendo nada. E ela sempre: "**Bora** Esperança, tu és forte". Foi a única pessoa que chegou mais próximo de mim. Onde eu estava, ela estava junto.



EU ESTOU COM MEU AMIGO -



Essa aqui eu me lembrei de Carol e Ricardo, aquele casal que não tinha filho e levava a gente para pizzeria, depois levou a gente para o Veneza. E isso marcou muito. Quando vi essa piscina aqui, um menino mergulhando.



E essa aqui sou eu, minha esposa e nossa criação familiar que está vindo por aí.

Essa bicicleta aqui me lembrei do raminho que a gente tinha aqui. O passeio que a gente fazia com Atleta. lam todos da instituição.

3.4.2 Mãe

Mãe foi um dos primeiros acolhidos do espaço. Conviveu com o primeiro coordenador, e assegurou: *“Veio conquistar o respeito depois que Constelação chegou, chegou você... foi conquistando uma nova era, assim, revolução”*.

Sobre as *“disciplinas”*, Mãe narrou algumas violências físicas e psicológicas a que eram submetidos durante a coordenação anterior à chegada de Constelação. Afirmou, ainda, que poucos meninos daquele período quiseram alguma coisa na vida, relacionando isto ao contexto do acolhimento, no qual os educadores, meninos e coordenação os tratavam de modo diferente.

Sobre a educadora Anjo, afirmou:

– [...] Anjo sempre conversou aberto como uma mãe. Por isso que a gente tem muito apego, hoje em dia. O negócio podia ser grandão, mas ela chegava, conversava: “Você está errado. Diga a verdade”. Fui começar a entender a verdade. Falar as coisas certas. Mesmo que estivesse errado, grave, o que fosse, chegava e conversava. Ali eu ia melhorando. Começou com Anjo a ter o diálogo. Porque antigamente não tinha diálogo. Errou, ia para o quarto, ficar preso e pronto; botava dentro do quarto. Ela começou a conversar e o negócio foi mudando. O tempo foi passando, e eu conheci como é gostar da pessoa, amor.

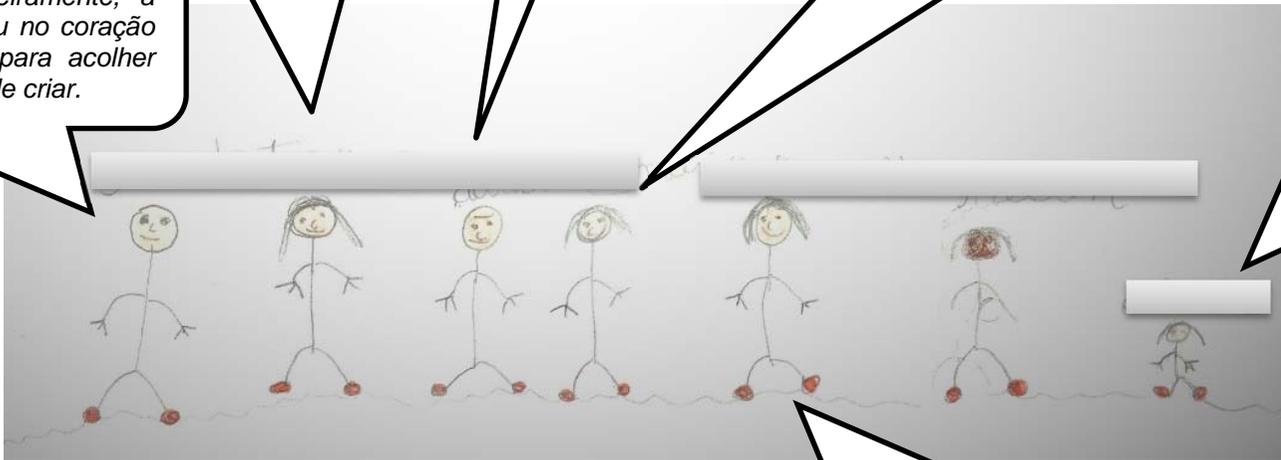
Os desenhos e as colagens de Mãe foram marcadamente do período em que esteve acolhido, com exceção da sua esposa e filha. Sobre as outras pessoas, Mãe afirmou: *“O sítio foi a maior parte da nossa vida. Tinha que ser mais o sítio”*.

O educador de rua. Ele tinha contato com essa mulher que me adotou. Me trouxe para cá. Se não fosse ele, eu também não estava aqui, não sei o que seria de mim.

Constelação também do nosso lado, apoiou a gente. Independente se a gente tinha errado, a gente errado queria estar certo, e ela:
– Você está errado, é isso, é aquilo.
Tudo era para o nosso bem. E hoje está o fruto. Esse trabalho maravilhoso que foi efetuado aqui no sítio. Graças a Deus que eu estou aqui, independente das dificuldades que já passamos, estamos de pé aqui, firme e forte.

Tia Anjo que compreende tudo. No começo eu era uma pessoa muito desprezada, ela sempre acreditou em mim. Ela dizia “você vai conseguir”, e eu consegui.
As pessoas diziam que sou o mais queridinho dela, mas isso é tudo fruto de uma conquista, a pessoa vai conquistando cada dia que passa. Nada é de graça, nada é em vão, a pessoa vai conseguindo o respeito. Estou aqui, graças a essas pessoas que sempre me apoiaram, sempre estão ali no lado.

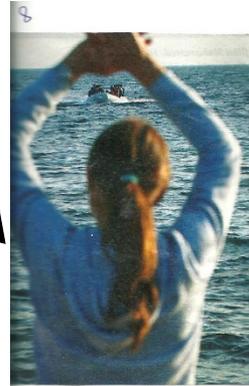
O fundador, porque ele abriu esse espaço maravilhoso; se não fosse ele, primeiramente, a gente não estava aqui hoje. Deus tocou no coração dele e abriu esse belíssimo espaço, para acolher criança que a família não tem condição de criar.



Minha esposa também. Principalmente com ela eu vou construindo minha família. O Lar é minha família, mas depois disso aqui, tem que construir outra família. Ela e a minha filha que vai nascer, fruto do meu esforço, do meu trabalho.

Lareira também, sempre teve do meu lado. E até hoje não abandonou a gente. Sempre está aqui, momentos bons ou ruins, está aqui para conversar. Tudo isso faz parte da nossa vida. Até hoje.

Anjo que sempre estava ali nos momentos bons, difíceis aqui no sítio, segurava na nossa mão. Por isso que hoje em dia ela apoia sempre a gente. Dizem que eu sou muito apegado a ela, porque no momento que eu precisei, todo mundo me deixava de lado, e ela disse: "você com trabalho, sem trabalho, estou aqui do seu lado, se você tiver precisando de mim, qualquer coisa, em qualquer situação, tiver desempregado, pode me procurar que eu estou com você". Por isso que a gente tem um vínculo com ela, porque ela sempre esteve ali do nosso lado.



E aqui foi no momento que eu fui crescendo; trabalho na Duas Rodas. Foi uma empresa que sempre me apoiou, até hoje me apoia. Muitas caídas.

No começo, quando a minha mãe falou comigo, eu estava caindo, faltando muito, e dizia lá que estava doente, mas eu não estava, estava tipo com uma depressão. Se fosse qualquer outra empresa, tinha me botado para fora; até hoje, Sr. Luz diz que gosta de mim, nunca me abandonou.

Aqui é a família da instituição. Como se fosse uma família.

Nos momentos bons e nos momentos ruins, junto apoiando sempre a gente. Isso aqui são os gatinhos que significa, por exemplo, Anjo que me apoiou. Aqui é Lareira também. O povo que me apoiou. Tipo uma família.

Que estava sempre do lado. A instituição estava sempre do lado da gente, quando caísse e procurasse, sempre tinha alguém por perto, dava apoio, para conversar, feito você, Constelação.



Aqui é muito futebol. Artesão que era o professor de futebol. A coisa que eu mais me entrosei foi futebol quando eu cheguei ao sítio.

A maior parte da nossa infância foi aqui na instituição, eu não lembro nada do que eu passei. Só de algumas coisas, mais ou menos. Eu botei mais o que significa, de lá para cá. O Lar. Parte da minha vida foi aqui no sítio.

Aqui botei tudo que passei na vida. Eu superei tudo. O cara aqui, superação dele. Ele caiu de alguma forma, fraturou alguma coisa e se levantou, independente de tudo. Como se fosse eu na vida.



E aqui é no começo, aqui é Educador que faz como Artesão que trabalha na rua. "Você quer mudar de vida, você quer ser isso, quer aquilo?" Fica conversando.



E aqui é Constelação, não parece muito, mas ela sempre apoiou o nosso lado. No tempo de Pai era maltratado, quando ela chegou mudou tudo. Deu oportunidade de trabalho a gente, fazer curso, acreditava na gente.

Aqui foi quando eu cheguei na Instituição Lar. Esse acolhimento na casa, foi mudando minha vida, organizando. Foi um lugar que me trataram muito bem. Até hoje me tratam.

3.4.3 Família

Família estava no espaço de acolhimento desde a primeira coordenação. Ele afirmou que não tinha nada contra Pai³¹. Ele era uma boa pessoa. O problema era que ele não acreditava nos meninos, só nos educadores. E o lugar, naquele período, lembrava um presídio. Sobre as “disciplinas” afirmou que tudo mudou com a chegada da educadora Anjo: *“Ela não botava os meninos em disciplina”*.

Quando ainda estava no Lar, Família foi transferido para outro espaço de acolhimento para ficar acolhido com os irmãos: *“Morava eu, ele e a minha irmã. Mas eu não gostei de lá, comecei a aperrear, bater nos meninos para vir para cá de novo. Eu gostava mais daqui do Lar”*. Assinalou o que não gostava na Tribo:

– Eu não gostava das tias. O sistema lá era mais bruto. Seis horas tinha que estar dormindo. Não podia sair para rua. Bagunçava demais lá na Tribo, saía, pulava o muro, ia para feira e as tias atrás da gente. Talvez se meu irmão tivesse tido a oportunidade de vir para cá, como naquele tempo que vocês foram conversar com ele, eu acho que talvez ele era alguém na vida hoje (FAMÍLIA).

Na Tribo, aprontou com o objetivo de voltar para o Lar. *“Era bom, mas não era como aqui. Ofereceram várias oportunidades lá também: caratê, informática, violão. Oxe, e eu queria saber disso... só queria estar aqui mesmo”*. Assegurou que na Tribo também tinham profissionais que estariam preparados para o cuidado, *“Mas não eram pessoas que acreditavam em mim”*. E, apesar de oferecerem tudo como se acreditassem nele, finalizou, prevendo a intenção: *“Foi um modo de eu ficar mais quieto. Não foi um investimento para eu crescer na vida. Foi só para ocupar a mente”*.

Afirmou que, na adolescência, não quis ser reintegrado à mãe porque ela tinha um companheiro que bebia e batia nela. Ele não suportava ver aquilo, e garantiu que, inclusive, se fosse uma pessoa errada, o teria matado. Quando foi para reintegração, percebeu que a família não era a ideal para estar com ele, e que o lugar ideal era o Lar, o qual ele considera não ter dado valor na primeira vez. Só queria brincar, bagunçar. Afirmou que, quando voltou, entrou no projeto de formação profissional.

³¹ Codinome do primeiro coordenador do Lar.

Família recordou, ainda, as visitas dos familiares dos outros meninos acolhidos no Lar: *“Antigamente, quando os parentes dos meninos vinham visitar eles, eu ficava olhando. Só minha mãe que não vem”*. E concluiu:

– Só meus irmãos que não vêm, meus tios que não vêm, que diz que é tio. Por isso que eu digo: minha família sou eu e minha mulher. Eu e eu mesmo. Só eu. Ficava triste. Os meninos todos felizes, brincando com os irmãos, fazia coisa para eles. Como é bom ter uma família (FAMÍLIA).

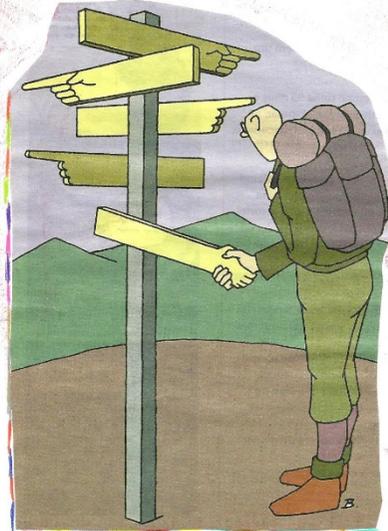
Afirmou que aos 14 anos, no ano de 2011, quando foi reintegrado à avó, permaneceu com ela por alguns meses. Todavia, ela dizia que vagabundo não ficava na sua casa e que se quisesse continuar lá, deveria dormir no terraço. Foi nesse período que ele decidiu sair: *“Aí procurei a minha mãe, com todos os defeitos. O marido dela que eu não gostava”*. Família morou com a mãe por quatro meses, até pedir a Constelação para voltar ao Lar e frequentar o espaço, ao menos para se alimentar.

Em uma das imagens da sua colagem, Família mostrou um jovem na dúvida sobre qual caminho seguir, afirmando que não teve ninguém para ajudá-lo, lhe dar um conselho. Por isso, não sabia qual caminho escolher, mas quando conseguiu dar um passo, aconteceu tudo, apontando para as demais colagens.

Primeiramente Deus, como sempre. Não só na minha vida, como na de todos.



1- Deus.



2- eu procurando o caminho.

Depois eu vi que estava em um caminho, procurando um destino para me consertar na vida. Eu errei quando eu morava aqui antes, eu procurei a pessoa principal da instituição, Constelação, no momento que eu mais precisei ela me acolheu.

Essa aqui sou eu pedindo ajuda. Onde todo mundo criticava, achava que ia ser bandido, noiado, traficante, eu pequeno. Constelação me acolheu de volta.



3- Lar.



4- família Lar.

Aqui é a família da Instituição Lar. Tem todas as pessoas aqui que me acolheram, me deram bons conselhos, me orientaram para vida. Família o Lar.

Aqui eu aprendi muitas coisas, conheci novas pessoas.



5- Aqui tudo se aprende

Aqui bicicleta.
Eu gostaria de trabalhar em empresa de bicicleta, ou mexer com bicicleta.
Sonho realizado aqui.



6- Sonhos e desejos realizados.

Depois minha segunda família, que até agora sou eu e minha esposa.
Minha primeira família, como eu falei nos dias anteriores, foi aqui e sempre vai ser.
Não importa as pessoas que vão estar, ou não vão estar aqui.



7- Aqui eu construí minha nova família.

3.5 Desdobramentos atuais

Foi solicitado aos jovens que narrassem sobre o presente, com vistas a compreender o modo pelo qual passaram a cuidar de si mesmos após a saída do acolhimento.

3.5.1 Esperança

Para Esperança, o presente começou quando saiu do acolhimento, chegando a pensar em fazer coisa errada, mas lembrou das pessoas que poderia perder. O ruim foi quando estava desempregado, pois poderia vender drogas, mas decidiu vender confeitos, água, picolé, mesmo sabendo o quanto é difícil sobreviver com esse trabalho informal.

Esperança afirmou, ainda, o que o segurava para não fazer coisas erradas: não matar, não usar drogas, não traficar:

– O que segura eu vou falar, de coração mesmo. Eu conquistei o amor, principalmente aqui no Lar, na empresa. Em todo canto, as pessoas que me apoiam, em relação ao que eu já fui, eu passei por tanta coisa, porque quando eu cheguei lá em cima, depois que eu construí, consegui alguma coisa na vida, eu vou destruir de novo? Eu penso em fazer aquele negócio, mas na mesma hora eu penso nas pessoas que gostam de mim, porque as pessoas que gostam de mim eu não quero nunca decepcionar, ninguém. Eu fico entre aquilo e isso aqui (ESPERANÇA).

Asseverou que “os caras” da comunidade oferecem coisas para ele.

– Oferecer, oferece. Mas eu não quero. Pode chegar e dizer. Quero não, fico não. Eu não fico em canto nenhum. Quantas vezes chegou um cara para me oferecer bolsa de maconha, bolsa de pedra para vender e eu não quero. Por quê? Porque eu penso nas pessoas que me deram amor, que me deram carinho. Sempre me educaram, me respeitaram. Sempre me apoiaram, mesmo errado ou certo, mas estavam ali para me apoiar. Eu penso nessas pessoas e também na minha mãe. Por isso que não me envolvo mais com esses negócios. Porque eu sei o que eu passei e sei o que eu construí aqui, no tempo que eu passei (ESPERANÇA).

Afirmou que irá criar seu filho de modo diferente do que foi criado: “*Para aprender é educação. Você ensina de conviver eu, ele e minha esposa. Dizer o que é certo e o que é errado. A escolha vai ser dele*”. Esperança assegurou, ainda, que não se envolveria em coisas erradas para bancar uma vida melhor para a filha.

Quanto ao futuro, afirmou: “*O que eu penso do meu futuro é construir minha casa própria para botar o meu filho e minha esposa dentro da casa, dar educação ao meu filho, porque o que eu fiz eu não quero que o meu filho faça*”.

Sobre contar sua história garantiu: “*Me sinto orgulhoso. Um exemplo: contar para o meu filho, ele vai se sentir orgulhoso. Dizer ‘poxa! Tu passaste por tudo isso meu pai e não voltasse para os negócios errados’*”. E que, apesar de morar no mesmo lugar e ver tudo o que ali acontece, consegue ficar longe, mesmo perto: “*O que me deixa orgulhoso é que eu venci a criminalidade. Ela não me venceu*”.

Esperança asseverou que, à medida em que ia narrando sua história no decorrer da pesquisa, ia aprendendo a melhor maneira de agir no presente.

– *Principalmente da comunidade. Do lugar que a pessoa vive. Ver um amigo que viu crescer na favela, estudou na mesma escola. Tem alguns morrendo, outros presos. Aí a pessoa diz para si mesma ‘olha aí véi, a mudança que eu tive’. Hoje eu me sinto realizado (ESPERANÇA).*

Narrou como se sentia após contar sua história ao grupo: “*Me sinto mais aliviado, porque é uma história assim que eu mesmo vivi. Meus amigos que estão aqui também viram. Porque quando eu cheguei aqui, parecendo um siri na lata, pequeno, mas bravo, e veja agora*”.

Por fim, Esperança assegurou que se surpreendeu quanto à sua história com a fala da pesquisadora, de que ele deveria se sentir orgulhoso por quem se tornou. E resumiu: “*Da minha história eu não me senti orgulhoso não, me senti orgulhoso agora porque a senhora falou*”.

3.5.2 Mãe

Mãe afirmou que sua genitora não conseguiu morar com ele, ter uma vida diferente:

– De certo ficava na cabeça dela. Ela pensa: “fui desprezada pela minha família”. Quer fazer o mesmo comigo. Ela foi desprezada, quer desprezar o filho dela, porque o desprezo que teve, ela quer dar. O que ela aprendeu ela está ensinando para mim. Ela não tem culpa de nada – é o que eu entendo. Ela perdeu a mãe dela, foi desprezada na rua, ela não sabe o que é cuidado, cuidar da pessoa, de um filho. Deixa de qualquer jeito. Ela não tem culpa não (MÃE).

Para Mãe, quando a genitora foi embora não furtou apenas uma corrente e um relógio:

– Levou tudo. No outro dia, parecia que tinha levado uma pisa. Quando a pessoa está desgastada. Quando a pessoa está bêbada ela não fica caindo? Mesmo que a pessoa não tenha aquele vínculo, mas aquela palavra forte. Apesar de a pessoa ter feito tudo, desde quando eu comecei a pensar, que eu quero isso na mente, quando a pessoa vai agir, não dá certo. Não é nem com isso de não dar certo, porque já sabia que podia não dar certo. O tempo que ela passou na rua, já está acostumada. Mas o que ela falou, as palavras que é muito forte (MÃE).

O jovem garantiu que, quando ela partiu, deixou:

– Muitas lembranças, muitas coisas. Por dentro, ficou um vazio. Mulher nenhuma tira esse vazio. Eu não sou uma pessoa feliz não. Minha maior felicidade era ter minha mãe do meu lado. Só quem me fazia feliz era a minha mãe. Fazia não, faz. Um dia, se eu ver que ela gosta de mim, que tem aquele amor, eu digo: ‘Agora sim eu sou uma pessoa feliz’. Porque aqui no sítio os outros falavam para limpar a casa, isso ou aquilo, mas não entrava na mente, nada entrava. Minha mente é bem fechada. Sinto que é ela mesmo, fica aquele vazio. Porque mãe é mãe, independente de qualquer coisa que ela fizer, a pessoa sente falta, querendo ou não (MÃE).

No instante em que narrava sobre sua genitora, Mãe chorou: “*Minha mãe é uma coisa, um amor que eu nunca tive, um amor verdadeiro perto de mim*”. Quanto ao trabalho, pediu demissão porque não se sentia bem na empresa e também não era reconhecido. Mãe afirmou, ainda, como pretende cuidar da filha que está para nascer: “*Amor. O amor é cuidar, dizer ‘eu te amo, durma bem, vá com Deus, boa noite, tome banho meu filho, vista uma roupa*”.

Sobre contar sua história no presente, o jovem indicou como se sentia: “*Aliviado*”. E ainda: “*Esses encontros foram um espaço para falar a minha história que eu não conseguia falar. Estou falando aqui*”. E complementou: “*Quando olha a história de vida, já olha de outro jeito. A pessoa vai pegando experiência, tipo um*

desabafo. Está abrindo a mente para as coisas que virão. É uma preparação". Asseverou que uma conversa, um conselho, faz com que a pessoa fique "castelando"³²:

– Para a gente, não é nada. A gente vai ver a experiência de contar a vida depois que está tudo bem, trabalhando, com a família, e não falta nada dentro de casa. Mas o passado que a gente passou. As coisas estão boas, depois não se lembra como foi (MÃE).

3.5.3 Família

Das relações estabelecidas no passado e no presente Família afirmou que foi desprezado pela família desde pequeno. Quase sussurrando disse: *"Não tinham amor. Porque se fosse condição financeira. Tem casos pior por aí que eu já vi. E as pessoas são super unidas e felizes. Debaixo da ponte, as mães brincando com os filhos"*.

Família afirmou que tinha dúvida da própria história:

– No momento que eu posso estar falando uma coisa que é, mas pode não ser. Ou se era para ajudar e eu não sabia.
– Essa minha avó mesmo, se fizesse uma coisa para me ajudar eu não sabia. Passar fome para ajudar a pessoa? Para a pessoa crescer na vida tem que ser assim? (FAMÍLIA)

Em seguida acrescentou: *"Sei que desse jeito ninguém aprende. Só aprendi porque eu sabia que tinha pessoas aqui onde eu morei, que podia contar. Imagina se não fosse o Lar? Ia ficar pior, um traficante, um ladrão, a porra toda"*.

Rememorou porque não morou com seu avô materno quando era pequeno:

– Quando eu era menor, tinha seis anos acho, minha mãe e minha avó me levaram para lá, para casa do meu avô. Só que nesse tempo também tinha meu outro irmão, moreninho. Chegou lá, minha mãe queria dar um dos dois. Aí meu avô foi e escolheu entre a gente. Foi uma escolha assim, um copo d'água aqui, pode escolher, vai querer esse ou esse? Aí ele escolheu o moreninho porque disse que parecia com ele, que gostou mais, e eu fiquei de lado. Aí voltei para cá, sofri

³² Criar castelos, na linguagem dos jovens, é pensar. Entrar em um castelo e ficar lá com aquilo que lhe toma.

um bocado, depois vim para o acolhimento. Eu poderia ser no lugar do meu irmão. A vida que ele vive hoje eu poderia viver (FAMÍLIA).

Asseverou que, atualmente, seu irmão está: *“Bebendo, fumando maconha. Tem um olho cego porque levou um tiro. Trabalha como segurança em uma empresa”*. E afirmou que sua vida foi marcada pela escolha do avô, que preferiu seu outro irmão.

Quanto ao presente, assegurou que está bem, mas queria estar na sua casa própria, com uma família estruturada: *“Um filho, uma casa e uma mulher ideal. Que cuide do meu filho bem, para brincar com ele. Sair junto”*.

Família lembrou as dificuldades que passou para conseguir o que almejou. E disse: *“Eu pedi tanto a Deus para um dia ter um emprego, ou ser ajudado por alguém. Não foi ligeiro não. Demorou... Com todo o esforço, com toda correria, toda humilhação, todos os obstáculos que botaram”*. Assegurou, ainda, que foi marcado por esse sofrimento: *“A humilhação que passou foi aqui. Não quero passar por isso de novo”*.

O jovem afirmou que a única pessoa importante era sua mãe. *“A minha mãe, com todo defeito que ela tinha, nunca me deu uma comida de cachorro”*. Mas sua avó de consideração o fez: *“Minha avó. Me deu comida que nem cachorro come. Me lembro até hoje. Chovendo, eu na porta dela, a casa vazia, podendo me colocar para dentro, ela não colocou. Me deixou lá, pingando chuva em mim. Eu vou amar uma pessoa dessa? ”*

Apesar disso afirmou sobre a avó: *“Querendo ou não, me ajudou de alguma forma”*.

Das lembranças da história da mãe, refletiu: *“Uma pessoa muito humilhada pelos outros. O que essa avó fez com a minha mãe, nem com um animal se faz”*.

Sobre os planos para o futuro, afirmou:

– Imagina você numa casa, toda sua história passada, fazer aquilo que você não teve oportunidade de fazer, e não fizeram por você. E estar reunido ali com a família, um menino ou dois. Sua esposa, você, conversando sobre o que aconteceu, como é que era, o que já passou. Oxe, deve ser muito legal (FAMÍLIA).

Asseverou que contar a história foi uma experiência boa porque relembrar o que fomos e o que estamos sendo abre mais a mente:

– Abrir a mente é parar para pensar no que você já passou, está passando e que pode passar também, dificuldades de novo, e saber um pouco como superar essas coisas que aconteceram. Não é aquela pessoa que quando perde alguma coisa fica “poxa, vou fazer o quê agora, como vai ser?” Não, a gente sabe dar o jeito da gente (FAMÍLIA).

Quanto a narrar suas experiências, Família afirmou que estava se sentindo bem, mas que: *“É uma história complicada mesmo. É uma história, vamos supor, louca. Boto como louca e fazendo bem a história. Porque minha história é uma história que às vezes nem eu sei como é que eu estou aqui”*.

O jovem garantiu:

– Eu vou entendendo minha história a partir do que eu vou escutando, vou falando, aí sim, eu vou entendendo quem eu era, e quem eu sou. Quando a pessoa vai escutando, vai falando, você vai vendo, “eu era aquilo, agora sou isso”. Eu jurava que não ia falar praticamente nada (FAMÍLIA).

Ao narrar sobre si assegurou: *“Aprendi coisas que eu não sabia de mim mesmo e deles. Aprendi a valorizar mais as coisas, andar mais no caminho certo, pela minha situação e pela deles”*.

Após os encontros, nos quais os jovens narraram suas experiências, apresentei minha devolutiva que se tornou compreensão inicial do fenômeno.

3.6 Devolutiva: análise inicial do fenômeno

No que concerne à matéria-prima da devolutiva, ela foi tecida artesanalmente ao longo do percurso. Originou-se das narrativas dos jovens que, por muitas vezes, foram reconstituídas por nós. Minha presença não é somente de ouvinte/pesquisadora, mas também de narradora. Quando implicada com o que ouvia, interrompi, questionei, me posicionei, dei conselhos³³.

³³ Dar conselho é “[...] recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador infunde a sua substância mais íntima também naquilo que sabe por ouvir dizer)” (BENJAMIM, 2012, p. 240).

O processo de elaboração da devolutiva ocorreu por meio da retomada de cada um dos encontros através das narrativas transcritas. Gradativamente a compreensão inicial do fenômeno foi ganhando forma por meio do entrelaçamento da experiência dos jovens e da minha, como agente nesse percurso.

A elaboração dessa devolutiva revelou que essa experiência ainda me afeta sobremaneira, especialmente pelas lágrimas surgidas no momento em que tentava escrevê-la. Por vezes o choro vinha acompanhado de sorrisos, quando lembrava dos momentos que passei ao lado dos meninos acolhidos, das comemorações, das suas travessuras e brincadeiras; outras lágrimas vinham da tristeza por sentir que não havia feito o suficiente, por ter minhas próprias expectativas frustradas, quando não consegui contribuir em quase nada para mudar a realidade sofrida de cada família que acompanhei, consciente de que foi essa mesma realidade que empurrou os meninos em direção à Instituição Lar. Essa devolutiva fez rememorar o vivido por meio do repensar da pesquisadora que se juntou ao repensar dos jovens, em uma tentativa de transformar em “letra morta” o que nasceu do “espírito vivo”, ainda que as palavras só alcancem precariamente o vivido (ARENDETT, 2016, p. 117).

Após a escrita da devolutiva, o texto foi gravado em formato de rima, com fundo musical de uma batida de rap instrumental, acrescentado, ainda, de uma breve introdução demarcando o lugar de onde a pesquisadora veio - o sertão. No momento da apresentação, simultaneamente à reprodução do som, foram projetadas fotos dos jovens e de pessoas que foram significativas para eles. Acrescentei, também, imagens obtidas da internet que os aproximassem do dito na devolutiva, que se tornou posteriormente a análise inicial do fenômeno:

*O tal 'abrigo' demorava a chegar, passei por Olinda,
Paulista, Abreu e Lima, Igarassu, Itapissuma, até nele me encontrar.
Tremendo susto levei ao ver tanta água nos açudes de lá.
Era tanta mata, que meus olhos e cabeça não davam conta de calcular.
Deixei de lado a medição, e fui me apresentar aos moradores do lugar.
Eram uns 35 meninos, morando em três casas, construídas para não se tocar.
A divisão se dava por idade, tempo de morada
e nível de danação que cada um era capaz de praticar.
No meio do grupo um menininho, que parecia o mais novinho, convidou o meu olhar.*

Era bem alimentado, usava camisa grande de jogo, que um vestido parecia imitar.

Ele estava ali, mas nitidamente não queria estar.

Estava dali distante, o sorriso carregava um pesar.

Encantou-me subitamente, sua história quis escutar.

Queria saber como alguém se ausentava pelo olhar.

Se esperança podia existir, queria eu lhe apresentar.

Querendo saber um pouco de tudo detetive inventei de virar.

Peguei a tal papelada que a história da família do menino tentava contar.

Do sofrimento e da morte que sua mãe havia sido obrigada a enfrentar.

Os seus avós, catadores de lixo, deram a menina para os vizinhos criar.

Mal sabia ela que a morte um a um iria lhe tirar.

Diante de tal tragédia para os primeiros pais foi obrigada a voltar.

Só que sua mãe a morte também decidiu levar.

O pai, que catava lixo na rua, o ofício a sua filha decidiu ensinar.

A moça novinha aprendera na rua a se virar.

Por toda essa vivência em casa não quis mais morar.

Logo, logo seu corpo iria se transformar.

Teve o primeiro menino em um mercado popular.

De tanto ouvir falar na mulher que marcou o seu olhar eu quis saber do menino o porquê de um apelido que parecia quase nada representar.

O codinome de Mãe iria lhe identificar.

O tal do menino, agora homem, da origem não quer se lembrar.

Entre os carros vivia pedindo para os vícios da mãe sustentar.

Era álcool, maconha, crack e o que mais aparecesse por lá.

Seu comer era mingau de cachorro, muito fácil de preparar.

Levava farinha de mandioca, ovo, verdura e fogo para engrossar.

Tomar banho era alegria, mas contava com a bondade dos porteiros dos prédios de lá. Se a bondade faltasse, qualquer trocado podia pagar.

A dormida era no papelão sob a luz do luar.

Criança na rua era fácil de arrumar, logo uma irmã o menino iria ganhar.

Só que o coração de Julieta se recusava a funcionar.

O hospital era a única alternativa para sua vida prolongar.

O menino que nada tinha, na companhia da irmã foi obrigado a se internar.

Seu problema era outro, com a saúde não precisava se preocupar.

*De tão formosas as crianças, uma doutora pareceu querer adotar.
Era só fingimento, ela não sabia de crianças cuidar.
O dr. Juiz não percebendo deu os dois para a tal a mulher criar.
Ela, fraca de afetos, o menino não quis educar.
Alegou que sua vivência de rua era forte para mudar.
Jogou o menino no acolhimento que sem chão passou a ficar.
Meu encontro com ele se deu nesse lugar, chamado Casa Lar, prometendo a vida
dos meninos transformar.
Ainda bem que o tal menino com muitos pode contar.
Como não tinha família a dos outros passou a admirar.
Era colado em Esperança que a mãe podia emprestar.
Menino formoso e bravo que todos temiam enfrentar.
Guerreiro e trabalhador logo seu espaço passou a conquistar.
Esperança era doce, mas o terror podia causar.
Experiência não lhe faltava, até arma podia usar.
Sua mãe assustada decidiu o filho enfrentar.
“Me mate nesse momento não quero
tal cena presenciar, quero ser a primeira a sua maldade provar”.
Apavorado com o efeito que seu dizer provocou,
naquele momento o guri decidiu sua vida transformar.
Tinha ouvido falar de lugar grande e bonito que poderia ficar.
Lá estava o seu primo alegre a brincar. Tinha bola, pião, até escola para estudar.
Nas férias vinha para casa, mas logo queria voltar.
Com essa história bonita
Esperança aceitou o desafio da rua e drogas largar.
Conheceu tanta gente, mas com poucas pode contar.
Seu pai de nada valia, até o filho mandou matar.
Mas o amor da mãe era tanto, que tal heresia deixou para lá.
Diferente de Família que com ninguém podia contar.
Vivia na rua pedindo dinheiro para se alimentar.
Tinha uma tal de avó que só sabia reclamar. Dava comida e dormida,
Só que não sabia amar. Pariu tantos filhos a nenhum soube ninar.
De tão marcada pela vida o afeto não pode dar.
Só o menino Família ela conseguiu ajudar.*

Mandou para Casa Lar para lá se educar.

O menino gostava tanto do lugar que na Tribo, com o irmão, não quis ficar

A avó não imaginava que o menino um dia poderia voltar.

O retorno não deu certo, com a mãe Família foi morar.

A mulher era pobre, comida não podia lhe dar. Enchia o filho de elogios

Só de palavras não se vive, o menino precisava se virar.

Apelou para os amigos, que com Constelação foram falar.

Ela estava decidida Família não poderia voltar.

Mas de tanta insistência conseguiram lhe dobrar.

Família veio para Casa Lar de novo morar.

Sabia que havia mudado e a todos queria provar.

Após sua chegada estágio foi começar.

Esses três meninos encontraram no caminho gente difícil de lidar.

Batiam, excluíam, deixavam sem se alimentar.

Maldade maior não há, de criança judiar.

Já não era possível a crueldade continuar.

Outra pessoa deveria o espaço coordenar.

Um anjo mandou Constelação, que veio revolucionar.

O castigo foi banido, a danada só sabia conversar.

Como podia existir outro jeito de cuidar?

O amor apareceu para nunca mais nos deixar.

A mãe de Esperança foi presa para um crime pagar.

Tal notícia foi terrível, Esperança não iria suportar.

Constelação estava por perto,

com ela o menino podia sempre contar.

Só saiu depois de grande, quando quis para casa voltar.

Família teve grande provação quando da mãe teve que cuidar.

Ficou dois meses internada para a cabeça tratar.

Naquele período foi a mãe que Família esperava encontrar.

Foi tanto afeto que o menino conseguiu ainda mais lhe amar.

Apesar da experiência o resto da família não soube perdoar.

Me lembra a tal avó que ele não quer imitar.

Seu pai lhe parece estranho amizade ele não aceitou começar,

mas sabe que pode, se quiser, do sujeito se aproximar.

*Família casou-se com uma novinha que não pretende estudar.
Ela gosta de ficar em casa, só do marido cuidar.
Mal sabe ela que muito mais ajuda se fora trabalhar.
Uma vida em conjunto eles podem começar.
Só assim os filhos virão para a família alegrar.
Se pai e mãe constroem juntos eles vão querer replicar.
Ao longo desse projeto a vida tornou a iniciar,
Uma criança nasceu, e a outra está para começar.
A primeira se chama Estrela e aguarda a segunda chegar.
Estrela e Flor irmão, com certeza, brincar.
O pai de cada criança irá ensinar,
muita coisa sobre a vida que tiveram de levar.
Quase tudo foi difícil, importa que chegaram lá.
Só Família que tem dificuldade do coração desarmar.
A humilhação foi tão marcante que não consegue alcançar.
Só pensa em se afastar daqueles que quer amar.
A sua família é grande arretada complicada de estar.
Melhor é ter ela do que nada no lugar.
Talvez consiga ser feliz se parar de cobrar
uma dívida de quem não pode pagar.
Esperança de gratidão consegue falar. Está livre, para sua família montar.
Ama muito a sua mãe, mas não pretende ao seu lado ficar.
Quer começar vida nova, longe daquele lugar.
É lá pros lados da Matinha que pretende se mudar.
Já construiu sua casa para com esposa e filha morar.
É vendedor ambulante para poder se sustentar.
Sonha com a carteira assinada que demora a chegar.
De tão honesto que era, emprego tratou de dispensar.
Coisa errada não fez, para não decepcionar,
aqueles que só sabem lhe amar.
Menino de grande valor, difícil de achar.
Tem medo de entrar no crime e sua vida acabar.
Mãe, sozinho não tá conseguindo se virar.
Se junta com quem não presta que só sabe lhe explorar.*

*Tenta comprar o amor de quem não sabe lhe dar.
 As duas mães que teve não souberam lhe ensinar,
 que certas coisas na vida precisamos conquistar.
 O que fazer com a solidão que insiste em ficar?
 Se conseguir cuidar de si sozinho o vazio vai acabar,
 lutando por sua vida sem ninguém lhe carregar.
 Primeiro cuidando das suas coisas para outras relações poder criar.
 Ganhando o respeito de todos a liberdade irá chegar.
 Só falta tomar juízo e um emprego arranjar.
 Tem casa, mulher e filha para poder sustentar.
 Sabe que na rua não consegue se virar.
 O projeto de formação a todos iria ensinar.
 Mãe e Esperança logo foram estagiar.
 Um era letrado, fácil conseguiu o seu lugar.
 O outro, menos estudado, precisou esperar.
 Cada um a seu tempo juntos foram trabalhar.
 Esperança que era nobre, o amigo vivia a ajudar.
 Terminava seu serviço para o de Mãe complementar.
 Nascia na lida do dia-a-dia amizade difícil de acabar.
 A coordenadora da formação sabia conversar.
 Os donos das empresas ao projeto iriam se curvar.
 Eita trabalho bonito, merecia elogiar.
 O reconhecimento veio em seguida
 Família, Mãe e Esperança foram nas empresas trabalhar.
 Orgulho de todo mundo eles iriam se tornar.
 Venceram o sofrimento para em heróis se transformar.*

Quando ouviram a narrativa/devolutiva, os jovens se surpreenderam. Embora eu não tenha trazido nenhuma novidade, eles não tinham ouvido a história do que haviam vivido organizada desse modo. Certamente os jovens tinham uma compreensão sobre suas experiências, mas as suas narrativas recontadas na devolutiva assumiram novos contornos e naquele momento puderam ser revistas. Uma experiência que parece aproximar-se das palavras de Hannah Arendt (2002a, p. 101-102): “O participante absorvido em coisas específicas e pressionado por

afazeres urgentes não pode ver como todas as coisas particulares do mundo e como todos os feitos particulares ajustam-se uns aos outros [...]”.

No transcorrer da devolutiva, Família e Esperança choraram, enquanto Mãe parecia perplexo com o que via e ouvia. Tal cena me fez lembrar do que aconteceu com Ulisses, quando escutou a história da sua vida, narrada por Homero, sobre “seus próprios feitos e sofrimentos”, pois naquele momento o “[...] ouvinte, ator e sofredor eram a mesma pessoa [...]” (ARENDDT, 2003, p.75).

Os jovens impactados pelo que ouviram, pediram o áudio da devolutiva para que possam, um dia, mostrar aos filhos e dizer-lhes de onde vieram e para onde se encaminharam. Foi nesse instante da devolutiva que percebi meu papel de narradora, que imprime nas narrativas a própria marca (BENJAMIN, 2012).

A presente narrativa/devolutiva não foi apenas de uma observadora intelectual pois, na condição de técnica, acompanhei e caminhei com eles, tenho um relato sobre cada um a partir dessa inserção que tive na Instituição Lar, na vida dos acolhidos e de suas famílias. De acordo com Benjamin (2012), essa aproximação do narrado com a vida vivida é uma das características da verdadeira narrativa e dos narradores natos.

Na finalização da constituição das narrativas, os jovens falaram das suas impressões sobre os encontros. Mãe, Esperança e Família asseveraram:

– Uma experiência única vivida. Não tem experiência pior do que essa vivida por nós. A pessoa saber como foi o passado, e hoje a pessoa ser o que é. Aprendi na vida nunca baixar a cabeça, independente de qualquer dificuldade. Manter a cabeça erguida, porque de cabeça baixa a pessoa só pensa besteira, negócio que não presta. Tem que sempre pensar positivo, que dá certo. Não tem coisa melhor. Vai ficar marcado por toda a vida da pessoa. Na minha mesmo, vai ficar marcado. Nunca mais viver, mas sempre pensar. Sempre assim: parar e pensar ‘poxa como eu era, o que passei, a pessoa que sou’. Isso é um orgulho imenso para a pessoa, ter passado por isso. É como se fosse um espelho. Uma inspiração. A pessoa antes de fazer alguma coisa, a pessoa olha e vê o que passou. Nunca vai acontecer igual assim, é única mesmo (MÃE).

– Já eu me sinto honrado, pelos encontros que tivemos nesses oito meses. Foi muito bom na minha vida porque tinha momento que eu passava por dificuldade na vida lá na minha casa e eu chegava aqui e desabafava com o outro, e quando eu saía estava diferente, já saía mais livre, mais feliz. Porque eu não tinha ninguém para desabafar, mas eu vinha para o grupo e isso me fazia muito feliz. Quando a senhora ligava e dizia vai ter encontro, até minha esposa ficava feliz de vir para cá. E eu gostava de vir. Foi uma experiência única. Só

tenho a agradecer. De contar minha história. A confiança que a senhora teve na gente e que a gente teve na senhora. Isso marcou muito, vai ficar para sempre, nunca vou esquecer disso não. Estou muito feliz mesmo, obrigado! (ESPERANÇA).

– Eu queria agradecer por esses momentos que nós tivemos, de sofrimento, felicidade. Agradecer por abrir um pouco mais a minha mente. Seguir sempre em frente. A vida não é fácil, mas nós conseguimos vencer ela a cada dia que se passa, a cada momento, a cada instante. Um cara que o pensamento dele é crescer mais na vida, tentar se afastar mais das coisas ruins, ficar próximo das coisas boas. Agradecer ao Lar que me deu a oportunidade de estar aqui. Das pessoas que fizeram parte da minha vida, de vocês, que fizeram parte, e como fizeram. Até hoje. Espero que essa amizade da gente dure até a gente voar. É bom ter pessoas assim na Terra, que procura entender a gente, nossos defeitos, nosso estilo, nosso jeito. Todas as coisas que fazemos (FAMÍLIA).

Esse foi o final da história começada na rua, local do nosso primeiro encontro há muitos anos atrás...Voltemos, então, para o início...

4 Histórias que as narrativas contam

Nesse capítulo serão apresentadas reflexões sobre as constelações de significado surgidas na análise inicial do fenômeno. São elas: origem/rua, coautoria e novos inícios. Tais constelações estarão entrelaçadas pelo pensamento de Hannah Arendt e pelas considerações de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento que se debruçaram sobre as reflexões dessa autora.

Na primeira constelação, serão expostas algumas indagações sobre as condições que ensejam o percurso de crianças e adolescentes até a rua, bem como a permanência deles nesse espaço. Na segunda constelação, será discutida a coautoria na história dos três jovens que participaram dessa pesquisa antes e durante o acolhimento. Por fim, na terceira constelação, será abordada a natalidade arendtiana à luz da história dos jovens narradores.

É importante ressaltar que essa divisão do capítulo trata-se de uma organização meramente didática. Para compreensão ampliada do fenômeno deve-se considerar o entrecruzamento das três constelações de significado.

4.1 Origem/ rua

Para a gente, não é nada. A gente vai ver a experiência de contar a vida depois que está tudo bem, trabalhando, com a família, e não falta nada dentro de casa. Mas o passado que a gente passou. As coisas estão boas, depois não se lembra como foi (MÃE).

A presente pesquisa objetivou compreender a história de jovens com experiência de acolhimento institucional, tendo como pano de fundo o conceito de natalidade em Arendt. Assim, na primeira constelação será discutido o contexto da rua, uma vez que os jovens participantes dessa pesquisa foram precocemente marcados por tal experiência. As reflexões iniciais almejam compreender por que existem pessoas, especialmente crianças e adolescentes, em situação de moradia na rua³⁴.

³⁴ Só recentemente uma resolução conjunta do CNAS e CONANDA, nº 1, de 15 de dezembro de 2016 decidiu no seu Art. 1º: Definir como crianças e adolescentes em situação de rua os sujeitos em desenvolvimento com direitos violados, que utilizam logradouros públicos, áreas degradadas como espaço de moradia ou sobrevivência, de forma permanente e/ou intermitente, em situação de vulnerabilidade e/ou risco pessoal e social pelo rompimento ou fragilidade do cuidado e dos vínculos familiares e comunitários, prioritariamente situação de pobreza e/ou pobreza extrema, dificuldade de acesso e/ou permanência nas políticas públicas,

Parece ser consenso em nossa sociedade o reconhecimento do ambiente familiar³⁵ como fundamental para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes³⁶. Nessa direção, Arendt (2003) afirma que é função da família oferecer abrigo às crianças, protegê-las por quatro paredes da exposição pública do mundo, e que “Toda vez que esta [a criança] é permanentemente exposta ao mundo sem a proteção da intimidade e da segurança, sua qualidade vital é destruída” (p. 236). A proteção a qual a autora se refere pode ser compreendida como aquela que é oferecida por qualquer adulto que se responsabilize pela criança e/ou adolescente.

Dessa forma, o ambiente familiar é tido como espaço de proteção e de acolhimento para seus membros. Todavia, pode se tornar um ambiente de risco, especialmente para as crianças e adolescentes, quando os adultos responsáveis por elas não conseguem lhes oferecer o necessário à sobrevivência e quase sempre reproduzem com os membros familiares recém-chegados ao mundo uma realidade que eles mesmos experienciaram.

Frequentemente essas famílias vivem em condições precárias de moradia e seus membros estão desempregados ou desenvolvem atividades informais, por vezes ilegais; têm baixa ou nenhuma escolaridade; são usuários de drogas lícitas e ilícitas; se prostituem fora e/ou dentro de casa (nesse contexto nos referimos à baixa prostituição. Com isso não queremos dizer que não consideramos qualquer tipo de prostituição uma exploração, principalmente do corpo feminino); e quando acessam direitos sociais básicos e a rede socioassistencial, o fazem de modo precário. Uma parcela significativa de toda essa problemática está relacionada à falta de prioridade em políticas públicas³⁷ voltadas para essa população:

sendo caracterizados por sua heterogeneidade, como gênero, orientação sexual, identidade de gênero, diversidade étnico-racial, religiosa, geracional, territorial, de nacionalidade, de posição política, deficiência, entre outros.

³⁵ Conforme Moraes, Paludo e Koller (2010, p. 178) as configurações familiares se constituem de: “ Famílias monoparentais chefiadas por um único adulto responsável, famílias reconstruídas ou recasadas compostas por padrastos e madrastas e novos irmãos, além das chamadas famílias estendidas, que incluem parentes e outras pessoas da rede de apoio (tios, avós, amigos, vizinhos, etc.) ”.

³⁶ Tal ideia é reafirmada em inúmeros documentos legais no Brasil: Carta Magna de 1988, ver Art. 227; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 12 de julho 1990; Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, ver art. 2º; Convenção sobre os Direitos da Criança, decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990; Lei da adoção, nº 12.010, de 3 de agosto de 2009; Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC), aprovado pela resolução conjunta, nº 1, de 13 de dezembro de 2006, do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA).

³⁷ De acordo com Rua (2009, p. 19): “Política pública geralmente envolve mais do que uma decisão e requer diversas ações estrategicamente selecionadas para implementar as decisões tomadas”.

Diante da ausência de políticas de proteção social à população pauperizada, a família é chamada a responder a algumas situações (alcooolismo, evasão escolar, gravidez adolescente, trabalho infantil, crianças nas ruas) sem que receba condições para tanto (MORAIS, PALUDO E KOLLER, 2010, p. 190).

Desse modo, a existência de crianças e adolescentes em situação de rua está diretamente vinculada às problemáticas das suas famílias, cujas condições de vida³⁸ não possibilitam que acessem os meios para suprir as necessidades dos seus membros. Não se trata, portanto, de omissão; os familiares estão muito mais na condição de vítimas. O jovem Mãe, ao narrar sobre o modo como foi cuidado por sua genitora, afirmou que ela não sabia fazer diferente: *“Ela perdeu a mãe dela, foi desprezada na rua, ela não sabe o que é cuidado, cuidar da pessoa, de um filho. Deixa de qualquer jeito. Ela não tem culpa não”*.

Até 2010 não haviam dados oficiais sobre as crianças e adolescentes em situação de moradia na rua, mas foi realizada, entre maio e junho deste mesmo ano, a Primeira Pesquisa Censitária Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua (PPNCASR), publicada em 2011. O levantamento englobou 75 cidades do Brasil, incluindo todas as capitais e cidades com mais de 300 mil habitantes. Os dados indicaram 23.973 crianças e adolescentes em situação de rua. Do universo pesquisado, 627 (2,6%) eram de Pernambuco. 71,8% dos entrevistados eram do sexo masculino, e 45,13% estavam na faixa de 12 a 15 anos (10.145). 39% estudaram até a 4ª série e 31,3% até a 7ª série³⁹. 49,2% declararam serem pardos ou morenos, e 23,6%, negros. Quanto ao tempo que estavam dormindo na rua: 23,5% o faziam há dois e cinco anos, 23,7% entre um e dois anos e 21,9% entre seis meses e um ano.

³⁸ Vale destacar, no que concerne às políticas públicas, que nos últimos anos foram realizados investimentos voltados para a área social, especialmente de transferência de renda, para tentar minimizar a pobreza extrema vivida pela maioria dessas famílias. Nesse sentido Leal (2016 s/p) coloca que “[...] o combate à pobreza foi uma das mais bem-sucedidas políticas públicas dos treze anos de governo do PT”. Tal afirmação é abalizada pelos dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) que apontaram redução da pobreza no país. No ano de 2002, no final do mandato de Fernando Henrique Cardoso, o percentual de pobres era 23,4% (40,5 milhões). No ano de 2014 esse percentual reduziu para 7% (14,2 milhões). Isso significa dizer que 26,3 milhões de pessoas saíram da condição de pobreza extrema. O programa Bolsa Família, adotado em 2003, pelo governo Lula, foi apontado como o principal responsável por essa mudança.

³⁹ Quanto aos dados sobre a escolaridade, a experiência mostra que, apesar de matriculadas, as crianças e adolescentes não frequentam a escola.

A PPCNCASR (2011), mostrou que boa parte das crianças e adolescentes saíram de casa por causa da violência sofrida, nas suas diferentes formas, no contexto familiar. Os dados indicaram que 32,2% dessas saídas foram decorrentes de brigas verbais com pais/irmãos, 30,6% de violência doméstica e 30,4% de alcoolismo e outras drogas. Crianças e adolescentes em situação de moradia na rua são submetidos a violências (psicológica, sexual, física, entre outras), além de conflitos⁴⁰ com membros familiares e/ou com pessoas próximas. O que é possível verificar na prática é que as violências sofridas não ocorrem isoladamente. Na maioria das vezes são experienciadas simultaneamente por uma mesma pessoa.

Essas violências sofridas por crianças e adolescentes no âmbito familiar indicam o modo com que a nossa sociedade se relaciona com pessoas em condições desiguais, além de apontarem o agravamento da questão em decorrência do lugar ocupado na hierarquia social. Nesse sentido Moraes, Paludo e Koller (2010, p. 185) colocam que “ [...] os filhos das classes abastadas ou média não encontram na rua o seu destino, por mais conflitos [e violências] familiares que possam vivenciar. E é fato que eles o vivem! ”.

Conforme a PPCNCASR (2011), 33,1% das crianças e adolescentes declararam que a situação financeira dos pais é ruim, 20,8% informaram ser média ou regular e 12,2% disseram ser péssima. Ainda que a maioria dos pesquisados tenham respondido que a situação dos pais estava entre ruim e péssima, cabe indagar sobre as implicações globais da falta de condições financeiras para suprir as necessidades mínimas de sobrevivência dos membros dessas famílias.

Nesse contexto, de ausência de recursos mínimos para manutenção da família, a rua se apresenta como possibilidade de moradia para crianças e adolescentes não apenas quando eles não são acolhidos no âmbito doméstico, mas também porque eles e suas famílias têm seus direitos negados, em geral por gerações. Porque “A rua é, assim, uma alternativa em função de uma situação circunstancial e de suas péssimas condições de vida” (MORAIS, PALUDO E KOLLER, 2010, p. 185).

⁴⁰ No conflito há uma relação entre os envolvidos e mesmo que a possibilidade de diálogo e a solução das questões sejam mínimas, elas existem. Na violência há uma tentativa de eliminação daquele que pensa diferente.

Outra condição do ingresso de crianças e adolescentes na situação de moradia na rua, que está absolutamente ligada à anterior, é que eles são levados, por força da necessidade e coação de adultos, a contribuírem com a sobrevivência da família, começando a paquerar com a rua pela via do trabalho informal, como narrou Esperança, que vendia bombons no semáforo com a mãe: *“Não tinha gente que trabalhava fixo. A pessoa teve que se virar. Ou se virava ou morria de fome”*. Corroborando com tal colocação a PPCNCASR (2011) mostrou que 39,4% das crianças e adolescentes vendem produtos de pequeno valor como: balas, frutas, refrigerantes e água; 29,5% pedem dinheiro ou alimentação para sobreviver; 19,7% trabalham como flanelinhas; 16,6% trabalham com material reciclável e 8,1% furtam/assaltam.

Existem, ainda, as crianças e adolescentes que vão para a rua por convite de seus pares, atraídos pelas inúmeras possibilidades de aventuras como: pegar carona nos transportes públicos, mendigar, realizar furtos, cheirar cola, brincar nas praças, comer lanches elitizados. Esses motivos não se excluem; na maioria das vezes se somam. De qualquer modo, as crianças e adolescentes vão se adaptando a esse ambiente e a tudo que ele oferece, pois “a rua vai substituindo o espaço doméstico e a relação com outras pessoas, até então desconhecidas, vai ocupando o lugar da família” (MORAIS, PALUDO E KOLLER, 2010, p. 186).

No entanto, essas novas relações estabelecidas na rua, geralmente com adultos exploradores, não são muito diferentes daquelas vividas no ambiente doméstico. Por vezes são experiências ainda mais degradantes. Assim, esse afastamento quase nunca possibilita mudanças na vida das crianças e adolescentes, mas sim a reprodução das experiências anteriores.

Arendt (2003) afirma que é função do adulto proteger as crianças em ambiente seguro e reservado e que a inserção delas no mundo comum deve ser feita de forma gradativa, por meio da educação. Para a autora, a tarefa da educação é a introdução dos recém-chegados, as crianças e adolescentes, a esse mundo comum, cabendo aos já iniciados, os adultos, a dupla responsabilidade de proteger o mundo dos novos e, ao mesmo tempo, prepará-los para que realizem sua renovação. As crianças e adolescentes em situação de moradia na rua são privados da possibilidade dessa iniciação gradativa.

Ainda assim a experiência dessas crianças e adolescentes indica que, na maior parte das vezes, eles se aproximam ou aceitam a aproximação de adultos

esperando que estes se responsabilizem, de alguma forma, por eles, por não conseguirem se cuidar sozinhos. Nesse contexto, no entanto, na maioria das vezes, as relações com os adultos, que deveriam assumir a responsabilidade pelo cuidado com a sobrevivência e a educação das crianças, as colocam em situações de risco por vezes ainda maiores. Para os adultos se responsabilizarem pelo mundo comum, eles precisam ter esperança (ARENDR, 2003); contudo, a maioria desses adultos não tiveram experiências que os fizessem acreditar em outras possibilidades, por isso repetem a lógica de exploração do humano.

Esse modo de responder às necessidades de sobrevivência diz respeito tanto aos cuidadores da rua quanto aos membros das famílias das crianças e adolescentes. As narrativas dos jovens coautores desta pesquisa sobre suas origens apontaram para condições de vida bem precárias, vinculadas a questões mais amplas que as concernentes às suas vidas individuais, que englobam o modo como se distribui e organiza coletivamente o acesso à saúde, educação, moradia digna, trabalho, entre outros, e que deveriam ser comuns/acessíveis a todos. Tal contexto, dentre tantas outras faltas, leva crianças e adolescentes para esse lugar de extrema miséria e vulnerabilidade.

A origem narrada pelos jovens foi compreendida não como um tempo/lugar que os definiu e os paralisou, mas que marcou as condições sob as quais nasceram e por muito tempo permaneceram, bem como as possibilidades que se apresentavam naquele contexto. Tais questões indicam que já nascemos em um mundo construído, onde a realidade é compreendida de determinada forma. Nesse sentido, crianças e adolescentes em situação de rua não são vistos socialmente como recém-chegados que precisam ser apresentados ao mundo gradativamente.

Pelo lugar que ocupam na sociedade, são considerados como “não-crianças”, e marcados por uma invisibilidade pública, exposta por Gonçalves Filho como sendo a “[...] expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres” (2004, p. 10). Tal invisibilidade não se inaugura quando as crianças e adolescentes vão para a rua, pois geralmente ela vem se perpetuando há gerações nas famílias deles. Assim, tal público já conhece bem a humilhação, que:

Machuca o humilhado depois de já haver machucado seus ascendentes, sua família, seu grupo de raiz, sua classe, às vezes um povo inteiro. Nunca é meramente a dor de um indivíduo, porque a dor é nele a dor já dividida entre ele e seus irmãos de destino (GONÇALVES FILHO, 2004, p. 19).

Quando crianças e adolescentes em situação de moradia na rua chegam ao mundo, suas famílias têm neste mundo um lugar, geralmente como cidadãos de segunda classe. Esse lugar tem a força de uma destinação, que empurra as crianças e adolescentes para uma continuação da história familiar. Geralmente as próprias famílias não acreditam que suas crianças e adolescentes possam ter uma existência diferente. Entretanto, o encontro dos familiares com os acolhidos sob os cuidados da Instituição Lar em outras condições: alimentados, sem usar drogas, limpos, frequentando a escola, agindo como crianças (com curiosidade, espontaneidade, alegria e buscando no adulto uma aproximação afetuosa), parecia iniciar nesses familiares um outro modo de olhá-los e, na maioria das vezes, passavam, ao modo deles, a crer nos filhos. Possivelmente, estas mudanças possibilitadas pelo cuidado contribuem para a confiança das famílias de que a destinação das crianças pode ser diferente. Assim, os familiares dos meninos e a rede de relações anteriores começam a acreditar que eles têm a possibilidade de não repetir a história familiar. Esperança assegurou que, antes de ser acolhido, quando passava, alguns membros da comunidade diziam: *“Esse menino vai dá para quê, hem? ’. Porque do jeito que eu era, e do jeito que eu estava virado, andando com bandido para cima e para baixo. E quem dizia que eu ia ser um cidadão de bem hoje?”*.

Retomando o que foi discutido anteriormente, essas crianças e adolescentes já nasceram e foram introduzidos em um mundo compreendido e dotado de significado. Uma inserção que indica de onde se parte, não uma destinação. É partindo do mundo dotado de significado que podemos imprimir nele a novidade. Tornar cada um daqueles que chegam em “[...] herdeiros autorizados de seu passado e agentes responsáveis por seu futuro [...]” (CARVALHO, 2017, p. 66).

Se os adultos responsáveis olham para a origem dessas crianças e adolescentes, acolhendo-os e oferecendo-lhes outras possibilidades, eles têm a chance de nascerem de novo, iniciarem algo novo no mundo. Com isso, se rompe com a lógica de um destino, tanto em relação às crianças, quanto às suas famílias, como nos indicam as histórias dos jovens coautores dessa pesquisa.

De acordo com a narrativa de Família, sua mãe vivia no meio do mundo bebendo e se prostituindo, deixando os três filhos pequenos com a avó de consideração porque ela mesma não tinha uma casa para morar. Algumas vezes estava em situação de rua; em outras ocasiões em barracos invadidos, extremamente precários, dos quais era expulsa com frequência, ou ainda se deslocava para outras cidades para mendigar. Não era alfabetizada e nem tinha trabalho.

A avó de consideração de Família também não tinha muitos recursos. Então ele fazia favores aos vizinhos para conseguir algum dinheiro para se alimentar, estabelecendo nesse movimento alguma relação de segurança, mesmo sendo explorado. A criança Família entendia como uma ajuda o trabalho que realizava, pois, a partir dele, conseguia comprar comida para sobreviver. E ainda que Família tenha vivido e visto, na primeira infância, a condição de miséria da genitora, ele tinha um ideal de família estruturada.

Uma das questões mais frequentes nas suas narrativas sobre sua origem foi o fato de não ter sido escolhido por nenhum membro familiar quando era pequeno, em um período no qual precisava de cuidados básicos, como alguém que lhe dissesse o horário de comer, dormir, estudar. O jovem reconhece que esses cuidados são geralmente exercidos pelas mães, mas que no seu caso poderiam ter sido exercidos pelo avô materno, que escolheu criar um dos seus irmãos em vez dele, ou ainda pela avó de consideração que não teve disponibilidade para amá-lo como ele gostaria. Relembrando a infância com essa avó, ele narrou que ela não tinha preocupação com amor: “[...] *Era um cuidado mais de alimentação, para a gente não morrer de fome. Mas não era aquele cuidado com amor não, de neto, filho, não*”.

Tais experiências foram tão significativas que Família não conseguiu reconhecer, no período de cinco anos referente ao primeiro acolhimento, que o Lar lhe disponibilizou boa parte daquilo que deveria ser oferecido por uma família. Só percebeu a experiência vivida naquele espaço quando pediu para ser reintegrado à avó e foi recebido por ela do mesmo modo de quando era criança: “*Quando saí daqui, foi nesse tempo que eu passei fome na mão dela. ‘– Vai trabalhar, vagabundo! Aqui não tem comida para vagabundo. Só come aqui se trabalhar’*”, e também quando tentou viver com a mãe nesse mesmo período, mas ela continuava

sem condições de criá-lo. Até aquele momento Família acreditava que sua mãe não havia ficado com ele porque não queria, por isso interrogou-a sobre essa questão:

‘Por que a senhora não me criou, já que a senhora diz que é minha mãe?’. ‘– *Eu não criei você, meu filho, porque eu não tenho condições. Se eu tivesse, você estava morando comigo’.* Foi quando eu comecei a entender que ela era minha mãe mesmo, de verdade (FAMÍLIA).

Vale ressaltar que a mãe de Família parecia ter um comprometimento psíquico, mas, com um olhar mais atento para sua história, era possível ver que trata-se de um sofrimento advindo de uma vida extremamente vulnerável que foi acompanhada bem de perto por Família até seus sete anos.

Já a origem do jovem Mãe foi, literalmente, na rua. Ele nasceu nesse contexto; foi a terceira geração da sua família a fazer da rua sua casa. Seus avós maternos, sua genitora, seu pai e tios eram catadores de lixo. Para conseguir sobreviver nesse ambiente, ele e sua genitora contavam com a colaboração de algumas pessoas. Para tomar banho, conseguiam água com os porteiros dos prédios próximos à calçada em que viviam, ou o menino arrumava algum trocado e pagava por um balde de água. Uma parte da alimentação era fornecida pelos comerciantes do mercado da área, que doavam frutas e verduras. Para cozinhar, a genitora do menino improvisava um fogão de lata na calçada e fazia “mingau de cachorro” para eles. Durante o dia Mãe era explorado por sua genitora: “*Minha mãe me botava para pedir esmola no sinal para ela usar droga*”. Apesar de reconhecer que o contexto da rua não iria oferecer nada além do que a experiência da sua família já havia mostrado, Mãe acreditava que a genitora cuidava dele como podia mesmo se prostituindo e usando drogas constantemente. A criança Mãe parecia intuir que sua genitora não conseguiria cuidar dele de outro modo, pois a história dela era uma repetição da história familiar.

Quando foi retirado da rua e adotado por curto período, ele acreditou, pela primeira vez na sua breve existência, que iria viver a experiência de ter um adulto que se responsabilizasse por ele. No entanto, após dois meses, a adotante colocou o menino na Instituição Lar, alegando que ele tinha os vícios da rua e que por essa razão não teria condições de criá-lo. Sobre o processo de adoção, Mãe disse:

Colocar em outra família para ver se ela [a adotante] podia dar esse cuidado que a minha mãe não teve. Dar banho, roupa, comida,

carinho. Por isso tentaram me tirar da minha mãe, que não tinha condição de fazer isso, e dar a outra pessoa para ver se ela tinha condição de ser mãe.

Parece que as palavras da adotante ao entregá-lo ao Lar tiveram ressonância de tal forma em sua vida que, desde os seis anos, Mãe credita a si a responsabilidade de não ter sido adotado, justificando que: *“Todo mundo tem os seus defeitos, os seus erros”*.

Uma das faces cruéis da miséria que atinge crianças e adolescentes em situação de moradia na rua é que eles atribuem a si mesmos inadequações e fracassos⁴¹, sem perceberem que não tiveram nenhuma rede de apoio que lhes oferecessem condições para agirem de modo diferente. Não se trata de vitimizar tal público, mas de demarcar, como esclarece Arendt (2003), crianças e adolescentes devem antes ser apresentadas ao mundo para que, na companhia dos adultos, possam receber as condições objetivas para saber que esse mundo também lhes pertence e que serão, em breve espaço de tempo, responsáveis por ele.

A origem do jovem Esperança foi marcada pelas ações de diversos coautores, dos quais se destacaram sua família biológica e membros da comunidade. Sua mãe foi abandonada pelo marido, que era o pai de Esperança. Assim, ela se viu obrigada a vender confeitos entre os carros nos semáforos para criar sozinha três crianças pequenas, entre elas Esperança. Uma realidade que parece ter contribuído para a ida dele e dos irmãos para a rua, uma vez que as três crianças foram introduzidas nesse movimento para ajudar a mãe na manutenção da casa.

Nesse mesmo período, outros coautores lhe encaminharam para a vida do crime, *“Eu convivía mais com os bandidos do que com a minha própria mãe e a minha família”*. Mas não se tratava só de uma realidade comunitária, a família de Esperança estava imersa nesse contexto de tráfico e criminalidade. Foram esses coautores que lhe apresentaram o mundo comum, e que como ator ele deu continuidade à história iniciada por outros, conforme esclarece Arendt “[...] as estórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas esse agente não

⁴¹ Sobre como as crianças e adolescentes em situação de rua explicam as causas das desigualdades sociais de que são vítimas, consultar estudo realizado por: MACIEL, Carla; BRITO, Suerde e CAMINO, Leoncio. Para explicações das desigualdades sociais: um estudo com meninos em situação de rua de João Pessoa. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, vol.11, n.2, pp.209-232. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200004>.

é autor nem produtor. Alguém as iniciou e delas é o sujeito, na dupla acepção da palavra, seu ator e seu padecente, mas ninguém é seu autor” (2016, p. 228).

Apesar dos três jovens terem vivido nas suas origens o extremo da vulnerabilidade, o modo como a experienciaram, como não poderia deixar de ser, foi diferente para cada um deles. Se suas histórias tinham muito em comum, também tinham peculiaridades. Família ficou marcado pelo abandono, Esperança pela criminalidade e Mãe pelas ausências maternas.

São muitas as marcas causadas pelo sofrimento surgido da desigualdade social vivida pelos meninos e suas famílias. Nesse sentido, Arendt (1988, p. 48) afirma: “Pobreza é mais do que privação, é um estado de constante carência e aguda miséria, cuja ignomínia consiste em sua força desumanizadora; a pobreza é abjeta, porque submete os homens ao império absoluto de seus corpos, isto é, ao império absoluto da necessidade [...]”.

Essa experiência é tão significativa para as crianças e adolescentes que, mesmo após o acolhimento, quando não vivem mais na escassez anterior, esse sofrimento não acaba. Logo quando chegam da rua na instituição de acolhimento, parece que eles não acreditam que irão receber refeições regularmente, consumindo-as avidamente e em excesso, bem como em relação a muitos objetos que poderiam pedir e receber, mas eles furtam, repetindo o movimento anterior de quando precisavam fazer os corres para sobrevivência na rua.

Outra questão ainda mais complexa é que eles têm acesso a muitas coisas que suas famílias certamente não terão. Essa constatação parece contribuir para que muitos meninos não permaneçam acolhidos, por não conseguirem suportar terem acesso a condições dignas de vida (material e afetiva) enquanto os membros das suas famílias sequer se aproximam dessa nova vivência.

A história do jovem Mãe indica o quanto é difícil ter que olhar para a situação da família e não poder agir para mudar tal realidade. Desde quando chegou ao acolhimento, tirar a genitora da rua se tornou seu projeto de vida. Só quando teve condições objetivas de ir buscá-la na rua percebeu que não se tratava apenas de uma casa, uma vez que ela não conseguiu ficar nem três dias com aquele estranho, que sabia ter gerado, como a tantos outros espalhados pelo mundo. A genitora de Mãe não havia vivido qualquer experiência próxima àquela que o jovem estava lhe proporcionando. A única casa que ela conhecia era a rua e foi nela que sobreviveu desde seu nascimento.

Enquanto agia, o jovem não percebeu a força das marcas deixadas por gerações com relação à moradia na rua nessa mulher. Ela não conhecera outros modos de existir, e precisaria de tempo relativamente extenso para ser marcada por qualquer outra experiência. O próprio Mãe ficou acolhido por quatorze anos até decidir sair da Instituição Lar e assumir a responsabilidade por sua existência. Assim, torna-se fundamental refletir sobre o tempo necessário para que crianças e adolescentes, que vivem anos em situação de invisibilidade social nas ruas, possam ser marcados de outros modos.

As instituições de acolhimento surgem como uma das possibilidades na existência dessas crianças e adolescentes, proporcionando novos encontros e o estabelecimento de novos modos de relações. Porém, nem sempre esses espaços conseguem cumprir aquilo a que se propõem. Quando os jovens da pesquisa narraram suas experiências na Instituição Lar, por exemplo, eles indicaram que nos anos iniciais de acolhimento foram submetidos a toda sorte de violências, e que só após a mudança de coordenação, eles começaram a acreditar que poderiam ser marcados por experiências bem diferentes daquelas que já conheciam tão bem desde a rua. A constelação seguinte discorre sobre a experiência dos três jovens na Instituição Lar a partir das suas narrativas.

4.2 Coautoria

Porque se não fosse a minha mãe, primeiramente, e, segundo, a Instituição, eu acho que eu não estava vivo aqui para contar a história, porque do jeito que eu era. A instituição foi que fez a gente se transformar, fez a mudança na gente (ESPERANÇA).

Nesta constelação será discutido o contexto do acolhimento de crianças e adolescentes, entrelaçado às narrativas dos três jovens que estiveram por longo período acolhidos na Instituição Lar.

Crianças e adolescentes são encaminhados constantemente para as instituições de acolhimento pelo Sistema de Garantia de Direitos (SGD). Incluída nesse sistema, a instituição cartografada nesta pesquisa, conforme propõe no seu estatuto social, tem como objetivo acolher crianças e adolescentes em situação de moradia nas ruas, almejando a garantia dos seus direitos, bem como a inclusão

social das suas famílias, com vistas a contribuir na constituição de uma sociedade mais justa e solidária⁴².

Nesse sentido, não parece possível pensar o acolhimento de crianças e adolescentes que ficaram oito, treze anos na rua e foram marcados por toda sorte de situações que ferem a dignidade humana, se esse acolhimento não for realizado por pessoas que verdadeiramente se responsabilizem por essas crianças e adolescentes, no sentido arendtiano, e acreditem que eles podem se encaminhar para lugares diferentes das suas origens. Por essa razão, os espaços devem oferecer para estas crianças e adolescentes um modo de acolher que inclua, na sua proposta, profissionais comprometidos e cientes de que qualquer ação direcionada para tal público demanda um tempo relativamente extenso.

Grosso modo, quando nos reportamos à criança e ao adolescente em situação de rua, há uma tendência a imaginar que eles escolhem esse espaço por ser um grande parque de diversões sem regras, geralmente impostas pelos adultos. No entanto, a rua não é um espaço lúdico; quem enxerga ludicidade no mundo em quase todos os contextos é a criança, só que nem sempre e por tanto tempo, especialmente quando está largada à própria sorte em um ambiente tão inóspito. Cabe especular sobre essa circularidade. A PPCNCASR (2011) aponta que os motivos pelos quais as crianças e os adolescentes não preferem dormir em instituições são: falta de liberdade (59,4%); proibição do uso de drogas⁴³ (38,6%); horários (26,9%); falta de vagas (18,4%); proibição de sexo (12,8%); maus tratos/violência (11,6%); banho obrigatório (5,3%). No caso específico da RMR do Recife, a maioria das crianças e adolescentes em situação de rua e/ou acolhidos, conhece quase todas as instituições de acolhimento da região, devido ao vasto histórico de entrada e saída destes lugares.

⁴² O objetivo da Instituição Lar foi adaptado para preservar a fonte e o sigilo dos envolvidos na pesquisa.

⁴³ A proibição do uso de drogas (38,6%) foi um dos principais motivos apontados pelas crianças e adolescentes para não ficarem nos espaços de acolhimento. Tais dados podem ser interpretados como uma problemática complexa e de difícil solução se vista da perspectiva da dependência física e/ou psicológica, contudo sua complexidade não parece estar vinculada a tal questão. O uso de drogas parece ser uma das formas de suportar a dureza da experiência na rua, uma vez que quando as crianças e adolescentes chegam na Instituição Lar param imediatamente o consumo de qualquer tipo de droga sem acompanhamento de profissionais especializados ou de medicação. As drogas são substituídas por banho de açude, pescaria, passeios com cavalos, atividades ligadas a artes, esportes, além do oferecimento de cuidados que devem fazer parte do cotidiano de qualquer pessoa em desenvolvimento como: alimentação, higienização, escolarização, saúde.

A falta de liberdade, proibição de sexo, banho obrigatório e o não cumprimento de horários são questões recorrentes nas discussões não só ligadas a crianças e adolescentes, mas sobre todo público em situação de rua. Inclusive a questão da liberdade é corroborada pela narrativa de Esperança, quando o jovem afirma que no início não queria ir para um lugar mais fechado: “– *O que ficava mais perturbando para eu vir era porque ficava livre, ficava andando. E aqui sabia que era um sítio, a pessoa ia ficar mais trancadinha. Era isso que não me motivava*”.

A liberdade à qual Esperança e a pesquisa se referem podem sugerir falta de interesse em assumir qualquer movimento que exija algum comprometimento dos envolvidos. Todavia, para que as pessoas se comprometam, e isso inclui o cumprimento de regras, estas precisam ter significado para elas.

A discussão da liberdade sobre as pessoas que estão em situação de rua pode levar a uma leitura romantizada da questão. Se tomarmos a liberdade como equivalente à escolha, podemos reduzi-la a uma lógica individual. Arendt (2002a) coloca que esse modo de pensar a liberdade remonta à filosofia tradicional, na qual a liberdade surge do convívio do indivíduo consigo mesmo, cujas ações são privadas. Para a autora (ARENDR, 2003) a liberdade é a explicitação de algo novo, portanto não se trata de uma questão interna/individual, como se imagina comumente, tampouco de uma escolha pessoal, pois ela está intrinsecamente vinculada à pluralidade e à possibilidade da novidade.

Segundo Arendt (2003), a liberdade acontece no mundo entre outros e o seu aparecimento, que é ao mesmo tempo a confirmação da sua existência, está vinculado à explicitação do início de algo novo, que rompe com a linearidade da vida. No entanto, o que é iniciado só pode ser levado adiante se forem realizados acordos para que a ação começada seja continuada/apoiada pela teia de relações. Assim, cabe indagar se crianças e adolescentes não ficam acolhidos, como indicam os dados da pesquisa, apenas porque não querem cumprir as regras dos espaços de acolhimento ou se não as cumprem porque não percebem nenhuma promessa futura que traga novidades em relação às marcas deixadas pelas experiências anteriores.

Arendt (2002a, p. 213) afirma que “Nosso aparato psíquico – a alma em contraposição ao espírito – está equiparado para lidar com o que vem da região do desconhecido em sua direção por meio da expectativa, cujas modalidades principais são esperança e medo”. Assim, é a partir do sentimento de esperança ou de medo

que os homens agem conjuntamente em direção ao futuro. Para cumprirem os acordos dos espaços de acolhimento, as crianças e adolescentes precisam que a esperança em relação ao futuro seja maior do que o medo da repetição do que já viveram anteriormente. É fundamental a crença de que algo novo esteja por vir.

Se as crianças e adolescentes vão para uma casa de acolhida, certamente não almejam ficar na rua, pois esperam algo diferente. A questão que merece ser refletida, a partir dos dados da pesquisa trazida, é: o que esses espaços não oferecem para que o simples fato de terem que tomar banho seja um impedimento para que crianças e adolescentes fiquem acolhidos?

Essa problemática indica que os espaços de acolhida devem apresentar possibilidades diferentes daquelas que crianças e adolescentes já estão habituados, para que, por meio dessas novas perspectivas, possam ter esperança em relação ao futuro e consigam iniciar novos movimentos direcionados para o rompimento com a linearidade das suas vidas (moradia na rua, uso de drogas, mendicância, entre outros) e que cumpram promessas e acordos firmados entre eles e os atores institucionais.

Nesse sentido, Arendt (2016) coloca que a promessa, vinculada ao futuro, pode possibilitar a realização e o cumprimento de acordos, e está diretamente relacionada com a experiência singular vivida na teia de relações humanas que oferece esperança. Para a autora, a experiência de poder realizar algo não é interno, mas constituída entre outros⁴⁴. Ao mesmo tempo, querer algo está relacionado ao posso e não posso, que é constituído na teia de relações.

O contexto do qual vieram as crianças e adolescentes em situação de moradia na rua é extremamente cruel, o que torna difícil acreditarem que a vida deles pode ser diferente. Não se trata apenas de tirar tal público do contexto de miséria, exploração e violências e colocá-los em um espaço físico. Para que fiquem acolhidos e protegidos, as instituições devem apresentar-lhes algo novo e demarcar que eles podem romper com sua destinação. A complexidade dessa questão é que essa demarcação não é simples de ser feita, porque não se trata de um exercício intelectual, mas do modo como crianças e adolescentes experienciam as novas

⁴⁴ Ver discussão sobre a vontade e a coautoria no capítulo do livro de Walckoff (2016). O plantão com Peri, nosso herói. p.59.

marcas, que normalmente demandam tempo relativamente extenso para se constituírem.

O Lar, como um dos coautores, nas histórias narradas por Família, Mãe e Esperança, assumiu a responsabilidade de tentar apresentar o mundo às crianças e aos adolescentes de forma cuidadosa e protegida, para que eles pudessem ser inseridos gradativamente na comunidade como iguais. Esperança afirmou que o Lar foi um divisor de águas na sua história: *“Porque se não fosse a minha mãe, primeiramente, e segundo o Lar, eu acho que eu não estava vivo aqui para contar a história, porque do jeito que eu era. O Lar foi que fez a gente se transformar, fez a mudança na gente”*. Dessa forma, a Instituição Lar reafirmou o compromisso de introduzir no mundo comum, por meio da educação, crianças e adolescentes vindos da rua.

A partir das reflexões de Arendt⁴⁵ (2003), Carvalho (2017) discute a importância da educação em um mundo que se renova permanentemente sempre que uma criança nasce, trazendo uma dupla novidade, nomeada pela autora (ARENDR, 2016) de “natalidade”⁴⁶, que diz respeito ao surgimento de um ser singular em um mundo plural e ao seu poder de iniciar algo novo, continuamente, no tempo da existência.

Para Carvalho (2017), a formação educativa⁴⁷ prepara os recém-chegados para que assumam a herança que pertence a todos e engloba “[...] um legado de realizações materiais e simbólicas – objetos, instituições, práticas, princípios éticos, tradições políticas, crenças, saberes – nas quais os recém-chegados (crianças e jovens) devem ser iniciados por meio da educação” (2017, p. 3). As crianças e adolescentes em situação de moradia na rua estão, de alguma forma, privados da transmissão dessa herança. Na Instituição Lar os acolhidos são

⁴⁵Sobre a educação recorri ao ensaio “A crise na educação”, escrito por Arendt em 1958. Ainda que tenha me limitado a questões específicas do referido ensaio, a autora contextualiza historicamente o surgimento de tal crise e nos convoca a repensar o mundo que queremos deixar para aqueles que virão depois de nós, bem como os apontamentos de Carvalho (2015, 2017).

⁴⁶Sendo a natalidade uma das sete condições que tornam possível a existência humana no mundo. As outras condições são: o próprio condicionamento, a vida biológica, a Terra, a mortalidade, a mundanidade e a pluralidade/singularidade.

⁴⁷A educação contempla, mas não se limita, ao conhecimento daquilo que aprendemos no âmbito escolar, como regras de escrita, gramática, as descobertas humanas sobre a natureza, o Universo, as invenções para o avanço da ciência, e as investigações de novas engenhocas, cujos propósitos iniciais parecem ser o de melhorar a vida humana.

apresentados e preparados para serem inseridos no mundo comum por meio da formação educativa.

Carvalho (2015) esclarece que a origem da formação educativa remete a duas invenções do povo grego: a democracia e a *skhole*. Essas duas criações tiveram como principal consequência o governo da cidade, que deixou de ser privilégio de um grupo restrito de pessoas, tornando-se direito e dever de todos os cidadãos. A importância da simultaneidade dessas invenções se deveu ao fato de que os homens criaram a democracia⁴⁸ para assumirem juntos a responsabilidade pelo que era comum, como também para garantir a formação democrática dos mais jovens, por meio da *skhole*, do tempo livre. Com a criação da *skhole*, os gregos mudaram a lógica do poder como algo naturalizado que determinado grupo – no caso grego, os aristocratas – exercia sobre o povo.

Retomando à experiência dos jovens na Instituição Lar, os três relembrou as propostas de trabalho bem distintas assumidas por ela por meio das suas duas coordenações. Eles compararam a primeira proposta pedagógica, destacando o modo como as crianças se relacionavam com os meninos mais velhos, com os educadores e com o primeiro coordenador⁴⁹ na Instituição Lar.

Para os jovens, o coordenador anterior não confiava nos acolhidos. O lugar lembrava um presídio, pois se os meninos passassem do portão, eram considerados foragidos. Além disso, os meninos mais novos apanhavam dos mais velhos e não havia respeito entre acolhidos e os adultos responsáveis por eles. Em todas as relações prevalecia a lei do mais forte, mediante o uso da violência. Naquele período, os pertences dos familiares eram revistados com vistas a coibir a entrada de drogas e a saída de objetos e/ou frutas e verduras produzidas no espaço de acolhimento. Sobre o referido período, os jovens afirmaram que não lembravam de outros acolhidos que saíram do espaço e “*quiseram alguma coisa na vida*”, indicando que o modo como eram tratados foi fundamental para que se encaminhassem para o rompimento com o contexto anterior ao acolhimento.

⁴⁸A democracia foi uma invenção grega, mas especificamente ateniense, orientada por dois princípios: Isonomia - igual direito e dever de todos. Lei igual para todos, independentemente de poder e/ou patrimônio; Isegoria - Direito de todos manifestarem suas opiniões para outros.

É importante destacar que, para os gregos, a igualdade se referia exclusivamente aos homens livres. As mulheres e os escravos não participavam da vida na *pólis*.

⁴⁹Os três jovens estavam acolhidos quando ocorreu mudança de coordenação. Por isso, suas narrativas demarcaram claramente as diferenças entre um e outro modo de acolher os meninos que chegavam da rua.

Os jovens tiveram essa compreensão por terem experienciado esses dois modos de acolher da Instituição Lar. Sobre os novos modos de relações, Esperança narrou: “*Em 2006, Constelação chegou e as coisas foram mudando. Dava mais liberdade aos meninos, contratou duas educadoras novas*”. Família disse: “*Uma delas foi um anjo que caiu do céu*”.

– [...] Anjo sempre conversou aberto como uma mãe. Por isso que a gente tem muito apego, hoje em dia. O negócio podia ser grandão, mas ela chegava, conversava: ‘Você está errado, diga a verdade’. Fui começar a entender a verdade, falar as coisas certas. Mesmo que estivesse errado, grave, o que fosse, chegava e conversava, ali eu ia melhorando. Começou com Anjo a ter o diálogo, porque antigamente não tinha diálogo: errou, ia para o quarto, ficar preso e pronto; botava dentro do quarto. Ela começou a conversar e o negócio foi mudando, o tempo foi passando, e eu conheci como é gostar da pessoa, amor (MÃE).

Carvalho (2017) afirma que para se tornar uma “experiência simbólica de valor formativo” a aprendizagem também deve efetuar “transformações na constituição daquele que aprende e em sua relação com o mundo”. Tal experiência inclui, mas não se limita, ao ensino formal.

Quando são acolhidos, os meninos começam a estudar, uma vez que anteriormente, mesmo matriculados em escolas regulares, não conseguem frequentá-las, possivelmente em decorrência do modo como são tratados nesses espaços, que deveriam ser inclusivos. Além do conhecimento técnico, os acolhidos experienciam novos modos de se relacionar com o mundo. Esperança, por exemplo, afirmou que aprendeu a conviver com a mãe, a amá-la a partir da sua experiência no acolhimento. “É como se o conceito de formação indicasse a maneira pelas quais aprendizagens e experiências constituem seres ativos e singulares em interação no e com o mundo [...]” (CARVALHO, 2017, p. 26).

Família também narrou as marcas de uma “experiência simbólica de valor formativo”. Em 2008, quando estava acolhido no Lar, foi encaminhado a outro espaço de acolhimento, conforme determinado pela justiça, para conviver com os irmãos e, assim, preservar os vínculos com eles. Entretanto, ele decidiu voltar para o Lar, mesmo que na Tribo fossem oferecidas inúmeras atividades e houvessem profissionais para trabalhar com os acolhidos. Para o jovem, o grande diferencial de um modo de acolher e do outro foi o fato de no lar ele sentir que as pessoas acreditavam nele, enquanto na Tribo “[...] não eram pessoas que acreditavam em

mim". Mesmo que agissem como se acreditassem. *"Foi um modo de eu ficar mais quieto, não foi um investimento para eu crescer na vida. Foi só para ocupar a mente"*.

A narrativa do jovem nos convoca a pensar que as relações entre acolhidos e profissionais devem abarcar não apenas o oferecimento de atividades, mas principalmente novas experiências com os outros e com o mundo no qual nasceram e do qual serão herdeiros. Como percebeu Família, é importante que os adultos que assumem a responsabilidade do cuidado de crianças e adolescentes sejam pessoas que não apenas ocupem o tempo destes, mas que acreditem verdadeiramente que eles serão capazes de iniciar algo novo.

Nessa direção, Arendt (2003, p. 247) afirma:

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Na história do jovem Mãe, ele foi a terceira geração da sua família a morar na rua. Foi por meio da formação oferecida pelo espaço de acolhimento que o jovem mudou o destino familiar. Ele teve a possibilidade de não repetir o ciclo de exclusão a que foi submetida sua família antes dele nascer e após a sua chegada.

Quando os meninos que estão em situação de rua são acolhidos no Lar, eles não precisam se preocupar em garantir a própria sobrevivência, e passam a se ocupar da formação educativa para inserção gradativa no mundo. Realidade bem diferente para a maioria dos membros das suas famílias, que passam boa parte do tempo tentando não morrer de fome, de sede, de frio e de doenças decorrentes das péssimas condições de vida.

Frequentemente, quando os jovens são desvinculados da casa de acolhida, retornam para o mesmo contexto que os empurrou para ele, de modo trágico. Dos três jovens, Esperança foi quem viveu, e ainda vive, muito próximo a tudo que o levou para o mundo do crime, das drogas, da rua, enfim. Ele indica as transformações ocorridas em sua relação com o mundo (CARVALHO, 2017) a partir da formação educativa recebida no Lar e também das marcas deixadas pela teia de relações cujas aberturas começaram na sua experiência de acolhimento. Marcas

que reverberam no modo como pretende educar sua filha: *“Para aprender é educação. Você ensina de conviver eu, ele e minha esposa. Dizer o que é certo e o que é errado, a escolha vai ser dele”*.

Essa formação educativa possibilita a renovação do mundo comum porque, segundo Arendt (2016), os homens têm a possibilidade de agir, de começar e dar continuidade a algo novo em um mundo que se renova constantemente por meio do nascimento daqueles que nele chegam como estrangeiros.

4.3 Novos inícios

*Começa quando eu vim para o sítio,
como se dos seis anos para cá fosse o começo,
eu tivesse nascido de novo (MÃE).*

Nesta constelação serão refletidos os novos inícios entrelaçando as narrativas dos jovens com as reflexões de Arendt (1988, 2003, 2016) sobre liberdade, coautoria, poder e natalidade (CORREIA, 2010, 2017).

Arendt (2003) esclarece que crianças e adolescentes, apesar de não agirem livremente, uma vez que são introduzidos gradativamente ao mundo comum, serão capazes de atos livres quando se tornarem adultos e assumirem a responsabilidade por esse mundo plural. A autora defende a impossibilidade da separação entre a natalidade e a liberdade (ARENDR, 2016). Para Correia (2010, p. 813):

[...] a natalidade é uma possibilidade sempre presente de atualizarmos, por meio da ação, a singularidade da qual o nascimento de cada indivíduo é uma promessa; a possibilidade de assumirmos a responsabilidade por termos nascido e de nascermos, assim também, para o mundo; de que sejamos acolhidos no mundo por meio da revelação de quem somos mediante palavras e atos; de que nasçamos sempre de novo e nos afirmemos natais, não mortais; a possibilidade, enfim, de que nos tornemos mundanos, amantes do mundo.

Se a natalidade é o início de algo novo, por meio da ação, a liberdade é “[...] chamar à existência o que antes não existia, o que não foi dado nem mesmo como um objeto de cognição ou de imaginação e que não poderia portanto,

estritamente falando, ser conhecido” (ARENDR, 2003, p. 198). Ainda que se tenha algum objetivo em relação à ação começada, ela será considerada livre se for capaz de ultrapassar as intenções iniciais dos agentes.

O início ao qual a autora se refere aponta para o rompimento com a história. Ao discorrer sobre o início, Arendt (1988, p. 165) afirma:

Além de não estar preso a nenhuma cadeia explícita de causa e efeito, uma cadeia na qual cada efeito se transforma imediatamente na causa de futuros desdobramentos, o início parece não ter nada em que se apoiar; é como se surgisse de um vazio, fora do tempo e do espaço. Por um instante, o momento do início, é como se o iniciador tivesse eliminado a sequência da própria temporalidade, ou como se os protagonistas tivessem sido lançados fora da ordem temporal e de sua continuidade.

Para a autora (1988), o início é diferente da origem; esta última aponta para o contexto no qual somos apresentados ao mundo. Conforme já exposto anteriormente, nas suas origens os três jovens estiveram em situação de moradia na rua. Mãe, era a terceira geração de membros familiares que faziam da rua seu lugar de morada; essa foi sua origem. Ao sair da rua, foram abertas novas possibilidades para que ele rompesse com a destinação familiar, tal como Esperança, que se encaminhou para o rompimento de uma história familiar vinculada ao crime, e Família, que se afastou de um contexto que lhe oferecia uma existência extremamente insegura.

A origem referida acima deixou neles marcas, bem como os novos começos, abertos a partir do acolhimento, que são constitutivos do presente dos jovens. Além da moradia na rua, os três foram acolhidos na instituição cartografada nesta pesquisa. Tais experiências foram diferentes para cada um deles. Ainda assim muitas coisas em comum foram vividas, como: atenção para a singularidade de cada um dos acolhidos, relações estabelecidas a partir do diálogo e do afeto, o respeito com a origem e com os membros familiares e a alteração da destinação.

As narrativas estabelecidas ao longo da pesquisa revelaram que as marcas da origem permaneceram nas histórias desses jovens, indicando que a experiência vivida não pode/deve ser apagada. Para se liberarem do sofrimento daquilo que viveram, as pessoas parecem precisar olhar para o passado e tentar compreender de onde partiram, mas principalmente serem marcadas por experiências que possibilitem novos inícios.

Nessa direção, Serres (1993) discorre sobre o movimento existencial de transformação, a partir da travessia de um rio. Até certa distância da margem, ainda é possível calcular e refletir sobre a possibilidade de retorno. Mas quando chega ao meio do rio “[...] o nadador sabe que um segundo rio corre neste que todo mundo vê, entre os dois limiares, atrás ou à frente dos quais quaisquer seguranças desapareceram: ali ele abandona toda a referência” (p. 12). Nesse instante ocorre a transformação: “O corpo que atravessa aprende certamente um segundo mundo, aquele para o qual se dirige, onde se fala outra língua. Mas ele se inicia sobretudo num terceiro, pelo qual transita” (SERRES, 1993, p. 13). É nesse terceiro rio que os jovens se encontram.

Na proposta de compreender os novos inícios, algumas narrativas serão retomadas. Tal movimento busca acompanhar o fluxo das histórias dos jovens, uma vez que não parece possível refletir sobre rompimento e início sem olhar para o passado.

Desde quando chegou ao acolhimento, Mãe verbalizava que seu projeto de vida era tirar sua genitora da rua. Afirmou que em momentos difíceis da sua vida pensava em viver com ela naquele ambiente, como se tal movimento pudesse oferecer sustentação à sua existência. O jovem desconsiderava a impossibilidade de retornar à margem do rio do qual ele partiu aos seis anos, e a transformação que ele experimentou no acolhimento ao longo dos anos que viveu longe da sua genitora e da adotante. Apesar do sofrimento, no percurso da pesquisa Mãe tentou compreender o que havia acontecido:

– Porque aqui no sítio os outros falavam para limpar a casa, isso ou aquilo, mas não entrava na mente, nada entrava. Minha mente é bem fechada. Sinto que é ela mesmo, fica aquele vazio. Porque mãe é mãe, independente de qualquer coisa que ela fizer, a pessoa sente falta, querendo ou não.

Parece que entre a vida na rua com a genitora, a devolução da adoção e o acolhimento se formaram abismos. Ainda que soubesse que era muito querido por todos no acolhimento, isso não era suficiente para preencher o vazio deixado por essas experiências, quase simultâneas na infância. Quando narrou esse vivido, pode repensá-lo e recontá-lo. Por dezesseis anos não sabia o que havia acontecido “[...] não sei como foi que me tiraram da minha mãe, eu pensei que ela tinha me abandonado”. Pode ainda, olhar para a história da sua genitora para entender os

motivos pelos quais ela não conseguiu ser sua mãe: *“Ela não considera isso porque pode não ter conhecido o amor de mãe, de pai. O que ela não teve, não pode dar a mim. O que eu não tenho, por exemplo, o amor de mãe e de pai eu vou conseguir dar a outra pessoa? Não tem condição, a pessoa dá o que recebe”*. Parece que as marcas deixadas pelo acolhimento apresentaram outras possibilidades ao jovem, pois ainda que reconheça que sua genitora não pode dar amor por não tê-lo recebido, tem se mostrando um pai amoroso com sua filha, e isso indica que novos começos são possíveis.

O jovem Esperança, quando saiu do acolhimento, não se envolveu em atos criminosos, mas o seu modo de olhar para a antiga realidade o colocava concretamente nesse cenário. Em inúmeras passagens da sua narrativa ele se afirmava por meio da força da sua família mergulhada na criminalidade. Como em uma discussão com a irmã, companheira de um traficante: *“Tu vai chamar o teu macho para vir dar em mim? Se tu chamar ele para dar em mim, do jeito que ele tem condição para o bem e para o mal eu também tenho”*. Em seguida afirmou:

– Nesse dia até pensei em virar bandido lá. Só não virei, na real, porque eu pensei muito nas pessoas que gostam de mim de verdade. Porque se não fosse isso a primeira pessoa que eu ia matar era minha irmã. Eu disse na cara dela, se virar bandido a primeira pessoa que vou matar vai ser tu.

A cena lembrada acima se referiu a uma discussão familiar na semana que antecedeu um dos encontros da pesquisa. Mediante a narrativa trazida, é possível pensar o quanto estão presentes as marcas das duas experiências vividas na origem e na Instituição Lar. Assim, o jovem sinalizou para a importância de pessoas que o reconhecem não como bandido, criminoso, mas como alguém que pode se encaminhar para outros lugares.

O jovem Família tentou caminhar na direção contrária aos familiares que não o escolheram, e não lhe ofereceram a possibilidade de ter uma “família estruturada”, mas apesar de todo o sofrimento que essa experiência lhe causou, se aproximou dessa família para tentar descobrir o motivo pelo qual não foi escolhido, tornando para si mesmo essa convivência insuportavelmente necessária. Estar perto dessas pessoas reafirmou sua origem e o tornou cada vez mais fechado afetivamente para novas experiências.

Ainda que a origem tenha deixado marcas, os jovens romperam com o fluxo automático de suas vidas, sua destinação: “E, com quanto mais força penderem os pratos da balança em favor do desastre, mais miraculoso parecerá o ato que resulta na liberdade, pois é o desastre e não a salvação que acontece sempre automaticamente e que parece sempre portanto irresistível” (ARENDDT, 2003, p. 219). A balança pendeu para o início de algo novo para os três jovens. Ainda que as possibilidades para o rompimento com o fluxo contínuo da história tenham aparecido para cada um de modo diferente, algo foi comum aos três: a coautora Instituição Lar, que possibilitou aos jovens que fossem vistos e reconhecidos por pessoas que não acreditavam nas suas origens como destinação. Esse olhar parece ter sido fundamental para os novos começos.

Na sua origem, o espaço de acolhimento reproduzia o que as crianças e adolescentes em situação de rua conheciam tão bem, conforme narrativa do jovem Mãe sobre os maus-tratos e violências físicas e psicológicas a que eram submetidos. Parecia que a possibilidade de viverem uma experiência diferente não estava no seu horizonte. No entanto, a própria Instituição Lar sofreu uma drástica mudança na sua proposta educativa, passando a oferecer aos acolhidos novos modos de se relacionar, deixando as marcas fundamentais para que os jovens rompessem com a sua biografia⁵⁰, não no sentido de tentar apagar o passado, mas olhar para ele a partir do começo de algo novo, como uma história que os constituiu, mas não os definiu.

É importante lembrar que os três realizaram o mesmo movimento em direção à origem, revisitando-a. Família cuidou da mãe no hospital, se relacionando com ela de outro modo, inclusive repensando as razões pelas quais ela não o criou. Esperança foi morar na casa da mãe por um período após o acolhimento, mesmo agindo bem diferente da família, vinculada à criminalidade. E Mãe foi buscar a genitora na rua, e, apesar de ter construído uma visão idealizada dela, se deparou com uma mulher que não atendia ao que ele almejou desde a infância. Parece que a

⁵⁰ No que concerne à biografia nos referenciamos em Arendt, que afirma: “A principal característica dessa vida especificamente humana, cujo aparecimento e desaparecimento constituem eventos mundanos, é que ela é plena de eventos que no fim podem ser narrados como uma estória [*story*] e estabelecer uma biografia; era essa vida, *bios*, em contraposição à mera *zoe*, que Aristóteles dizia ser, ‘de certa forma, uma espécie de *práxis*’” (2016, p. 119). A autora coloca que para os gregos a *zoe* se referia à vida de todas as espécies, inclusive a vida humana biológica. Já a *bios* é construída pelas ações dos homens no mundo. Diferentemente da *zoe*, a *bios* não pode ser fruto apenas da sobrevivência e reprodução da espécie. É por meio da *bios* que os homens se tornam humanos.

possibilidade de perdoarem a si mesmos e aos seus coautores surgiu para os narradores por meio das novas marcas deixadas pelas relações estabelecidas na experiência do acolhimento.

Esse movimento de retorno à origem, de não afastar crianças e adolescentes dela, mas ao contrário, aproximá-los, possibilita que eles a olhem de outro modo e possam liberar-se de marcas deixadas pelas experiências vividas e perdoarem a si mesmos e aos seus coautores. Relembrando que para Arendt “[...] o perdão é a única reação que não re-age [*re-act*] apenas, mas age de novo e inesperadamente, sem ser condicionada pelo ato que a provocou e de cujas consequências liberta, por conseguinte, tanto o que perdoa quanto o que é perdoado” (2016, p. 298).

Nesse sentido, vale destacar que o arcabouço legal que rege sobre a infância e juventude reafirma e tenta garantir a manutenção do vínculo de crianças e adolescentes com suas famílias, principalmente nos casos de afastamento de tal público para inserção em medidas protetivas, como o acolhimento. Todavia, após o início dos processos nas varas especializadas, o que se observa é a tentativa de naturalização do afastamento dos acolhidos em relação aos membros familiares, especialmente após a destituição do poder familiar. A proposta da referida medida é possibilitar que os acolhidos possam ser inseridos em famílias substitutas e também tenham acesso a pessoas interessadas em adotá-los, em vez de tentar apagar a história vivida com a família biológica. Tal movimento sinaliza para a ampliação das possibilidades para as crianças e adolescentes, inclusive porque a destituição do poder familiar não é definitiva e pode ser desfeita se o contexto que a motivou se modificar.

A Instituição Lar sempre prezou pela manutenção do vínculo familiar por intuir, no sentido arendtiano do termo, a partir da experiência, que a presença dos membros familiares, na condição em que podiam estar ali, era fundamental para que os acolhidos se sentissem pertencentes, ainda que fosse para romper com a origem. Para o espaço de acolhimento cartografado embora a adoção seja uma possibilidade para os meninos que lá estão, não é a sua proposta principal. A Instituição Lar visa a formação educativa que contemple as demandas singulares dos acolhidos, seja para reintegração ou para convivência familiar, e, quando isso não é possível, a saída do acolhimento quando se sentirem em condições, sem idade pré-definida, e a adoção.

É importante assinalar que não se trata aqui de enaltecer a Instituição Lar, pois ela não é perfeita, como afirmaram as narrativas dos jovens ao lembrarem como eram tratados quando chegaram no espaço de acolhimento, até ocorrer a mudança de coordenação e no modo de relações entre acolhidos e equipe técnica.

São largamente conhecidos os modos de trabalho de inúmeras instituições que retiram crianças e adolescentes de determinados contextos de risco com vistas a protegê-los e, por vezes, os colocam em outros espaços não menos cruéis. Além disso, não se trata apenas de sair da rua e ser acolhido. Há algo mais. Sair da rua e ser acolhido não são garantias suficientes de rompimento com a história e o início de algo novo. São ainda mais numerosas as histórias de meninos que foram acolhidos nos mais diferentes espaços, como também no Lar, e retornaram para a realidade anterior, dando-lhe continuidade, cujas ações ferem a dignidade humana.

A Instituição Lar foi escolhida para ser cartografada por indicar um movimento diferente da maioria dos espaços de acolhimento. Nesse sentido, merece destaque na narrativa dos jovens o movimento do Lar que abriu a possibilidade para que acreditassem no rompimento da linearidade das suas existências, bem como para que a balança pendesse para o lado de não repetirem a história familiar e caminhassem noutra direção (ARENDDT, 2003). Para que isso se tornasse possível, eles precisaram de algo diferente do que era antes de serem acolhidos.

A necessidade que me impede de fazer o que sei e quero pode surgir do mundo, ou de meu próprio corpo, ou de uma insuficiência de talentos, dons e qualidades de que o homem é dotado por nascimento e sobre os quais ele tem tanto poder quanto sobre as demais circunstâncias; todos esses fatores, sem exclusão dos psicológicos, condicionam exteriormente o indivíduo no que diz respeito ao quero e ao sei, isto é, ao próprio ego; o poder que faz face a essas circunstâncias, que liberta, por assim dizer, o querer e o conhecer de sua sujeição à necessidade, é o posso. Somente quando o quero e o posso coincidem a liberdade se consuma (ARENDDT, 2003, p. 208).

A Instituição Lar realiza um modo de acolhimento diferenciado, incluindo sua geografia natural, uma vez que fica localizada em uma área com 50 hectares de mata atlântica, açudes e animais, o que parece contribuir para o processo educativo dos acolhidos, pois trata-se de uma mudança radical no modo de se relacionarem com o espaço e o tempo da existência.

Para além do espaço físico, a Instituição Lar tem um modo peculiar de atender que deixa marcas diferentes daquelas experienciadas antes do acolhimento. Tais marcas, como já mencionado, incluem o compromisso de cada membro da equipe e o modo afetuoso com que se relacionam com os meninos, respeitando as demandas singulares dos acolhidos e dos seus familiares, entre outras marcas possibilitadas pelo acolhimento. E isso contribui para que crianças e adolescentes vislumbrem algo diferente do que viveram anteriormente. Foi nesse sentido que o Lar se constituiu como coautor para os acolhidos e as suas famílias.

É fundamental apontar a importância do Lar nessa coautoria na história dos meninos, a que possibilita que eles experimentem novos modos de se relacionar com os outros, com o mundo e consigo. Tais marcas são tão significativas que muitos meninos, após desvinculados do acolhimento e que por alguma razão voltam para a rua, ou são apreendidos ou ainda passam por tratamento para drogadição entram em contato com membros da Instituição Lar, indicam o lugar como referência familiar e/ou ainda visitam o espaço.

É importante ressaltar que não estamos lidando com especulações do pensamento acerca da experiência do acolhimento; como Arendt (2001a) esclarece, o pensamento não lida com a consistência advinda da realidade. As narrativas dos jovens apontam que não se trata apenas de os meninos refletirem sobre novas possibilidades, mas de viverem concretamente essas experiências, que vão deixar outras marcas e que, no presente, os constitui.

Anteriormente, os coautores dos jovens eram a genitora que colocava para pedir esmola no semáforo para ela usar drogas, os criminosos que cooptavam para o tráfico e os exploradores que trocavam trabalho infantil por comida. Contexto mantido por uma sociedade que considera crianças e adolescentes em situação de moradia na rua invisíveis por um lado, quando se trata de protegê-los, de garantir a sobrevivência e também de se responsabilizar por apresentá-los gradativamente ao mundo comum. E visíveis, por outro, quando os tratam como criminosos em miniatura. Nesse sentido, Arendt (2003) afirma que quando uma criança nasce, cabe ao adulto lhe garantir a sobrevivência enquanto espécie e também inseri-la no mundo como alguém que dará a ele seguimento. Crianças e adolescentes, quando adultos, participam do que é comum quando são apresentados de modo gradativo ao mundo.

Ao sermos inseridos em uma comunidade de iguais, nos singularizamos, mostramos nossa distinção, uma vez que a “pluralidade é a lei da terra” (ARENDT, 2001a, p. 17). Assim, na iniciação de algo novo, expressada na ação, percebemos que somos livres. “Os homens *são* livres – diferentemente de possuírem o dom da liberdade – enquanto agem, nem antes, nem depois; pois *ser* livre e agir são uma mesma coisa” (ARENDT, 2003, p.199). As narrativas de Família, Mãe e Esperança indicaram que a Instituição Lar os apresentou ao mundo de modo diferente de outros coautores desde a origem, passando pela rua. Tais experiências possibilitaram que eles pudessem acreditar em um futuro diferente.

5 Cortinas se fecham... e se abrem

A prioridade absoluta à infância, visando à proteção integral de crianças e adolescentes, considerando-as pessoas em condições peculiares de desenvolvimento, foi legalmente reconhecida no Brasil a partir da promulgação da Constituição de 1988, mais especificamente no seu artigo 227, seguido pelo ECA, que reafirmou a proposta da Carta Magna ao replicar no seu artigo 4º a mesma redação, estabelecendo que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Apesar de tais leis, diversos estudos (PPCNCASR, 2011; LEAL, 2016; MORAIS, PALUDO e KOLLER, 2010; RIZZINI, 2004; SIQUEIRA, 2010; FERREIRA e MACHADO, 2007), bem como as narrativas dos jovens coautores dessa pesquisa, indicaram uma contínua incapacidade do Estado em aplicar tais garantias legais, no que tange à sua execução.

As ações do Estado não oferecem, de maneira suficiente, condições concretas para que as famílias em condições miseráveis acessem direitos sociais básicos e possam assumir os cuidados dos seus membros, que por vezes estão acolhidos. Tais ações devem oferecer condições dignas de moradia, trabalho e renda, escolas inclusivas, atividades culturais e uma rede socioassistencial que acolha as demandas das comunidades.

Na ausência de políticas públicas que assegurem às famílias condições básicas, no sentido de elas suprirem as condições para que possam se responsabilizar por seus membros, os espaços de acolhimento se apresentam como uma alternativa para as crianças e adolescentes. Tais espaços surgem com vistas a garantir-lhes as condições que atendam de modo singular as suas peculiaridades.

As casas de acolhida visam a assegurar que os acolhidos sejam protegidos e acessem minimamente direitos anteriormente negados a eles e suas famílias, como indicaram as narrativas de Mãe, Família e Esperança. As narrativas dos três jovens apontaram que as crianças e adolescentes parecem precisar que a

esperança em relação ao futuro seja maior do que o medo do que já viveram. O que parece contribuir para que isso se realize são as novas marcas, diferentes das que eles já conhecem desde a rua, que possibilitam terem esperança para começarem novos movimentos em direção ao rompimento com a linearidade das suas vidas, a partir da teia de relações.

As histórias dos jovens apontaram ainda que a instituição cartografada nesta pesquisa se colocou como uma nova condição na vida dos acolhidos e das suas famílias, caminhando com eles da forma como podiam estar, sem propor o esquecimento da realidade que viveram antes do acolhimento, uma vez que os vínculos familiares foram fundamentais para que os meninos conseguissem ficar acolhidos. Mesmo quando os meninos precisaram voltar, olhar para a origem, puderam fazê-lo com respeito e consideração, através do suporte da Instituição Lar, tendo a possibilidade de perdoar as ações dos seus coautores, para que assim pudessem se liberar para novas possibilidades. A instituição foi o Lar⁵¹ que os meninos não puderam ter com as suas famílias de origem. Enquanto estiveram acolhidos, as crianças e adolescentes foram marcados por uma experiência que não tiveram desde o nascimento.

Ao considerar as inúmeras possibilidades para o futuro dos meninos, a Instituição Lar busca oferecer uma formação educativa, sem a preocupação de saber antecipadamente se os meninos irão para a família biológica, para uma família adotiva, ou, após o acolhimento, irão viver de modo independente. O Lar parece assumir um posicionamento diferente de outros espaços de acolhimento, quando ele mesmo se coloca como uma possibilidade na vida dos acolhidos e de suas famílias até que se sintam em condições de seguirem suas vidas a partir das possibilidades que se apresentarem. Além disso, não encerra sua presença na vida dos meninos quando a reintegração acontece; ela está sempre lá, caso queiram, como um lugar para o qual se pode voltar para compartilhar a existência com toda a sua complexidade.

Os coautores desta pesquisa indicaram que não há um modo de acolher que possa ser replicado, pois as pessoas precisam ser consideradas em sua singularidade. As narrativas dos jovens ofereceram pistas sobre os movimentos que foram marcantes para que eles se tornassem quem são: profissionais

⁵¹ Essa foi a razão pela qual a palavra lar foi adotada como codinome para a instituição. Lar é mais do que um espaço físico, denominado casa. O lar significa para os seus membros proteção, segurança, pertencimento.

comprometidos não apenas com os acolhidos, mas também com suas famílias; que no cotidiano sejam consideradas e respeitadas as demandas peculiares de cada acolhido e membro familiar; a importância da presença de olhares de confiança, em contraposição ao olhar de julgamento e punição; a relevância do diálogo constante em substituição à violência e ao castigo; e, por fim, a certeza de que todos os adultos envolvidos são coautores na história dos acolhidos. Coautoria que possibilita novos modos de relações com os outros, com o mundo e consigo mesmo. Como nos lembra Hannah Arendt (2016), nós somos atores, mas não autores da nossa história, que é feita sempre em coautoria.

Essa perspectiva rompe com o modo de compreender da psicologia e de outras áreas das ciências humanas que responsabilizam os homens individualmente por sua constituição. Assim, as histórias que as narrativas contaram nessa pesquisa nos convocam a refletir sobre a prática psicológica, de modo global, e especialmente em instituições de acolhimento, apontando para a importância de que se considere a coautoria como constitutiva da existência humana, pois, como afirma Arendt (2016), nos singularizamos a partir da pluralidade, uma vez que cada ação iniciada é acolhida e continuada pela teia de relações, tornando-se necessariamente uma responsabilidade conjunta.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

ANDRADE, Ângela Nobre; MORATO, Henriette Penha; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia. In: **Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia**. Vitória: GM Editora, 2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/99013/mod_resource/content/1/PESQUISA_INTERVENTIVA_EM_INSTITUICAO.doc>. Acesso em: 13 fev. 2017.

ANDRADE, Ângela Nobre; MORATO, Henriette Tognetti Penha. Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. In: **Estudos de psicologia**, Natal, v. 9, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200017>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

APROXIMAR. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

ARENDT, Hannah. **Da revolução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988 (Série Temas, v. 5, Estudos Políticos).

_____. **Compreensão e política e outros ensaios**. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001.

_____. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002a.

_____. **A dignidade da política**. Tradução Helena Martins et al. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002b.

_____. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Coleção Debates).

_____. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. Revisão e apresentação: Adriano Correia. 12. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

AUN, Heloisa Antonelli; MORATO, Henriette Tognetti Penha. Atenção psicológica em instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In: MORATO, Henriette Tognetti Penha; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares; NUNES, André Prado. (Coord.). **Aconselhamento psicológico na perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2012. cap. 9, p. 121-138.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1).

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 5 de outubro 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. **Lei Orgânica da Assistência Social**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742compilado.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

_____. Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009. **Dispõe sobre a adoção**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm>. Acesso em: 01 jun. 2016.

_____. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Brasília-DF: Conanda, 2006. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Plano_Defesa_CriançasAdolescentes%20.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 01 jun. 2016.

_____. **Primeira pesquisa censitária nacional sobre crianças e adolescentes em situação de rua**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://portal.arquivos.saude.gov.br/images/pdf/2015/agosto/14/Pesquisa-Censitaria-Nacional-sobre-Crianças-e-Adolescentes-em-Situacao-de-Rua-Mar-2011.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

CAPELI, Renata Andrade; WALCKOFF, Simone; SZYMANSKI, Luciana. **A prática do encontro reflexivo: diálogo e reflexão**. In: III Congresso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología - XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011. Disponível em: <<https://www.aacademica.org/000-052/600.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Educação, uma herança sem testamento: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017. 120 p.

_____. A liberdade educa ou a educação liberta? Uma crítica das pedagogias da autonomia à luz do pensamento de Hannah Arendt. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 839-851, dec. 2010. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28266/30105>>. Acesso em: 10 out. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022010000300013>.

_____. Direitos humanos como núcleo de uma formação ética. In: CONGRESSO ANUAL DE EDUCAÇÃO, 19., 2015, São Paulo. **Palestra...** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RWIpDQd-tOo>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

CONFIANÇA. **Origem da palavra.** Disponível em:
<<http://origemdapalavra.com.br/site/?s=confian%C3%A7a>>. Acesso: agosto/2017

CORREIA, Adriano. In: CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Educação, uma herança sem testamento:** diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017. Apresentação, p. XIII-XXI.

CORREIA, Adriano. Natalidade e amor *mundi*: sobre a relação entre educação e política em Hannah Arendt. **Educ. Pesqui.** [online]. 2010, vol.36, n.3, pp.811-822. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022010000300011>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000300011> acesso em: 19 dez. 2017.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido:** uma aproximação de interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **História pessoal e sentido da vida:** historiobiografia. São Paulo: Educ/Fapesp, 2012. 104 p.

FERREIRA, Frederico Poley Martins; MACHADO, Sulamita Crespo Carrilho. Vidas privadas em espaços públicos: os moradores de rua em Belo Horizonte. In: **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 28, n. 90, p. 102-120, jun. 2007.

GONÇALVES-FILHO, José Moura. Prefácio: A invisibilidade pública. In: COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis:** relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos.** 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. In: **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. Disponível em:
<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>>. Acesso: 10 jun. 2017.

_____. **O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro.** Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/ep403/txt3.htm>>. Acesso: 02 dez. 2017. [2004?].

LEAL, Luciana Nunes. Combate à pobreza foi o maior feito do PT. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 maio 2016. Disponível em:
<<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,combate-a-pobreza-foi-o-maior-feito-do-pt,10000050641>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

LÉVY, André. **Ciências clínicas e organizações sociais:** sentido e crise do sentido. Tradução Eunice Dutra Galery, Maria Emília A. Torres Lima, Nina de Melo Franco. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2001, 224 p.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia:** fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1994.

MORAIS, Normanda Araújo de; PALUDO, Simone; KOLLER, Sílvia. Famílias de crianças e adolescentes em situação de rua. In: MORAIS, Normanda Araújo de; NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena (Org.). **Endereço desconhecido:** crianças e adolescentes em situação de rua. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. cap. 6, p. 177-211.

MORATO, Henriette Tognetti Penha; SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO, Henriette Tognetti Penha (Org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa:** novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Assembléia Geral. Resolução 44/25 da Assembléia das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989 e ratificada pelo Brasil em 24 de setembro de 1990. Promulgada pelo Decreto 99710, de 21 de novembro de 1990. **Convenção sobre os Direitos da Criança.** Disponível em <<http://www.ohchr.org/english /law/crc.htm>>. Acesso em: 20 set. 2016.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31. Disponível em: <<http://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil:** percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004. 88 p. Disponível em: <http://www.editora.vrc.pucRio.br/media/ebook_institucionalizacao_de_crianças_no_brasil.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 496 p.

RUA, Maria das Graças. **Políticas públicas.** Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2009. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36102140/Apostila_GP_-_Políticas_Publicas.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=151111729&Signature=KkL2Y2FUfJhzOzZqNWBovB5taml%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPOLITICAS_PUBLICAS.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2017.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça.** Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. Disponível em: <<https://docslide.com.br/documents/serres-michel-filosofia-mestica-562a671852001.html>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

SILVA, Ítala Daniela. **O Velar como des-vela-dor da vida:** a possibilidade da natalidade (re)velada no plantão psicológico. 90f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco: UNICAP. Recife, 2016.

SIQUEIRA, Aline Cardoso et al. Experiência das casas lares: uma alternativa possível para crianças e adolescentes em situação de rua. In: MORAIS, Normanda Araújo de; NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena (Org.). **Endereço desconhecido**: crianças e adolescentes em situação de rua. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. cap. 19, p. 499-528.

SZYMANSKI, Heloisa; CURY, Vera Engler. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. In: **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 355-364, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200018>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SZYMANSKI, Heloisa; SZYMANSKI, Luciana. O encontro reflexivo como prática psicoeducativa: uma perspectiva fenomenológica. In: **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 19, n. 1, p. 9-22, jan./jul. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/1594/1120>>. Acesso em 17 fev. 2017.

SZYMANSKI, Heloisa. A prática reflexiva em pesquisa com famílias de baixa renda. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos: a pesquisa qualitativa em debate, 2. Bauru, SP: SE&PQ. **Anais....** Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IIIsipeq/anais/pdf/gt1/06.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PRANDINI, Regina Célia Rego. **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002, 87 p.

WALCKOFF, Simone Dalla Barba. **As possibilidades do pensamento de Hannah Arendt na prática psicológica**. Curitiba: CRV, 2016, 94 p.

WALCKOFF, Simone Dalla Barba; FARIAS, Reginaldo de Jesus Costa. A fabricação do conhecimento científico: a necessidade do fenômeno da genialidade a partir da Idade Moderna. In: FARIAS, Reginaldo de Jesus Costa (Org.); WALCKOFF, Simone Dalla Barba (Org.). **Reflexões sobre a ciência**: diferentes perspectivas. Curitiba: CRV, 2016. P. 177-185.

WALCKOFF, Simone Dalla Barba; SILVA, Itala Daniela. In: WALCKOFF, Simone Dalla Barba. **As possibilidades do pensamento de Hannah Arendt na prática psicológica**. Curitiba: CRV, 2016. Posfácio, p. 75-87.